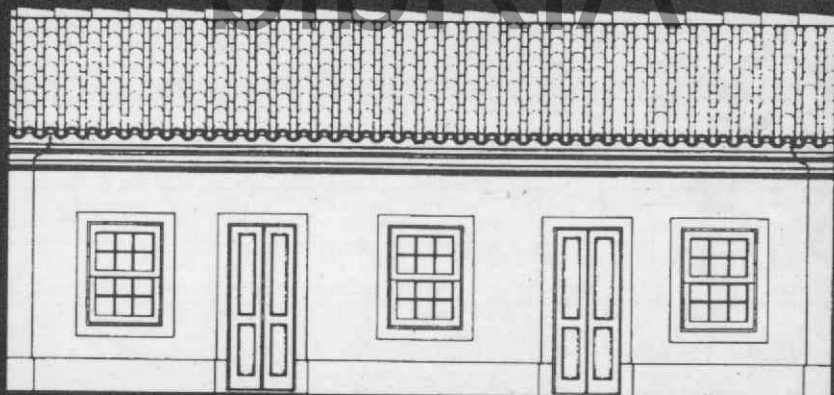


ARSÉNIO MOTA

ANTÓNIO DE CÉRTIMA

VIDA * OBRA * INÉDITOS

bibRIA



Figueirinhas

Arsénio Mota

BIBLIOTECA DE AUTORES BARRADINHOS

Volume anterior desta coleção:

ESTUDOS REGIONAIS (SOBRE A BARRADA)

por Arsénio Mota

ESTUDOS DE TOPONÍMIA DA BARRADA

por Joaquim de Sá

ANTÓNIO DE CÉRTIMA

VIDA • OBRA • INÉDITOS

bibRIA

O Arsénio Mota (Vide-Os)

Collecção: Biblioteca de Autores Barradinhos

Capa: Capa em que aparece António de Cértima (Foto: Olli Rönkä)

Impressão feita por Arsénio Mota (Câmara Municipal do Bairro)

Bolões: Bolões (Fotografia)

Has do Alameda 47 — 4000 PORTO

Rua da Foz, 200 2º — 1000 LISBOA

Data 1ª edição: Janeiro, 1994

Impressão: Imprensa 1, Porto

Deposito Legal: 112/1994

A EDIÇÃO DESTA LIVRO TEM O APOIO DA
CÂMARA MUNICIPAL DE OLIVEIRA DO BAIRRO

Impressão: 1ª e 2ª edições

BIBLIOTECA DE AUTORES BAIRRADINOS

Volumes anteriores desta colecção:

ESTUDOS REGIONAIS (SOBRE A BAIRRADA)
por Arsénio Mota

ESTUDOS DE TOPONÍMIA DA BAIRRADA
por Joaquim da Silveira

ANTÓNIO DE CÉRTIMA

bibRIA

© Arsénio Mota (Vida-Obra)
Colecção Biblioteca de Autores Bairradinos

Capa Casa em que nasceu António de Cértima (Gesta, Oiã; Reconstituição pelo arqº António Manuel Cruzeiro Natal Garcia)

Edição Livraria Figueirinhas
Rua do Almada, 47 — 4000 PORTO
Rua da Prata, 208-2º — 1000 LISBOA

Data 1ª edição Janeiro, 1994

Impressão Humbertipo / Porto
Depósito Legal 73297/93

A EDIÇÃO DESTE LIVRO TEM O APOIO DA
CÂMARA MUNICIPAL DE OLIVEIRA DO BAIRRO

Arsénio Mota

OBRAS DO AUTOR:

(Instituição, como Arsenio de Buitoni)

ANTÓNIO DE CÉRTIMA

VIDA * OBRA * INÉDITOS

bibRIA

Figueirinhas / Porto / Lisboa

OBRAS DO AUTOR:

(poesia, como Arsénio de Bustos:)

O Canto Desconforme, Coimbra, 1955.

Hoje com Harmonia Dentro, Coimbra, 1956.

A Voz Reencontrada, Porto, 1978.

Biografia Fantástica, crónica-ficção, Aveiro, 1960.

Besouro na Floresta, contos, Saturno, Porto, 1962.

Sol para Todos, contos, Ed. Razão Actual, Porto, 1972.

Burlescarias, crónicas, Jornal do Fundão Ed., 1974.

Burlescarias II, crónicas, Liv³ Ler, Lisboa, 1975.

Bustos - Elementos para a sua História, ed. ABC de Bustos, 1983.

Som de Origem - Arte d'escrita, Livros Horizonte, Lisboa, 1985.

A última Aposto, contos, Livros Horizonte, Lisboa, 1987.

Artistas ao Norte, Porto Editora, 1989.

Júlio Resende - A Arte Como/Vida, Liv³ Civilização, Porto, 1989 (org. e co-autor).

Letras Bairradinas - Antologia, ed. AJEB, Anadia, 1990.

Estudos Regionais (sobre a Bairrada), Liv³ Figueirinhas, Porto, 1993.

O Museu no Sótão, crónicas, Liv³ Figueirinhas, Porto, 1993.

Crónicas de Todo o Ano, crónicas, a sair.

Contos para Crianças:

Os Segredos do Subterrâneo, Prémio Ano Internacional da Juventude, ilust. Ivone Ralha, Ed. Um de Outubro, Lisboa, 1986, esgotado.

História com Ratos da Paspalhóvia, ilust. Manuela Bacelar, Ed. Afrontamento, Porto, 1986.

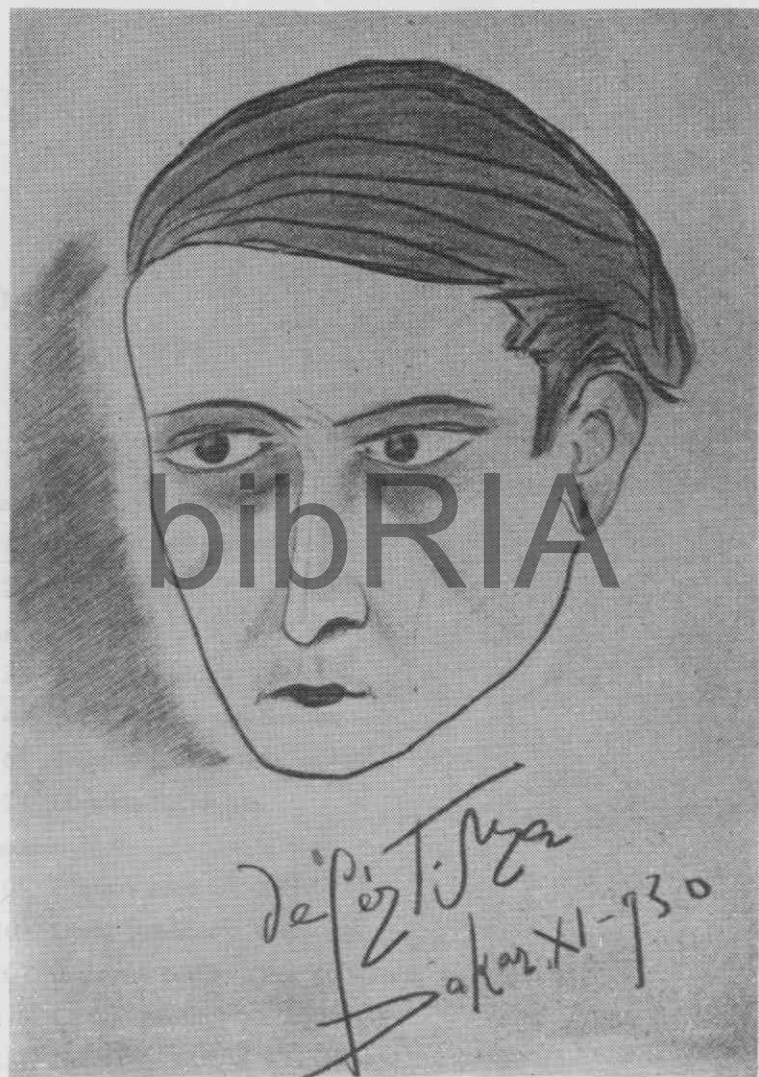
Histórias com Historinha Dentro, ilust. Júlio Resende, Liv³ Figueirinhas, Porto, 1986.

A Roda Que Saiu dos Eixos, ilust. Luísa Brandão, Ed. Asa, Porto, 1987.

A Sopa das Nove Letras, ilust. Emerenciano, Porto Ed., 1988.

Tenho uma Ideia, ilust. Júlio Resende, Porto Ed., 1989.

A Nuvem Cor-de-Rosa, ilust. Júlio Resende, Ed. Asa, Porto, 1989; 2ª ed., 1993.



OBRAS DO AUTOR

BRASIL, 1900-1910 (Rio de Janeiro)



bibRIA

BRASIL, 1900-1910

INTROÍTO

ÍNDICE

11 Intróito

ASCENSÃO

15 O berço bairradino

27 O jornalista

APOGEU

33 Epopeia maldita

43 Poeta, cônsul em Sevilha

63 Trajectória sem fim

77 O poeta-ficcionista

DECLÍNIO

95 Últimos anos

103 Obras publicadas e inéditas

107 Algumas colaborações publicadas na Imprensa

115 Cronologia biobibliográfica

137 Notas

145 Selecção de inéditos de António de Cértima

bibRIA

ÍNDICE

II	Introdução
III	Objetivos
IV	O projeto
V	O trabalho
VI	Aspectos metodológicos
VII	Epopeia medieval
VIII	Poeta e poeta em Sevilha
IX	Tratado de rimas
X	O poeta-doutor
XI	Conclusão
XII	Últimas notas
XIII	Obra publicada e inédita
XIV	Algumas correspondências publicadas em português
XV	Crônicas e historiografia
XVI	Notas
XVII	Sobre o trabalho de António de Oliveira

INTRÓITO

O presente livro pretende evocar o escritor António de Cértima, focando-lhe a obra literária e a trajectória biográfica. Esta é sempre parte daquela mas aqui torna-se especialmente inseparável. Com efeito, cedo o Autor resolveu escrever apenas sobre experiências realmente vividas.

Esta evocação justifica-se pela necessidade: sabe-se demasiado pouco de Cértima. O autor da *Epopeia Maldita* (1924) faleceu há perto de dez anos, tão discretamente que quase ninguém o pôde notar no domínio público. As memórias da gente são sempre pecas e frágeis, mas outros factores circunstanciais determinaram o gradual apagamento da sua presença. Cértima não pertence apenas ao tempo balizado pelas duas grandes guerras. Foi autor notório na ribalta nacional durante outras décadas posteriores, publicou cerca de uma trintena de títulos ao longo de mais de meio século de actividade literária (entre 1914 e 1970, exactamente), mas a própria longevidade que alcançou no meio das acelerações do tempo cada vez mais vertiginoso concorreu para o arredar por fim das circulações culturais, primeiro da sua Bairrada natal e depois do «seu» Chiado.

Viveu 89 anos: combateu na Primeira Grande Guerra, esteve presente no agonizar da I República, colaborou intensamente nos jornais, foi cônsul decano em Sevilha durante os conturbados anos da Guerra Civil espanhola, assistiu à Segunda Grande Guerra e à «guerra fria» que se seguiu, viajou e conviveu bastante com personalidades da sua época, fazendo-se reconhecer como «escritor

do Chiado»... Hoje, porém, o seu nome não terá eco no tímpano do leitor comum e o próprio Chiado entrou em eclipse enquanto centro cultural e mundano. Os seus livros, outrora por vezes reeditados com enorme sucesso, desapareceram todos do mercado e raramente surgem nos alfarrabistas. Aparentemente, dir-se-á, António de Cértima morreu enquanto escritor antes mesmo de falecer enquanto pessoa, mas só quem encha os olhos com aparências poderá não ver mais. A sua mão, animada por uma inteligência pronta, fogosa e plena de sentimentos fortes, mesmo de paixão, nunca se afez ao repouso. A personalidade de Cértima, rica e complexa, ávida de sensualidade e exuberância, mas também algo esquiva e ambígua, vocacionava-o fortemente para a acção. Foi homem do seu tempo e, apesar de tudo, vendo bem, conseguiu manter uma grande coerência. No espólio que deixou encontramos livros de poesia, de ficção e de reflexão ontológica que o tempo não vai poder afastar com facilidade da melhor estante, além de meia dúzia de obras inéditas. São também de poesia, ficção e várias outras obras, por exemplo uma peça de teatro, que preparou nos anos derradeiros.

Quem estas linhas redige entrou há tempos em contacto com esse espólio depois de percorrer passo a passo um trilho que se foi abrindo em caminho largo talvez demonstrativo de que a memória nem sempre será tão peca nem tão frágil como se diz. Aconteceu, de facto, que o nome do escritor, um dia citado na sua região natal como tendo falecido havia anos, acordou ressonâncias na outiva e curiosidade nas meninges. Em 1989, evocámos António de Cértima no 2º Encontro de Escritores e Jornalistas da Bairrada e, no Encontro do ano seguinte (1990), foi-nos possível lançar a ideia da comemoração do centenário do seu nascimento.¹

O autor da *Epopéia Maldita* nasceu a 27 de Julho de 1894, no lugar da Gesta, freguesia de Oiã, concelho de Oliveira do Bairro. A publicação do presente livro, sobre a sua vida e obra, integra-se naturalmente no quadro da comemoração projectada, servindo também, de algum modo, para a abrir e justificar. António de Cértima não morreu de todo! E promete «ressuscitar» agora, à plena luz, pelo menos para aqueles que desejam conhecer «quem morreu» como condição inalienável de quem se quer vivo para todos os efeitos.

O BERÇO BAIRRADINO

UMA pessoa que pretenda saber quem foi António de Cértima e vá, em busca de informação, às obras correntes de consulta (um dicionário de autores, uma grande enciclopédia, porque livro não encontra), vê-se condenada à maior frustração. Poucas são as que referenciam o Autor e, em regra, com flagrantes inexactidões. É este o caso do *Dicionário de Literatura* de Jacinto do Prado Coelho, que dá o Autor como nascido no ano de 1895, em vez de 1894, citando-o apenas como autor de narrativas de viagens em África, ou da *Grande Enciclopédia*, que no vol. 40 também o diz nascido naquele mesmo ano, mas em **Cértima**, lugar (inexistente) da freguesia do Troviscal, Oliveira do Bairro, concelho onde ele realmente nasceu, sim, no lugar da Gesta, freguesia de Oiã, e não é único este seu deslize.

As histórias de literatura, por outro lado, tendem a omiti-lo sistematicamente (concedamos: com mais motivo, porque reflectem mais ou menos um gosto e um critério selectivos assumidos pelo historiador), pelo que, em conclusão, a sombra estendida por cima do Autor acaba por envolver também a pessoa indagadora.

Tanta omissão, tanta negligência, carregam de algum modo o traço enigmático que parece caracterizar António de Cértima. Sabe-se pouco dos anos da infância vividos no ambiente aldeão do lugar onde nasceu e nem sequer restam fotografias que no-lo apresentem, menino, integrado no ambiente doméstico. O seu pai, António Francisco Cruzeiro, era proprietário rural e, por consequência,

agricultor, mas dedicava-se também ao comércio, pois possuía uma loja da qual cuidava principalmente sua mãe, Thereza Pereira Gomes. Não é difícil, porém, imaginar a infância de António nos primeiros anos deste século, crescendo de olhos abertos para tudo o que o rodeava, vendo ao fundo as serras do Caramulo e do Buçaco, e indo numa corrida molhar os pés nas águas quietas da Pateira.

No meio rústico da sua freguesia natal, o menino não terá podido ter uma infância diferenciada da que então e ali era corrente. Por certo, foi no termo da instrução primária, em Oiã, que os seus dotes de inteligência começaram a ser notados. António, adolescente, distinguiu-se dos outros porque revelava «uma queda para as letras». Ajudava a mãe na loja e sonhava. Assim despertou atenção, e Acúrcio Correia da Silva, mais velho uns cinco anos, deve tê-lo notado depois de publicar a sua estreia (*Dor e Luz*, 1912) e se ordenar presbítero no Seminário de Coimbra. Nascido no Cercal, Oliveira do Bairro, e a exercer em seguida o sacerdócio em Sangalhos, o padre Acúrcio desempenhou sem dúvida um papel importante no processo da decisão familiar que libertou o filho do casal de negociantes da Gesta da vida que o esperava, fazendo-o prosseguir os estudos em Aveiro. Pôde deste modo frequentar o Liceu da cidade. Com o apoio do jovem padre-poeta, António relacionou-se com gente letrada da região, ampliou as leituras e, muito cedo, começou a publicar versos em jornais. A Bairrada, no início da Primeira Grande Guerra (1914), após a instauração do regime republicano, palpitava no lirismo de muitos cantos que se faziam ouvir em letra de imprensa e em voz alta, por salões e arraiais, com borbulhante garrulice. Devia-se isto, em grande medida, ao padre-poeta, indivíduo congregador, de personalidade irradiante e activa, que soube ser na região um extraordinário animador cultural. Foram companheiros e amigos até 1925, ano em que o padre-poeta faleceu com 35 anos de idade.

Sob a influência directa de Acúrcio Correia da Silva (que publicou *Serodas Fulvas* em 1915, livro inovador por manifestar um forte apelo a favor de uma literatura «bairradina»), António deu à estampa a sua primícia literária um ano antes, em 1914. Intitulado *Marília*, o livrinho é um «quadro dramático» muito romântico que o Autor, então com 20 anos, dedica «A ti / ao teu corpo de Sol e de Primavera», fazendo decorrer a acção, incipiente e frouxa, «na

Bairrada — a minha linda “Região dos Pâmpanos” (actualidade)». Não por acaso, o livrinho saiu da tipografia coimbrã onde o padre-poeta publicou as suas duas obras e, tendo desaparecido radicalmente do espólio do Autor, figura com mais de um exemplar na biblioteca do padre Acúrcio.²

Marília põe singelamente em cena uma «moça e formosa» de 18 anos à espera do namorado, «poeta de 20 anos», e o diálogo que depois estabelecem culmina com uma confissão de recíproco amor. É fácil perceber aqui um vestígio autobiográfico: o jovem poeta ficcionado será o próprio Autor da poesia, a despontar imbuído da sua natureza ardente, e a coisa amada tanto pode ser a moça formosa achada algures, por ali perto, como pode ser a região bairradina.

O mais interessante, nesta obra de estreia, é o facto de António de Cértima a assinar com o nome de António Augusto Cruzeiro. A singularidade avulta tendo presente que no mesmo ano de 1914, exactamente a 20 de Junho, o Autor publicou no jornal «O Brado», de Ílhavo, a poesia «O delfrio de Pan», datada da «Giesta, Junho de 1914», assinada exactamente com o nome pelo qual o conhecemos. Aliás, António de Cértima nunca mais tornou a usar, ao que julgamos, aquele nome numa produção literária. Pôs mesmo bastante empenho, ao longo dos anos, em reivindicar o apelido de **Cértima** (denominação de rio que corre à ilhargá de Oiã) em todas as acções da sua vida civil.

Não se tratava, portanto, para ele, de um pseudónimo literário, conforme por vezes alguém chegou a insinuar. O nome civil completo que manteve — de António Augusto Cruzeiro de Cértima — torna-se de facto inquestionável porque naquele tempo (1894) os baptizados eram inscritos na Conservatória do Registo Civil apenas com o nome próprio e os nomes completos dos progenitores, dos quais o descendente escolheria, digamos livremente, os respectivos apelidos. Deste modo se gerou uma questiúncula já antiga e com algum travo de azedume, que consiste em discutir se é legítimo ou se é pseudónimo o apelido de **Cértima**.

Concretamente, a certidão que se obtem na Conservatória do Registo Civil de Oliveira do Bairro sobre o Autor alude ao baptismo de **António** em 5 de Agosto de 1894, na igreja paroquial de S. Simão de Oiã, e aos registos posteriores, de casamento e falecimento. Não regista, portanto, o seu nome completo.

Uma pesquisa de documentos relacionados com a sua adolescência e primeira juventude, nomeadamente os abrangidos pela sua frequência do Liceu e o serviço militar, períodos de que restam escassas e muito incertas memórias, decidiria a questão em termos definitivos. Mal tal pesquisa é para nós inviável nas actuais circunstâncias e, de qualquer maneira, no fundo, o pormenor pode passar hoje como irrelevante. Note-se apenas que o Autor não tornou a assinar nenhuma outra produção literária conhecida com o nome que após na sua estreia.

Maior importância teria, para o futuro, a publicação em «O Brado» (4/7/1915) da poesia «Delfrio ritual da tarde», assinada, claro, por António de Cértima e com retrato do Autor datado de 1913. Uma nota refere que se trata de uma poesia das *Paisagens Líricas*, «livro inédito acabado de preparar». Ora, em *Marília*, ele já se abonava com nada menos de seis outras obras a sair, a seguir e já preparadas, das quais, todavia, pouco rasto ficou corporizado, e casos destes repetiram-se ao longo de toda a sua carreira. Digamos, pois, que o Autor projectou muito, assaz poeticamente, e que executou em escala bem menor apesar de haver publicado uns trinta títulos.

Porém, o «Delfrio ritual da tarde» importa por via de uma motivação mais substancial. Ostenta uma dedicatória que o tempo viria a tornar marcante, nestes termos: «À “Plêiade Bairradina” / — a todos vós, rapazes / — à vossa alma de artistas».

O pormenor torna-se significativo porque o grupo organizado pelo padre Acúrcio Correia da Silva em 1918, ou seja, uns três anos depois da publicação da poesia com esta dedicatória, adoptou exactamente a denominação de «Plêiade Bairradina». O padre-poeta consagrou-se perante todos e para sempre como o «fundador» do grupo cuja fulguração cultural deixou na região uma cintilação memorável, mas não há dúvida de que o padrinho de baptismo respectivo foi António de Cértima. Nesta base, aceitemos à boa paz que a este se deveu a denominação da «Plêiade Bairradina» e ao padre-poeta coube a iniciativa da sua organização e funcionamento.³

A dedicatória do «Delfrio ritual da tarde», na última linha, vale ainda pela manifestação de uma atitude de princípio do jovem António de Cértima. Com efeito, ao enaltecer a «alma de artistas» dos abundantes líricos que naquele tempo poetavam pela planície

da Bairrada, o Autor exteriorizava simultaneamente uma ânsia de esteta que viria a manter sempre. Ficou mesmo a constituir um dos seus traços de carácter mais vinculados, junto com a propensão para o comportamento apaixonado e para a acção ardente.

Aliás, foi esta vontade de acção que o terá levado a alistar-se no Exército por volta de 1912, a crer em alguns indícios sem demonstração documental e que em 1924, quando ele perfazia os 30 anos, eclodiu vigorosamente com a publicação de *Epopéia Maldita*, livro-libelo que foi o seu primeiro **best-seller**. O Autor definia-se então com vigorosa frontalidade: «Combatente fui e combatente continuo a considerar-me». E tão intensa vontade de acção, de intervenção, alimentou-lhe, conforme veremos, a vida inteira.

Entre o pouco que se sabe de forma segura acerca deste período juvenil, aparece o serviço militar que prestou em Mafra. Em Junho de 1916, com perto de 22 anos, embarca no «Zaire» como expedicionário para combater em Moçambique o inimigo alemão no contexto africano da Primeira Grande Guerra. Das vicissitudes tremendas desta missão militar fala justamente a *Epopéia Maldita*.

Sabe-se também (porque ele próprio o regista no livro autógrafo intitulado «Memórias psíquicas duma Alma, estereotipadas pelo Tempo em Dôr e Tristeza na chapa viva da Ausência, através do sertão africano», uma espécie de diário poético «de casos íntimos, de dôr, de tédio, de saudades, sem prestígio perante os homens do mundo mas amado pelo autor, que o Viveu e Sofreu», conforme escreve), sabe-se, dizíamos, que foi louvado e promovido a 2º sargento no seu Regimento de Infantaria 28, ainda em Moçambique, e que em Julho de 1918 está de regresso à pátria para, logo em Setembro, integrar a «Plêiade Bairradina» e participar nas actividades do grupo, que começou a promover sessões de poesia, palestras, exposições de arte, espectáculos teatrais e musicais, chegando mesmo a ter, em 1919/20, como seu órgão, o jornal «Gente Nova», que teve sede em Oliveira do Bairro e do qual António de Cértima foi redactor junto com Manuel Correia da Silva, irmão do padre-poeta.

É de supor que Cértima terá retomado nesta altura os estudos liceais para os completar, talvez depois de os deixar interrompidos eventualmente em 1912 para ir alistar-se no Exército. Aventa-se a hipótese, dado que por ora não é possível ir mais longe. De qualquer modo, reencontramos o Autor em Aveiro entre 1919 e 1921,

revelando a presença da forma habitual: data de «Aveiro, Natal de 1919» o excerto «O manuscrito dos sonhos», de um livro de contos em preparação intitulado *Terra Ardente*, publicado pela revista «Terra dos Ílhavos»⁴ no ano seguinte; em 1921, com data de Abril, «Talábriga, revista d'arte e acção regional» publica em Aveiro o seu nº 1 (único), tendo como secretário António de Cértima; em Junho deste ano, o jornal aveirense «Campeão das Províncias» nº 6748 publica em separata «Sinfonia de uma noite de ritmos» com texto do Autor e desenhos de Cunha Barros alusivos a um baile realizado (por finalistas?) no Liceu.

Ainda na cidade de Aveiro, regista-se a publicação de uma pequena **plaquette** em 1920, *O fado das capas - Serenata de amor*. É um quadro cénico muito breve, com figuras de estudantes sentados ao luar; um deles (Guerra Morais) canta versos de Cértima musicados por Arménio Lafayete no designado «Primeiro Sarau Dramático-Literário da Associação Académica de Aveiro». O sarau terá sido organizado pelo próprio Autor e ocorreu na noite de 6 de Março, com dedicatória «a todas as Donas desta clara cidade de Marinhas e Canais». Curiosamente, na lista das suas obra posteriores, o Autor incluiu muitas vezes o título de *Serenata de amor* com a data de 1919 e a indicação de se encontrar fora do mercado. Mas não chegou a encontrar-se algures, até à data, um único exemplar de tal obra, o que a torna intrigante. Será a mesma de *O fado das capas*, ou seja, da **plaquette** que referimos?

Ainda no ano de 1919, depois de passar pelo Porto e de contactar com o grupo da Renascença Portuguesa, Cértima tira do prelo um livro de poesia intitulado *Bodas de Vinho*.⁵ Tem 25 anos, sente-se causticado pelas feridas da guerra e em idade casadoira, pretenderá portanto afirmar enfim toda a sua estatura de poeta, de artista da palavra. E o livro, publicado com a chancela da «Plêiade Bairradina» e capa de Cunha Barros, denota o cuidado posto na edição, da qual foi feita inclusive uma tiragem especial de dez exemplares, numerados e rubricados pelo Autor. Oferece «este livro pagão» à Bairrada, sua Terra, «Região do Sol e dos Pâmpanos», não se esquecendo também de «todos os bêbados da Côr e dos Poentes, todos os ébrios da Beleza e dos Oiros espirituais, que, num mysticismo ardente e pagão, desvairam de divino prazer na Orgia rythmica da Arte!»



1.º ANO

Oliveira do Bairro, 28 de Junho de 1919

N.º 15

Gente Nova

Propriedade da empresa da
"GENTE NOVA"

Orgão da "Pleíade Bairradina."

Redacção e Administração
OLIVEIRA DO BAIRRO

DIRECTOR

Dr. Albino Pinto Gacibo

REDACÇÃO

Antonio de Cármona

Manuel Correia da Silva

ADMINISTRADOR E EDITOR

Albano Figueira da Cruz

Comp. e Imp. - Typ. "Minerva Central" - Aveiro

Publicado aos sábados

Em cima: retrato do Autor na capa de "Volúpia do Mar", 1925.

Insinua-se por aqui o pendor do esteta no acto de cantar o vinho da planície bairradina como um elemento dos mais caracterizadores da região, o que sintoniza plenamente o postulado fundamental do grupo organizado pelo padre-poeta. Pela primeira vez, a Bairrada erguia-se na voz dos seus autores em busca da identidade cultural que era sua, em especial graças ao denodo do principal mentor do grupo que à frente ia rasgando o caminho.⁶ Cértima, além de invocar à entrada a sua «Plêiade», dedica com gesto significativo um grande número de poesias a companheiros e amigos da região embora date do Porto (Primavera de 1914) a feitura da obra. No pórtico cita Armando Esteves, e seguidamente temos Celestino Gomes (João Carlos na arte), Albino Pinto Coelho, Adolfo Portela (que declara o maior poeta vivo da «Terra dos Pâmpanos»), Manoel Faria de Almeida, Horácio de Vouga, Albano Cruz (que viria a compor a música do «Hino da Bairrada»), Edmundo Seabra Cancela, Alberto Roque de Figueiredo, Joaquim Rodrigues Lourenço, Sálcio Bairrada (pseudónimo do padre Acúrcio Correia da Silva), Alberto Tavares, a «sua Malia», Fernando de Melo Costa e Almeida, Alexandre de Córdova, Silva Bussaco, David Rocha, Alexandre do Amaral, Garcia Pulido e António Barata. É uma grande enfiada de nomes (nem todos, afinal, de bairradinos: Alexandre de Córdova, por exemplo, era um poeta salvo erro radicado em Amarante), mas têm interesse porque recordam algumas figuras em destaque na época, indicando, por outro lado, como o Autor já se relacionava com outros situados dentro ou fora da sua região natal.

António de Cértima esperava muito deste livro, que por isso colocava sob a égide de um círculo de amizades, e quando as suas expectativas se malograram, sobreveio um incidente que teve efeitos duradouros. Naturalmente, pessoas como João Grave, Leite de Vasconcelos, Fidelino de Figueiredo e Adolfo Portela, entre outras, a quem ofereceu o seu livro, disseram ao Autor, por carta e nos jornais, as amabilidades da regra, que ele registou em livro branco encadernado para o efeito. Mas as críticas choveram. Um extenso artigo assinado por R. L. (tudo sugere que se trata de Rodrigues Lapa), publicado pelo «Povo de Anadia», apontou-lhe, por exemplo: «A preocupação do mito clássico não dá lugar no seu livro a uma referência, embora de longada, à terra bairradina. É pena, porque

:ANTÓNIO·
·DE·CERTIMA:



:EDIÇÃO·DA·
·PLEIADE·BAIRRADINA:

foi esse olôr forte do torrão que nos embriagou nas **Seroadas Fulvas** de Sálcio Bairrada; as "Bodas" encantam mas, apesar do título, não embebedam.»

Na «Soberania do Povo» (Águeda), Torres d'Olinto comentou: «A verdade é que o seu livro já não foi feito para mim. (...) Eu conheci-o já ha muito. N'esse tempo recitava V. o Melro vestido de caçador galante, escrevia revistas picarescas e namoriscava quantos olhos pretos se pasciam na verdura seivosa da Bairrada. (...) V. hoje é outro. Não escreverá mais nenhum livro assim.»

Até no «Gente Nova», o próprio jornal onde Cértima era redactor, um colaborador, Alexandre do Amaral, desancou o livro num tom cortês. Num artigo de tamanho inusitado, com o título de «As Bodas de Vinho e a Ideia Bairradina», o crítico, também poeta, condena o título, condena a mitologia grega e as evocações neo-clássicas tão ao gosto do Autor; aduz que o livro foi escrito «antes que a Ideia bairradina lançasse o seu pregão clamoroso pela boca inspirada de Sálcio» e afirma: «Não é ainda a Bíblia da região, mas é digno de figurar entre os seus livros sagrados, de ser lido e decorado com amor por toda a gente da Bairrada.»

O jovem António de Cértima terá ficado ferido nos seus sentimentos mais vulneráveis e no seu orgulho. Era um rapaz de estatura mediana, moreno e de olhos profundos e negros como os seus abundantes cabelos. Subia a pulso as escarpas da vida, aprendendo muito e depressa, assimilando influências e forjando o seu estilo próprio com uma ânsia de chegar mais além. Com Acúrcio Correia da Silva (Sálcio Bairrada), pretendia erguer a região ao plano da arte e... os resultados viam-se. Estalavam rivalidades e atritos surgiam no interior da «Plêiade», apesar dos bons officios do padre-poeta. Cértima voltou-se a pouco e pouco para o exterior.

No entanto, a revista «Nós» (Ourense) também não o poupou. Embora publicasse ali um soneto⁷ graças às relações existentes entre o grupo da Renascença Portuguesa, nomeadamente Teixeira de Pascoaes, e escritores da Galiza, a revista repudiou o livro de Cértima sem nada lhe poupar. Numa rápida, demolidora nota crítica, «Nós» invectivou o imaginário pagão da mitologia greco-romana que inspirava o Autor, pois a tendência geral do grupo da revista virava resolutamente as costas à herança clássica para abraçar os valores culturais célticos. Nesta época, o Autor já alimentava o projecto de

escrever a *Epopéia Maldita*, pois a isso se refere textualmente por exemplo Alexandre do Amaral, companheiro da «Plêiade» e do jornal «Gente Nova», em 1919. Foram-se somando, deste modo, na vontade de Cértima, os impulsos que acabaram por o sacudir da Bairrada.

Em Janeiro de 1921 ainda discursou na inauguração do Grémio Literário e Recreativo do Travassô (Águeda), num acto em que participam também Laudelino Miranda Melo e outros autores novos. Os ideais da primeira República refulgiam então pela província, apesar das sombras que se adensavam no país. Em Setembro, António de Cértima organizou, em nome da «Plêiade Bairradina», uma «festa de arte» no Casino da Curia. Cunha Barros expôs «trabalhos modernistas e de estilização de motivos regionais», segundo noticia o jornal «O Democrata» (Aveiro), certamente informado pelo Autor.

Ainda em 1921, Cértima junta-se aos drs. Lourenço Peixinho e Alberto Souto, e a Homem Cristo, entre outras personalidades, numa homenagem ao dr. António Granjo ao que parece realizada em Aveiro. O jovem Autor destaca-se num crescendo de influência. A crer em indicações não documentadas, foi então proposto para o cargo de administrador do concelho de Águeda, que aceitou e terá exercido durante algum tempo. Mas, se a região era já pequena para ele, como haveria de se sentir dentro de um concelho, politicamente tão «difícil» que, entre outros episódios, levava Adolfo Portela a exilar-se no Fundão?

António de Cértima quis esticar as asas a toda a largura e levantar voo.

bibRIA

No entanto, a revista *Índice* (Niterói) também não se poupou. Embora publicasse até um número - graças às relações existentes entre o grupo do Departamento Português, particularmente Teixeira de Faria, e o jornalista Caetano, a revista fechou as portas de Cárter com razão de peso. Não houve condições materiais para a publicação e a revista pagou de circulação quase-nula, que não inspirava a leitura e não conseguia atrair o leitor. Assim, a revista encerra as suas atividades e a publicação é transferida para o grupo do Departamento Português.

O JORNALISTA

ANTÓNIO de Cértima radicou-se em Lisboa em 1922, em moradas precárias que o forçaram a mudanças constantes. Para trás ficou a «sua Malia» querida... Em 8 de Junho deste mesmo ano começou a escrever na revista «ABC», dirigida por Rocha Martins, iniciando deste modo a actividade jornalística. Foi um tempo de árdua luta.

O seu primeiro artigo alude a Miguel Ança, o corajoso arrais bem conhecido na Costa Nova, e João Carlos desenha-lhe o retrato. Seguidamente, o Autor dedica outros textos a Jaime de Magalhães Lima, que foi entrevistar a Cacia, a Fernando Caldeira, então já falecido, e outras figuras do quadro regional natal. Também naquela revista semanal publica a primeira versão do seu conto «O crime do Bouças».⁸

Exercendo o jornalismo como profissão nas condições permitidas pelo tempo e o lugar, António de Cértima trabalharia paralelamente na *Epopéia*, volume que viria à luz com 284 páginas (em Outubro de 1924). Partiu para Paris e, regressado, inicia em Setembro deste mesmo ano uma colaboração na revista «Música» (Lisboa), com entrevistas que fez na capital francesa nomeadamente com os escritores Jean Cocteau, Victor Margueritte e Henry-Marx. Não tarda a colaborar também em jornais de Lisboa e Porto, como «cronista literário». Nesta linha de trabalho jornalístico, começa em Junho de 1925 a colaborar na revista «Europa», onde publica a entrevista «A condessa Mathieu de Noailles, poetisa e romancista».

É de notar que com este trabalho se estabeleceu entre ambos uma relação muito cordial.

Enfim, ao atingir os 30 anos de idade, António de Cértima convivia com escritores e jornalistas, entre outras figuras lisboetas e portuenses, e multiplicava os seus contactos além-fronteiras. A literatura, sobretudo a poesia, amordaçaram-se nele para dar voz plena ao jornalista, investido numa função que se adaptava bem ao seu carácter fogoso, inquieto, expansivo. O jornalismo dava-lhe influência e prestígio cada vez mais vasto.

Entretanto, acedendo a um convite da condessa de Proença-a-Velha, proferiu em Janeiro de 1923 uma conferência no teatro de Anadia em benefício da Casa Protectora das Crianças Pobres. A Casa devia a fundação à própria condessa, que tinha residência em Lisboa e naquele concelho bairradino. Em Julho, Cértima aparece a encabeçar uma comissão que iria ofertar, em nome da Nova Geração, a Guerra Junqueiro, uma coroa aquando da sua morte, mas uma determinação do finado anula a iniciativa.

Em Janeiro seguinte (1924), mudou-se para a Avenida da Liberdade, 19, 3º direito, em busca de morada estável. Em cartão enviado ao padre Acúrcio fala da sua inquieta «volta a Lisboa» e sugere ao amigo e conterrâneo que ponha à vista aquele novo endereço ou que o inclua entre os outros que escreve na parede do seu quarto-estúdio... Desvincula-se depois, publicamente, de uma homenagem da revista «Contemporânea» ao alto comissário de Angola, num protesto que é acompanhado por Mário Domingues, Assis Esperança, Ferreira de Castro e outros escritores lisboetas.

Regressado de Paris, lançou em Agosto a efémera colecção «Novela Moderna», que dirige. O primeiro título é *O ar dos mortos*, ficção de Severo Portela. Cértima fazia-se notar no ambiente do Chiado, onde pontificavam as inteligências de mistura com as elegâncias, e evidenciava as suas aptidões e versatilidades de autodidacta, que não se sabe ao certo onde terminam, ou os primores da sua cultura académica que não se vê em que grau, exactamente, acabaram por se deter, embora o Autor viesse depois a ser frequentemente tratado como licenciado. Assim se cumpria o período, longo e fatigoso, da ascensão do Autor, que o fizera saltar do berço pobre para ir em busca do largo mundo. António de Cértima estava pronto para subir ao palco e receber aí os primeiros louros do sucesso que sem dúvida ia conquistar com a publicação da sua *Epopeia*.



Cértima com Sebastião de Magalhães Lima, em Cacia.



Na praia da Costa Nova do Prado.

bibRIA

EPOPEIA MALDITA

APOGEU

bibRIA

APOGEE

bibRIA

EPOPEIA MALDITA

NÃO parece muito arriscada a suposição de que após dois anos de residência em Lisboa, António de Cértima se integrava profundamente nas problemáticas culturais e sociais do país. Em 1924, o ambiente nacional era convulsionado por crises que prenunciavam o fim da primeira República, então a esfacelar-se com rapidez no entrecruzar de contradições insanáveis. Com a publicação da sua "Epopéia", Cértima tomou uma posição perante os acontecimentos, não apenas ética, mas também ideológica e, por fim, depois de 1928, claramente de teor político.

Alguns indícios induzem a admitir que, neste período, o Autor se terá aproximado um pouco de doutrinas anarquistas, que proliferavam em certos meios da capital, mas não há dúvida de que essa aproximação, se existiu de facto, foi breve e superficial, pois, como veremos, Cértima seguiu orientações bem diversas, posteriormente.

O poeta, lírico e juvenil, ardente e apaixonado, mantinha-se provisoriamente emudecido para dar voz e alento ao jornalista, que tomava o pulso à sociedade do seu tempo, fazendo emergir o intelectual empenhado ou comprometido com os problemas da pátria em convulsão. A sua *Epopéia Maldita (O drama da guerra em África)* foi longamente congeminada e preparada. Remonta pelo menos a 1919 o projecto e a capa, de autoria de Martins Barata, figurando o Autor com pinceladas másculas e épicas, data de 1923, enquanto o livro, como sabemos, saiu em Outubro do ano seguinte.

Trata-se de uma narrativa corajosamente polémica, em que o Autor denuncia com a sua peculiar veemência certas falhas verificadas nos apoios logísticos e nas táticas militares registadas durante as operações em Moçambique no quadro da Primeira Grande Guerra e que atingiram gravemente o Regimento de Infantaria 28,⁹ ao qual Cértima pertenceu. Com esta obra, o seu nome ficou projectado à escala do país culto. Quatro edições até 1925 transformaram a *Epopéia* num verdadeiro e muito invulgar êxito de livraria, colocando o Autor sob o foco das atenções gerais. O observador tornava-se protagonista.

Realmente, o livro suscitou o escândalo. «Apenas a um mês do seu aparecimento, o 3º milhar da *Epopéia Maldita* vai já entrar no mercado», anota o Autor num Aditamento à reedição ao qual não faltam sopros épicos. O general Gomes da Costa escreve em sua defesa com desassombro, fazendo de novo o julgamento da intervenção portuguesa na Grande Guerra; escreve designadamente: «O que se passou em África foi o mesmo que se passou em França, apenas com a diferença de nesta se não sentirem privações, — graças á administração britânica; porque se estivéssemos entregues a nós mesmos, a catástrofe teria sido horrorosa. / Em África, vemos os chefes e a sua **claque**, na **Base**, comendo, bebendo, passeando, gozando, estendidos nas preguiceiras de verga, abanados pelos **moleques**, tomando limonadas ou **wisky and soda** bem gelados; o resto, a canalha, os párias, — rotos e sujos, debaixo dum sol de inferno, sem pão, sem água, sem medicamentos, atolados nos lódos do Rovuma, trocando tiros com o inimigo pela honra duma Pátria cujos destinos estavam nas mãos de inconscientes, ou ignorantes, ou perversos.» As revelações escaldantes contidas no livro sobre os factos vividos pelos expedicionários constituíram-se como ponto de partida de um julgamento nacional que tinha de ser feito. Multiplicaram-se os artigos nos jornais a favor ou contra e a polémica alargou-se ao «Diário de Lisboa», em cujas páginas Cértima e o capitão Craveiro Lopes (mais tarde general e presidente da República) discutiram razões e argumentos.¹⁰ Pode dizer-se, em suma, que a narrativa do Autor teve o mérito de não deixar ninguém indiferente, concorrendo de modo decidido para acentuar as clivagens ideológicas. Quis ser acha na fogueira e na verdade acelerou a arrumação em curso das forças sociais.



MARTINS
BARATA
XXIII

EPOPEIA MALDITA

(O DRAMA DA GUERRA DE AFRICA)

POR ANTONIO DE CERTIMA

No fim do ano de 1924, o Autor, em carta de resposta a um amigo¹¹ descreve-se como autor de livros perigosos para a cobardia nacional, jornalista, cronista literário de «O Primeiro de Janeiro», «aspirante a adido-secretário duma legação no estrangeiro e ainda professor de ensino livre e aluno duma faculdade superior». Não lhe foi preciso esperar muito tempo: em Março de 1926, o candidato a adido-secretário foi nomeado vice-cônsul no Suez (Egipto).

No princípio do ano seguinte (Janeiro, 1925), António de Cértima foi homenageado por um grupo de amigos com um banquete em Aveiro no qual discursou Homem Cristo, entre outros. O director de «O de Aveiro» referiu a presença, ali, de bacharéis, oficiais do Exército, industriais, artistas, literatos e estudantes, e elogiou no Autor o «rapaz sério» que aliava ao «carácter a inteligência». Justificou: «E é um dever dos homens velhos, quando eles teem algum prestígio, auxiliar e animar os homens novos que assim se apresentam. (...) Não seguiu na esteira dos ridículos pataratas que julgam fazer obra exaltando todas as covardias como acto de coragem e como acto de inteligência todas as asneiras. Disse sinceramente o que viu.»¹²

Passados três meses, deu a público a **plquette** intitulada *Legenda dolorosa do Soldado Desconhecido de África*, panfleto poético com uma «inscrição» de Afonso Lopes Vieira que tenta realçar o esforço de guerra feito pelos portugueses também em África e não apenas em França. O Autor dava corpo à ideia de se erigir um monumento ao Soldado Desconhecido de África e o panfleto até foi reeditado, mas o projecto acabou por ser preterido no meio de uma agitação crescente.

Antes um pouco, exactamente com data de Fevereiro, apareceu *Volúpia do Mar*, opúsculo de 17 páginas editado em Ílhavo pela «Beira-Mar» na colecção de novelas do mesmo nome. Em nota prefacial, Celestino Gomes, o editor e amigo, situa o entrecho da ficção na Costa Nova, praia daquele concelho, mas a noveleta, com o número 5 da colecção, não tardou a ficar esquecida. Pela debilidade do entrecho e o estilo da narrativa, trata-se evidentemente de um texto dominado pelo esteta e de produção muito anterior.

António de Cértima emergia cada vez mais como elemento de intervenção socio-cultural. Ainda em 1925, surgiu entre Rui Coelho, Bernardo Marques, Julião Quintinha, Ferreira de Castro,



O LIVRO MAIS DOLOROSO

E MAIS VIBRANTE

QUE ACERCA DA GUERRA,
SE ESCREVEU EM PORTUGAL

Lisboa, 10/12/124

Quer Caros Amigos:

Escrevo-lhe grandemente triste para
a minha vida de autor de livros peridos
para a colúmbia nacional, de
jornalista, cronista literário de
"Os Primeiros de Janeiro", aspirante a

adido-secretário duma legação no estrangeiro

e ainda professor de ensino livre e aluno duma
faculdade superior, não me dá tempo nem serenidade
para escrever largamente e me cortar de tudo. Digis
são somente por do Gracão lha agradeço. Entretanto
ainda a minha vida de escritor e de
trabalho por sobre cultura e amizade e fidelidade de
trabalho. Minha vida muito simplificada e de
viver, pronta e natural de muito por me e minha

- orado por me e minha por tanto me e com o
meu livro figura de presença sobre a minha escola
uma tempestade de prontos e clamores a meus
verrimentos. Eu tudo aceitaria com o melhor animo
e satisfação de apêndice por o homem se conseguisse
na por o meu livro fizesse de 20x100 por
do de mais. Por tudo isso, o faz assistir
as mais entoadas espectáculos de justiça humana.
Os culpados, todo o colosso miserável de pedras
por me meu livro tem reser. utilidades, seriam

Assis Esperança e outros intelectuais e artistas da «nova geração» reunidos no restaurante Tavares (Lisboa) «com o fim de proclamarem a sua indiferença pelos partidos políticos e “capelinhas” literárias». Na revista «Europa», assinou um artigo sobre «Mulheres de agora». Por outro lado, concorreu a eleições para deputados como «combatente de guerra e consul». A sua candidatura pelo círculo de Aveiro é patrocinada pela Liga dos Combatentes da Grande Guerra e vários elementos regionalistas. Saiu em Novembro de Lisboa para percorrer o distrito natal.

Na revista mensal «A Guerra», órgão da mesma Liga dos Combatentes, com sede na capital, publicou a primeira parte de «A significação estética da guerra europeia» que, segundo uma nota, resulta de palestra proferida pelo Autor em 1919. O artigo ocupou vários números da revista, vindo a terminar em Junho do ano seguinte (1927).

Em Março de 1926 recebeu por fim o passaporte diplomático que o titula vice-cônsul do Suez, mas não há indicação de que ali tenha permanecido com demora, se acaso chegou a parar na cidade do canal. Nunca deixou de se fazer presente no país, enquanto a existência se lhe tornava cada vez mais vertiginosa. No entanto, a 4 de Maio seguinte, partiu em viagem pela Europa e, semanas depois, participou num jantar mundano oferecido pelo cônsul português em Nápoles, com escritores franceses.

Eclode entretanto o movimento de 28 de Maio. Cértima colabora na «Salus» nº 2, revista bimensal «da alma cristã e do Espírito Português» publicada em Aveiro, e no jornal «Dictadura» (Lisboa), onde assina um depoimento de apoio ao general Gomes da Costa e uma entrevista sobre a «Nova política do 28 de Maio», golpe militar ao qual deste modo publicamente adere. O jornal, de 7 de Julho, foi submetido a censura prévia.

Não obstante, aplaudiu no «Diário da Tarde» a iniciativa de uma homenagem a prestar a Fialho de Almeida e apareceu ao lado de Reinaldo Ferreira, à frente de uma reunião preparatória do designado «Congresso das Profissões Liberais», em Lisboa. A 7 de Dezembro proferiu uma conferência sobre a «Nova República» no Teatro-Circo de Braga, para defender o movimento militar. Repetia-a em outros locais e dias, passando a surgir em actos públicos entre militares e políticos.



António de Cértima na Costa Nova (1931?)

No ano seguinte (1927), em Março, o autor da *Epopeia* é nomeado cônsul em Dacar, Senegal, mas decorrido um mês surge como secretário da Redacção no primeiro número do jornal «A Cidade», diário que se apresentava como republicano independente, onde colabora até partir para a capital senegalesa. Desenvolvendo então uma actividade febril, publica o livro *O Ditador*, uma clara apologia do regime saído do golpe militar que saiu com a chancela da livraria Rodrigues, de Lisboa. Dividida em três partes — As crises, O homem, A Nova Ordem —, a obra atinge rapidamente quatro edições porque, pode dizer-se, era oportuna, surgia no calor do momento próprio, apesar de o Autor se queixar, em nota terminal, de que o seu aparecimento demorou uns meses, sendo recente «trabalho cerebral e tipográfico» apenas os dois últimos capítulos.

A obra resulta muito significativa na evolução das posições assumidas pelo Autor, mas as circunstâncias fizeram-na desaparecer completamente do seu espólio. Sem querer ser considerado, então, como «um orientador e revestir-se para isso da autocracia do chefe mental», porque ele, homem de acção, apenas desejava ser «um animador». Cértima explica-se: «Habitado a tomar parte nos grandes acontecimentos do meu tempo como actor e não como espectador, sou, por uma razão cerebral, concitado a testemunhar a minha presença nesses acontecimentos. / Fiz a Guerra e documentei-a. Agora faço a Política e documento-a também.»

Esta obra, publicada com um retrato do Autor em xilogravura na contracapa executado por João Carlos (Celestino Gomes) e sob a epígrafe de Napoleão «**Celui qui sauve sa patrie ne viole aucune loi**», foi enquadrada na série «Para a política das Novas Gerações», que abrangia outras duas obras — *O Homem do Ocidente* e *O Culto da Força como Ideal Patriótico* — e que, mais uma vez, morreram sem nascer.

O homem de acção despertado no homem de letras sintonizava as correntes mais caracterizadoras do seu tempo, sem dúvida nenhuma, mas não lhe esgotava as energias. Ainda em 1927, António de Cértima publica um outro livro, de cariz diverso, *Alma Encantadora do Chiado* (Atlântida Ed., Coimbra). Neste livro, o Autor reúne mais de três dezenas de crónicas publicadas na imprensa, comentando escritores e artistas, lugares, ideias e sentimentos. Entre os autores focados distinguem-se Sálcio Bairrada (o padre-poeta e amigo

A black and white portrait of a woman with dark hair and bangs, looking slightly to the right. She is wearing a dark, textured garment. The word "bibRIA" is overlaid in large, bold, lowercase letters across the center of the image.

41

Acúrcio Correia da Silva), Adolfo Portela, Cunha Barros, Jaime de Magalhães Lima e Martins Barata.

Não esfriava, no entanto, a intervenção. Uma conferência que pronunciou na Liga dos Combatentes da Grande Guerra (Lisboa) versou o tema «Os combatentes são uma força nacional?» Era preciso arregimentar as tropas, pôr ordem no país convulsionado por sucessivas crises.

Decorridos perto de dez anos sobre a publicação das *Bodas de Vinho* que tão amargentas tinham sido para o Autor, poderia perguntar-se se a mordaza teria calado nele, definitivamente, o poeta. Mas não. Cértima surgiu então com *Jardim das Carícias*, poemas de forte sensualidade e de erotismo assumido compostos pelo esteta e o lírico. Confirmava nele o apaixonado pela mulher e o amor sublimado em arte num registo em que vibram o desejo e a volúpia, a ilusão e o desengano.

O livro saiu em 1928, de novo com chancela da casa Rodrigues, e em Outubro do mesmo ano, uns dezanove meses após ter sido nomeado cônsul em Dacar, o Governo francês condecorou-o com o grau de Cavaleiro da Ordem da «Etoile Noire du Benin».

Foi breve a sua permanência no Consulado português da capital senegalesa, porque logo em Junho de 1932 foi transferido para o lugar homólogo de Sevilha. Mas a estada em Dacar deu-lhe tempo para se interessar pela cultura árabe, designadamente a religião e a língua, para viajar e, com cerca de 35 anos, solteiro, sonhar no norte de Africa com princesas do Oriente. Não se despe-gava do torrão natal: em 1931 chegou a Lisboa no vapor «Jamaïque» para passar férias no país, concretamente na «sua» Costa Nova.

O mundo árabe fascinava-o não menos do que se deixara fascinar pelo ambiente africano das margens do Índico. Mas ele sentia-se europeu de sangue e raiz, auscultava as tensões que se iam acumulando no Velho Continente no início dos anos trinta e deveria, portanto, ansiar por ser parte activa dos acontecimentos ou, pelo menos, estar próximo. A mudança para o coração da Andaluzia era com certeza desejada, mas ele iria partir de Dacar deixando por muitos anos o coração preso ao Oriente.

POETA, CÔNSUL EM SEVILHA

ANTÓNIO de Cértima começou a exercer as funções consulares em Sevilha quando ia completar 38 anos de idade. Os Sevillhanos mantinham boas relações tradicionais com Portugal, pois lhe frequentavam regularmente centros balneares e termas como a Curia, Figueira da Foz, Estoril, etc. O poeta-cônsul procurou desenvolver as relações turísticas e culturais recíprocas à medida que foi contactando com a cidade sevilhana, que o apaixonou intensamente. Basta dizer que lhe dedicou nada menos de quatro obras da sua bibliografia, numa demonstração de abertura iberista.

Poderá supor-se que, com o seu carácter fogoso e expansivo, o Autor era homem de paixões fáceis ou de muitos amores. Não há dúvida, porém, de que a capital andaluza o enfeitiçou de um modo muito especial e emotivo que transcende as superficialidades e as conveniências protocolares da actividade diplomática ou outras. Enfim, tudo se conjugou para que Cértima se relacionasse da melhor maneira com a sociedade sevilhana através dos seus escritores e aristocratas, militares e políticos.

Entretanto, a mão do jornalista, tão activa até 1927, repousava, porque a ausência no estrangeiro não facilitava as coisas nem a prosa de plumitivo seria decerto consentânea com a compostura diplomática. Aliás, Cértima chegou a usar monóculo durante algum tempo, em 1932 ou em anos imediatos, tentando porventura adaptar a imagem ao cargo que exercia. Mas o escritor, abrindo embora uma relativa pausa, não poderia adormecer.

Em Fevereiro de 1935 publica em Sevilha o *Discurso à Geração Lusitana*, livro doutrinário (datado de 1934 no frontispício) com uma linha ideológica bastante afim de *O Ditador*. A Espanha, naquela data, já se agitava revolucionariamente com ocorrências que não poderiam deixar o Autor indiferente. Num Preâmbulo, justifica-se: «Redigindo as páginas que vão lêr-se, o meu espirito, educado no gosto da violência e insubmissão das ideias, teve apenas como objectivo criar um movimento violento de consciência na geração lusitana a fim de que esta possa assumir, como deve assumir, uma atitude nacional perante o desfecho precipitado das forças que preparam a Europa — e existirá ainda uma comunidade geográfica e política que mereça este nome? — para novos acontecimentos de luta e drama social.»

Declarando uma «independência talvez crua» da sua escola moral, Cértima procurava encontrar as fontes de uma cultura nacionalista desde logo apontada para Salazar, o Legislador, o «Führer»,¹³ comentando de passagem a obra de António Sardinha, Carlos Malheiro Dias e outros próceres, e chegando ao ponto de sugerir a mudança do nome vigente de Ministério **das Colónias** para **do Ultramar**.¹⁴ Digamos que o Autor intuía a evolução histórica futura dos países do Velho Continente, que ele sentia «em choque com as suas três grandes concepções políticas do mundo — Democratismo, Fascismo e Comunismo»¹⁵ —, no quadro das suas ligações com a África e a América, visionando perigos para os quais propunha antídotos. «As pátrias — opinava o Autor¹⁶ — precisam de viver sempre na sombra de um grande perigo a-fim-de excitarem, por meio desse perigo, a sua energia moral e manterem desperto e vigilante o instinto de luta das gerações destinadas a servi-las. O principal objectivo deste livro foi mostrar que esse perigo existe, preparando a Geração Portuguesa tanto a saber esperá-lo numa firme posição moral, como a servir-se dele para uma lição política e patriótica.»

Apesar de tudo, o livro foi recebido com reticência pelos jornais lisboetas defensores do regime que sucedera ao movimento do 28 de Maio. Foi o caso de «A Voz», que manifestou discordância embora achasse curiosas as suas opiniões, e o «Diário da Manhã», em longa apreciação crítica não assinada, que discute algumas dessas opiniões. Afirma que o Autor demonstra «a sua fraca familiaridade



biblioteca



Em cima: António de Cértima, cônsul.
Em baixo, o edifício do Consulado português em Sevilha.

com as directrizes essenciais da nossa filosofia social e política», servindo embora, «como nós, a causa superior do Interesse Nacional e da Revolução da Ordem», pelo que Cértima ainda não teria atingido, «neste novo sector da sua actividade, aquela firmeza e aquela precisão que são indispensáveis aos guias das inteligências moças nesta época tormentosa.»¹⁷

Tão frio acolhimento de sectores tidos como officiosos terá calado fundo no ânimo do Autor. Amizades e influências, de que se rodeava em Portugal e Espanha, esbagoavam-se contra uma invisível parede de recusas que não se abria ao mínimo rasgo de pensamento insubmisso. Fosse como fosse, o doutrinador, o ideólogo, assim a rasgar a pele em farpas vivas, cumpriu-se. António de Cértima deu por terminada a incursão e, mantendo as suas convicções, virou-se para outro lado.

Regressou à poesia, publicando no ano seguinte (1936) *Caminho de Siegfried*, colectânea de poemas colocada sob a égide de uma epígrafe de Rilke: «Cantar é ser». O livro, com chancela de Edições "Momento", abre com um texto da pintora francesa Tamara de Lempicka e inclui um retrato a lápis desenhado por João Carlos, recolhendo versos muito escolhidos datados de 1914 a 1932. Com efeito, embora denotem o esteta na maturidade, os versos indiciam também vivências bairradinas bem estilizadas. O poeta não emudecera e como que volvia às origens para se renovar. Por outro lado, como quem responde a alguém, inseria à largura da página, ao alto, uma legenda de Sócrates: «Eu não obedeco senão a Deus».

Nesta data, Cértima era muito atraído pela cultura alemã. Citava bastantes autores germanos e as suas obras, sugerindo que dominava a respectiva língua, ele que se exprimia correntemente em espanhol, francês e um pouco de italiano, além do árabe, de que estudava pelo menos os caracteres cúficos. O próprio título do livro, referente a Siegfried, evoca, parece-nos, uma figura de ópera de Wagner.

Mas os acontecimentos e as tensões sociais enovelavam-se num crescendo de agitação. O tempo não ia bom para as delongas das belas-letras ou sequer para os primores da cultura. A crise impunha urgências avassaladoras, reacção.

No mesmo ano da publicação de *Caminho de Siegfried* (1936), abriu em Sevilha a Feira-Exposição Ibero-Americana a 19 de Abril.

O pavilhão português no certame pretendeu exprimir a vitalidade do regime em Portugal e um certo alinhamento ideológico com o regime de Franco, mas serviu depois para instalar, em melhores condições, o Consulado naquela cidade espanhola. Porém, pouco depois, o Consulado foi bombardeado por aviões alegadamente comunistas, e António de Cértima considerou que o ataque se dirigia contra ele.

Na verdade, António de Cértima continuou a desenvolver estreitas relações com figuras gradas da Falange, movimento que apoiava o general Franco. Em Novembro, a Sociedade de Geografia (Lisboa) admitiu-o como sócio ordinário e, em Janeiro de 1937, torna à capital, em missão especial, mantendo boas relações com o Ministério dos Negócios Estrangeiros e o Governo de Salazar. Em Julho vai passar férias na Côte d'Azur, onde não estrondeava a Guerra Civil espanhola.

A aproximação política de Cértima aos regimes ibéricos, até aqui relativamente discreta, torna-se evidente em 1938, quando o movimento do 28 de Maio, do general Gomes da Costa, perfazia doze anos. A efeméride foi comemorada como o 12º aniversário do Estado Novo no designado pavilhão português de Sevilha, que acolhia o Consulado, com uma sessão na qual Cértima esteve ao lado do general Queipo de Llano (franquista), para, exprimindo-se em castelhano, celebrar a vitória do movimento falangista contra os republicanos e soltar vivas a Salazar e à «Espana Grande y Gloriosa del Generalissimo Franco!». Por outro lado, os jornais sevilhanos realçaram a efeméride, publicando fotografias e textos do general Carmona, Salazar e António Ferro.

No mesmo sentido, publica em Agosto (1938) uma poesia «A Espanha» na revista «Horizonte», de Sevilha. No mesmo ano, a revista «Lusitânia» (Lourenço Marques, nº 60, ano VI) traz a lume o artigo «Capital imperial».

Em Novembro, ainda de 1938, terá tido uma alegria das mais ansiadas: recebeu em Sevilha a visita de Hayat El-Muayad Azem, a «princesa do Oriente» com quem mantinha contacto epistolar, ao que se julga desde os anos do consulado em Dacar (1927-32). Quando a vitória já sorria às tropas do general Franco, o cônsul promoveu as **démarches** necessárias para que a distinta senhora pudesse viajar de Versalhes, onde seu pai teria residência temporária, até Sevilha,

a fim de se avistar, porventura pela primeira vez, com o seu **fiancé**. Ao Governo franquista garantiu então que a visitante era **persona grata**.

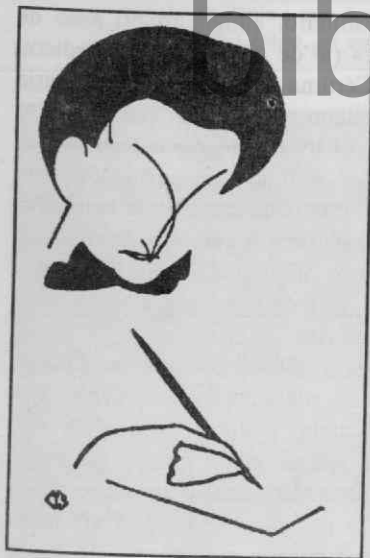
A Guerra Civil Espanhola, desencadeada em Julho de 1936, terminou como se sabe, em Janeiro de 1939, de acordo com o que os historiógrafos convencionam. Porém, poucos meses depois eclodia a Segunda Grande Guerra. O ambiente continuou instável e espesso. Apesar de tudo, a casa Sassetti publica-lhe os versos da *Canção das estradas no Estio* com música composta pela condessa de Proença-a-Velha e capa de João Carlos. O cônsul-poeta voltou de novo a Lisboa em 1940, em missão especial, após o que, em Novembro, tornou para Sevilha.

Os anos seguintes são de algum recolhimento. Cértima, em atitude de hibernação, recolhe-se. Em 1942, a revista «Vida Ribatejana» stampa o artigo «Sob o signo de “Joselito”» e a «Más», de Sevilha, publica-o também, em Agosto. Mantem, enfim, a atitude de quem saiu do espaço aberto para se sentar na varanda a espreitar as mutações do horizonte. Provavelmente, o que intui determino-o a retomar a escrita e a repegar na poesia, pois em 1943 dá à estampa o livro *Bodas Helénicas*. Apresenta-o como segunda edição, mas trata-se da reedição refundida das *Bodas de Vinho*, de 1919.

O livro, antes saído com chancela da «Plêiade Bairradina», apareceu dedicado a Celestino Gomes, «espírito dos mais belos da minha geração». Este amigo (e artista, como João Carlos), executou para ele um **exlibris** onde figura a legenda «Vivere est desiderere» que o Autor passou a usar. Numa breve «Explicação» preambular, Cértima alude ao «pequeno trabalho de depuração formal a que o texto foi submetido» e justifica a mudança do título, observando que, na sua mente, «esta nova expressão epigráfica corresponde com mais exacto sentido, nas suas alegorias clássicas, à definição espiritual dos poemas.»

Assim se consumava a ruptura com a região natal e com a «Plêiade» que, em 1943, já se dispersara de tal modo que o seu mentor, o padre-poeta, falecido havia uns dezoito anos, brilhava de facto, cada vez mais, pela ausência.

A lista das obras do Autor a publicar inserida nas *Bodas Helénicas* retem a nossa atenção porque, na rubrica de prosa, anuncia *Hayat, Filha do Oriente — romance do meu amor (para breve)*.



Retratos de António de Cértima por José Carlos, Maria Almira,
Cunha Barros e de novo João Carlos.

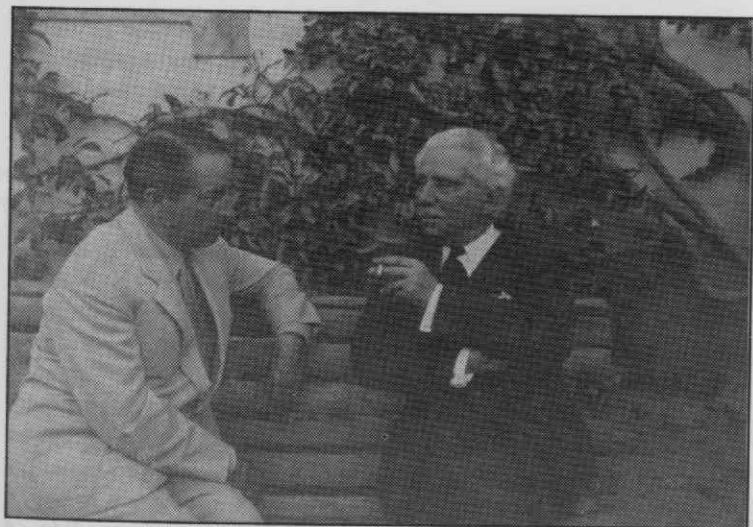
Este projecto literário, como tantos outros, malogrou-se sem deixar rasto visível, mas documenta de algum modo a persistência de uma afeição muito particular que continuava apontada para o Oriente, onde brilhava a gigante estrela.

Cértima viria a reencontrar-se pessoalmente, em Paris, com a sua princesa síria. A esse reencontro, sem dúvida adiado (lembram-se os anos da Grande Guerra e do pós-guerra) e por isso tão desejado, consagrou o Autor um poema intitulado «Canção da nossa ventura», dedicado por extenso a Hayat El-M. Azem — «para o seu refúgio de “desencantada” no seu palácio de Damasco». O original, dactilografado, foi datado de «St. Germain-en-Laye / Ano do nosso encontro» (1952?). Terá sido enviado à inspiradora (eventualmente com tradução do texto em francês, a língua da correspondência), e terá ficado inédito até agora.

Hayat inspirou realmente a Cértima uma afeição longa e profunda, alimentada por uma profusão de cartas e postais. Mas, em 1952, o idílio terminara porque, como veremos, Cértima já era casado.

Em 1944, quando o Autor, solteiro, atingia os 50 anos de idade, a revista universitária «Índice» (nº de Abril, Sevilha) dedicou uma página a «Don Antonio de Cértima y la inquietud literaria portuguesa». No mesmo ano, publicou Cértima o seu primeiro trabalho alusivo à capital andaluza. O livro, *Itinerário Sentimental de los Portugueses en Sevilla*, foi vertido do português para castelhano por José Andrés Vázquez e editado em Lisboa pelo SPN (Secretariado de Propaganda Nacional) com numerosas ilustrações. Traça um perfil emotivo da cidade impregnada de história e sentimento, que a diz «recolhida e hierática, grave como um mistério».

Comentando o livro, escreveu a revista «Ocidente» (Lisboa, Julho de 1944): «Vem de longe esta predilecção sentimental dos portugueses pela **Ciudad de la Gracia**, podendo afirmar-se que nenhuma outra é tão procurada e amada pelos nossos patrícios. António de Cértima, depois de um rápido excursão histórico, fala-nos dos mais belos monumentos e das mais graciosas paisagens de Sevilha, sempre na linguagem apaixonada e comovida de quem não esquece nunca»... Por outro lado, o livro mereceu em Espanha um artigo de primeira página no jornal «ABC», subscrito pelo seu



António de Cértima com o poeta António Correia de Oliveira.
Em baixo: Cértima, ao centro, entre falangistas espanhóis.

biblioteca



tradutor, o sevilhano José Andrés Vázquez, e a revista «Archivo Hispalense» (nº 10, 1945), também sevilhana, numa apreciação ampla, considerou que muito poucos escritores, mesmo nascidos em Sevilha, haviam penetrado tanto e tão bem na psicologia daquele povo.

O cônsul-poeta não descurava entretanto os esforços com vista a uma aproximação cultural recíproca. Traduzia ele próprio, para português ou castelhano, versos de autores dos dois lados da fronteira, e diligenciava a respectiva publicação em revistas ou jornais. Conseguiu mesmo a edição de um livro (traduzido) de Nuno de Montemor e canalizou para o autor os direitos respectivos. Fazia tudo isto com tanto gosto que, muitos anos depois de largar as funções diplomáticas, ainda repetia esses esforços. Por outro lado, incitava amigos portugueses, sobretudo lisboetas, a visitarem-no em Sevilha (João Carlos Celestino Gomes e Luís Forjaz Trigueiros, por exemplo), esperando decerto que todos pudessem amar a cidade amada. A este labor se deverá, em grande medida, a publicação de uma entrevista com o Autor em «O Primeiro de Janeiro» (17-1-1945), assinado pelo «correspondente especial em Sevilha» do jornal, logo transcrita em tradução por «La Estafeta Literaria» (Madrid, 28-2-1945). Neste ano publicou em Lisboa, na Editorial Gleba, o volume de contos *Vida Voluptuosa*. João Carlos não desenhou apenas o motivo da capa, também terá aberto a porta da editorial ao Autor e redigido a nota introdutória do livro. Colige sete ficções curtas, uma das quais, pelo menos, saíra em 1922 na revista «ABC» com o título de «O crime do Bouças». A página impressa que esteve na posse do Autor tinha colados restos de uma notícia de jornal sobre um caso algo similar, a sugerir que o conto, escrito de jacto, se inspirou num episódio real vivido algures na Bairrada e que muito o teria impressionado: um parricida, ao descobrir que seu pai o traía com a sua própria mulher e nora, limpava a honra da família com um tiro.

É a estreia do Autor neste género literário, se descontarmos a *Volúpia do Mar* como frouxa iniciação. Situa-o na escrita estilizada que faz sua, aberta para a sensualidade das emoções fortes, esquisitas, insaciáveis, porque «vivere est desiderare» (a legenda do *exlibris*). Acentua, porém, no Autor uma tendência para o refinamento que o aparenta com o esteta. E nesta data projecta escrever o romance,

logo «a seguir», designando-o *Hayat (romance de uma Desencantada)*...¹⁸

No entanto, o livro que publicou a seguir não foi de ficção. Voltou de novo à poesia, em Abril de 1946, com *Tu e o Teu Corpo*, obra de grande formato com ilustrações de João Carlos e tiragem numerada. Os poemas têm o recorte clássico tão ao gosto do Autor, que canta ainda e sempre o corpo da mulher como motivo eterno de vida e de criação artística, continuando a revelar um intenso pendor para a sumptuosidade das formas e o requinte estético, o desejo sensual e a ardência embriagante dos sentidos.

Com esta obra e as três anteriores — *Bodas Helénicas*, *Caminho de Siegfried* e *Jardim de Carícias* — Cértima afirmou a qualidade da sua presença na poesia contemporânea. O Autor exprime a beleza em todo o esplendor, vivida na carne com fervores hedonistas de um pagão ávido dos aromas orientais, capaz de cantar o erotismo com o fervor religioso de uma prece antiga. A arte poética, nestas quatro obras, brilha com o fulgor cintilante do que parece intemporal, eterno, mas António de Cértima nem por isso mereceu, até hoje, uma linha dos historiadores da literatura.

As críticas, as simples recensões, em Portugal e Espanha, não foram abundantes. Aliás, entrava-se então no rescaldo do pós-guerra, tempo difícil. De qualquer modo, sempre os livros de versos só por amizade foram lidos e comentados em país poeticida, embora abundante de grandes poetas. A beleza, e a beleza na arte, serão sempre tidas como dons magníficos, gratuitos como a chuva, e muito menos úteis. Enfim, o Autor por certo desanimou, mas não ficou inactivo.

Colaborou no «*In Memoriam* de Soares dos Reis», a pedido do seu amigo Joaquim Lopes, e a seguir virou-se para a prosa narrativa, juntando-se à «recente geração de cronistas do exotismo que, mais felizes nos resultados que os seus predecessores do século XVI, fazem desse mesmo mundo a varinha de condão do seu sucesso literário.»¹⁹ Publicou, em suma, o livro de viagens *Sortilégio Senegalês* em colecção dirigida por Campos Monteiro e com chancela da Livraria Tavares Martins (Porto, 1947), graças aos bons officios de Manuel F. Lavrador, outro amigo portuense. Narra, na primeira pessoa do singular, as andanças do Autor «Pelos Caminhos do Sol» (subtítulo), iniciadas no norte de África quando exerceu funções consulares em Dacar.

A narrativa, à semelhança da *Epopeia Maldita*, resulta de uma aliança do cronista com o literato, na medida em que aquele evoca factos vividos e este no-los comunica de forma envolvente e, por vezes, comovedora. Para além do interesse que ainda hoje apresenta esta descrição de lugares e gentes feitas **de visu** em diversos países africanos no princípio do pós-guerra (como, por exemplo, o então falado projecto da abertura de um túnel sob o estreito de Gibraltar, «por onde veríamos escoar-se os 450 milhões de europeus até ao Cabo da Boa Esperança, através do Continente Negro»²⁰), o *Sortilégio Senegalês* contém ainda elementos de interesse testemunhal que não são de negligenciar.

O Autor exprime, a propósito, o seu desejo de vida errante, de evasão do meio habitual. «Por mim, foi sempre com uma alegria tipicamente infantil que antevi as perspectivas de uma viagem, as possibilidades de um novo clima sobre um novo meridiano», escreve. Recorda que nunca pediu brinquedos, indumentárias ou adornos aos seus pais, «que sempre se inquietaram com os augúrios precoces do meu carácter», mas sim passeios, digressões, viagens, que lhe satisfaziam, diz Cértima, «muito mais a sede planetária da grande aventura que começava a tomar forma» no seu espírito.

Lembra assim as preocupações que infundia a sua mãe desde que, num dia pressago, era ele tamaninho, num bazar de caridade, «ao fazer-me tirar os inocentes papelitos de uma rifa, viu com espanto saírem de imprevisito estes dois prémios inusitados: primeiro, um feroso cavalo de cartão, impertinente sobre o seu carrito de madeira; e logo depois uma curvada espada em folha embotada de Flandres, que a seus olhos afectuosos tomava proporções de trágica durindana anunciando lances patéticos. E neste simbolismo ela quis resumir sempre, e aceitar como um fatalismo zodiacal, o futuro dramático da minha vida.»²¹

O mesmo livro de viagens apresenta ainda outros motivos de interesse testemunhal. Quase a terminar, o Autor, nitcheanamente, fala da «alegria ditosa de viver enèrgicamente, fervorosamente, para além da fé e da esperança, com beleza e com audácia, como um livre cidadão do mundo!» Em seguida, manifesta contentamento pela recepção, no seu regresso da Guiné, de uma carta «de papel de cetim, de um violeta neurótico, timbrada a escarlate com caracteres **cúficos**, exalando balsaminas orientais, e cuja cor, conteúdo e olorância estão



impregnados de um poder mágico a que não posso subtrair-me». E ele tem um pressentimento grave.

Desta vez, deixa tudo no papel por extenso: a carta provém do «**Palácio Azem. Damasco. Quatorze de Jamadul AKhar. Ano 1350 da Hégira.**» Assinava-a Hayat, «ser altivo e feminilmente frágil» que «possui todos os indícios da audácia e da energia poética que animam os grandes sonhos. O seu coração virgem e sedento de Desencantada, apto para romper todas as cadeias da sua raça, parece arder no fogo das decisões definitivas. E a corroborar esta perspectiva, lá está o provérbio árabe: “O que a mulher quiere, Deus o quiere”!»²²

Ao publicar estas palavras em livro, o Autor tinha cerca de 53 anos de idade e mantinha o celibato. Mas, para além de mostrar Cértima em retrato de capacete colonial branco na cabeça e envergando caqui também alvo, indica que a sua *Epopéia Maldita* atingira a 5ª milhar e que *O Ditador* chegara ao 4º, encontrando-se ambas as obras esgotadas. E, por decisão do Autor, assim vieram a ficar para sempre.²³

No ano seguinte (1948), o cônsul-poeta chega de avião a Lisboa a fim de passar férias. Deve ter sido o seu baptismo do ar. Dir-se-ia chegada a hora das grandes decisões, de romper com um passado indemne e de inaugurar o futuro.

A 8 de Agosto do mesmo ano, António Augusto Cruzeiro de Cértima casou-se, na basílica de Fátima, com D. Maria Arminda Castro de Lacerda, natural do Caramulo e filha do médico lisboeta Jerónimo de Lacerda, já falecido, que fora proprietário do próspero Sanatório do Caramulo e pai dos fundadores dos dois museus ali existentes. Os noivos tinham-se conhecido em Sevilha tempo antes.

Cértima ia nos 54 anos. O padrinho de casamento foi Luís Forjaz Trigueiros, então director do «Diário Popular». As férias adoçaram-se portanto com a lua de mel, que durou até à partida do casal para Sevilha.

A cidade andaluza ia em breve ser motivo de um novo livro de Cértima. Em Abril de 1949 publicou *Baladas de Sevilla en Primavera*, poesias compostas em castelhano pelo Autor com portada de João Carlos e capa e desenhos de Henny Schulenburg. O poeta canta aí os encantos e os mistérios da cidade feiticeira em versos que ensaiam ritmos de gosto menos clássico e mais renovado. Uma



António de Cértima e a Esposa. Em baixo, o Autor à mesa de trabalho.

bibRIA



das poesias incluídas no volume, *Canto del alma triste de Susona*, pelo menos, foi musicada, e duas outras tinham saído na revista «Sevilla en Primavera» (Sevilha, Abril, 1948). Apesar de tudo, o livro, embora saudado em Espanha, não despertou grande atenção. Apenas Amândio César o comentou em artigo de jornal, escrevendo: «Seus poemas deste livro só poderiam ter sido feitos na Andaluzia. Vocabulário, imagens, figurativo e ritmo são andaluzes. (...) Ora esse sentido de ritmo popular está bem presente nestes versos de António de Cértima, que, vivendo com o povo andaluz, nos deu num belo volume de poemas, a profundidade do espírito dessa província, tão cheia de tradições, de heroísmos e de sofrimentos. E, no entanto, uma coisa se nota em **Baladas de Sevilla en Primavera**: a atenuante lírica, desta vertente atlântica, criadora dos cantares de amigo.»²⁴

Realmente, o livro teria passado muito despercebido se não fora uma crítica de João de Castro Osório, na revista «Ocidente», desencadear uma azeda polémica nas páginas do «Diário Popular». O crítico discordara do Autor por se exprimir em castelhano e, em nome do «patriotismo», considerara essa atitude um atentado ao «nacionalismo» que vincava em geral a ideologia dominante. O poeta reagiu, invocando o «iberismo» que lhe era caro, e dispensou-se de citar exemplos de bilinguismo literário por serem bem conhecidos e aos quais não assacavam culpas anti-patrióticas. Por seu lado, João de Castro Osório escudou-se na liberdade da crítica.²⁵

O incidente terá contribuído para agravar certas clivagens internas no plano ideológico. António de Cértima soubera ser sempre homem do seu tempo, sintonizando-o com real agudeza, e é em tal enquadramento lógico que deverá ser sempre colocado e encarado. Lutara pela República durante a Primeira Grande Guerra, apoiara a Ditadura, aderira ao Estado Novo e a Salazar: a Guerra Civil Espanhola preambulou a Segunda Grande Guerra e agora, em anos de pacificação, em pleno pós-guerra, percebiam-se ventos de mudança na linha do horizonte. Pelos cafés centrais ouvia-se dizer que os Americanos ou a OTAN viriam ajudar a democratizar Portugal, ou seja, a deixar cair Salazar quando o general Norton de Matos proclamava à nação o propósito de se candidatar à Presidência da República e emergia a Oposição Democrática.

De qualquer modo, Cértima era cônsul em Sevilha havia uns 17 anos (1932-1949), sendo por isso o diplomata decano da cidade.

Não estão averiguados os motivos que o levaram a sair do lugar e, logo, da carreira diplomática, mas o certo é que, em Maio, se despediu da cidade andaluza. Os jornais anunciaram que o esperava em Lisboa um importante cargo. Nas suas malas couberam, ao que se disse, quatro livros em preparação sobre a cidade bem-amada.

Provavelmente, António de Cértima sentia que o melhor da sua obra literária, num determinado sentido, estaria por escrever e desejaria ver-se na melhor posição para se consagrar profundamente aos seus projectos, agora que, com cerca de 55 anos, casado e curtido pela maturidade, acharia que estava prestes a encetar um novo ciclo da sua existência. Mas seria bom confirmar se na verdade teria regressado a Lisboa para aguardar outra colocação oficial, que tardou, tardou e nunca mais veio.

Em Lisboa, instalou-se na Avenida Almirante Reis, 247 - 6º esquerdo. Uma enciclopédia indica, erroneamente, que passou a dedicar-se então ao comércio mas, em vez disso, ainda em 1949, tirou do prelo o livro de poemas *Trópico de Câncer*. O Autor ligava-o ao seu *Sortilégio Senegalês* por via das reminiscências africanas que nele se contém. Alguns dos poemas tinham sido publicados pelo «Diário Popular». O ritmo dos seus versos, curtos por tendência, acentua o gosto novo, menos clássico, do lirismo que já se revelava nas *Baladas*.

À semelhança da maioria das obras anteriores do Autor, este livro apresenta um aspecto gráfico cuidado. Um retrato de Cértima, à entrada, mostra-o, perfilado diante de um tronco de árvore, de botas altas, engravatado e de capacete colonial na cabeça. Na verdade, os versos são de viajante, alusivos a Dacar, Níger, Guiné, etc. Cumpria-se a experiência africana.

A presença do Autor em Lisboa permitiu-lhe inserir colaboração na Imprensa com maior frequência, sobretudo no «Diário Popular», que era dirigido pelo amigo Luís Forjaz Trigueiros. Na primeira página deste jornal aparece «Tríptico do 14 de Agosto» (29-3-1950), poesia; no «Século Ilustrado» vem o artigo «Rafael Alberti, um poeta que o Leste levou» (19-8-1950); de novo no «Popular» surge o artigo «A angústia de Fernão de Magalhães» (17-10-1950), etc. Não é possível anotar aqui toda esta actividade do plumitivo, que se encontra recensada adiante, sob o título de «Algumas colaborações

publicadas na Imprensa por A. de C.» Mas importa registar a publicação, ainda no «Popular» (10-3-1951), de «A morte de um capitão ibérico» (Queipo de Llano), artigo que o «ABC» de Sevilha também publica em tradução oito dias depois. Rendia decerto o preito mais ao militar amigo que ao político.

Neste ano de 1951, o Autor dispersou pela Imprensa alguns trabalhos que vale a pena referir. É o caso da revista «Archivo Hispalense» (Sevilha, nº 47, Julho) que publica a tradução do artigo saído no «Popular» intitulado «Sevilha em Portugal», do qual faz separata e da extensa entrevista com fotos dada ao «Seculo Ilustrado» (22-9-1951). Assim se intensificou a sua «presença», que se esbatera um pouco durante o período de ausência do país.

Por outro lado, o Autor faz sair o terceiro livro dedicado à cidade que o enfeitava: *Colóquio com a Morte*, um ensaio sobre a Semana Santa sevilhana com ilustrações de Júlio.²⁶ João Maia, em crítica publicada na «Brotéria», classifica-o como «um belo ensaio» e escreve: «O autor tomou contacto demorado com a cidade religiosa de Sevilha, e impressionou-se, vivamente, com esse lamento da Semana Santa. Deixou-se atravessar por esse grito enigmático como a alma da cidade mourisca, e quis-lhe investigar a origem. Conseguiu-o? Em parte, com certeza.»²⁷

A editora do *Colóquio com a Morte* (1951) é a mesma do livro anterior, a Portugália. O Autor debruça-se sobre um cantar andaluz, a *saeta*, para, através da copla, do seu tema melódico arrastado e lúgubre, que considera «tão rescendente a lusitanidade»,²⁸ chegar a interrogar os supremos fins do Homem.

Esta reflexão viria a ser retomada e aprofundada posteriormente, em livro, como se verá. O poeta lírico e o homem de acção, o apaixonado da beleza e o esteta, desvelaram o ensaísta de ideias que, apesar de tudo, nunca deixaria de ser poeta. Neste sentido, avulta a publicação, sempre no «Popular», de duas migalhas significativas: «O carisma de Fátima e a teologia islâmica» (19-2-1952), que «Le Monde Arabe» (Cairo-Paris, 15-11-1952) também divulgou vertido para francês, e «Sevilha e o sentido da morte» (11-3-1953).

Entretanto, Cértima foi condecorado pelo Governo espanhol com a comenda da Ordem Civil de Afonso X o Sábio e, ainda no mesmo ano, foi-lhe também atribuída a comenda do rei Carol II da Roménia pelo próprio monarca, exilado em Portugal.²⁹

No ano de 1953, cedendo ao apelo da viagem, partiu para Paris, onde reencontrou amigos e se avistou com Hayat. Mantinham, portanto, relações cordiais. Juntos visitaram em seguida Madrid e outras cidades. No ano seguinte, a 16 de Agosto, saiu de Lisboa, de comboio, e tornou a encontrar-se com a amiga síria em Paris. Na sua companhia viu o quadro de Maria Helena Vieira da Silva «A biblioteca». Num livro de apontamentos deixou exarado o comentário: «Pouca imaginação e muita técnica.» Em Versalhes pôde então ser apresentado ao pai de Hayat. «Foi uma tarde encantadora», anota. Regressaria a Lisboa, de avião, a 8 de Setembro.

Neste período, António de Cértima exerceu funções tão discretas que não é possível ligá-las ao regime. No entanto, beneficiava do apoio da Emissora Nacional e de figuras importantes da vida pública. Quando surgiu a RTP, o Autor passou a beneficiar também do pequeno ecrã. Em datas duvidosas, mas em pleno período de «guerra fria», ocupou lugares nos serviços culturais da Sacor (na Rua do Alecrim) e em departamento relacionado com a rádio Voz da América. Estes empregos deixá-lhe-iam o tempo necessário para o trabalho da escrita e certamente ajudá-lo-iam, por fim, a investir-se do apetecido papel de escritor preocupado especialmente com a sua obra. Se o Autor, em 1953, quatro anos decorridos, ainda esperasse ser colocado pelo Ministério dos Negócios Estrangeiros, daria provas de uma paciência inacreditável...

bibRIA

TRAJECTÓRIA SEM FIM

DEPOIS de regressar a Lisboa e de restaurar, de algum modo, a posição que lhe cabia no panorama das letras portuguesas, António de Cértima distanciou-se mais e mais dos rumores do mundo para melhor se concentrar na produção da obra. Publicara uma dúzia de títulos pelo menos — dois dos quais, a *Epopéia Maldita* e *O Ditador*, foram verdadeiros **best-sellers** até o Autor decidir não mais os reeditar — mas quando ele já se abeirava dos 60 anos de idade, esse conjunto de tantas páginas, escritas embora com coragem e paixão, arrefeciam debaixo dos seus olhos e já deviam parecer-lhe incapazes de darem dele a verdadeira imagem e dimensão. Iniciou então um ciclo de obras de plena maturidade.

Com a sua imaginação ardente e voluntariosa, Cértima mostrara-se sempre pronto a idear projectos literários e a escrever. A abundância de obras anunciadas em preparação nos seus livros fala disto mesmo em grande medida, fazendo-nos pensar que o Autor as deixou no limbo, ou seja, que não chegou a escrevê-las em regra porque lhe terá faltado apenas a motivação exterior suficiente. A sua produção, sem ser pequena, poderia ter sido torrencial caso as circunstâncias que o rodearam lha tivessem pedido. O gosto que manifestava pela intervenção dramática e a vontade de se afirmar de forma rutilante haviam-lhe imposto sucessivas incursões em domínios algo marginais que se patentearam na variedade dos géneros praticados: a poesia, o jornalismo, a crónica, a narrativa

testemunhal, a ficção, o ensaio de ideias e doutrinário, o panfleto, a literatura de viagens...

Tudo isso conseguiu subordinar a liberdade criativa do escritor, que por fim pretendeu desatar as asas e traçar no espaço azul o seu outro voo, talvez o mais essencial e verdadeiro porque mais isento das circunstâncias. Sondando os recursos da ontologia, teorizou sobre o destino do Homem projectado numa trajectória sem fim que resumia também o seu destino individual. Meditou mesmo, enquanto crente e católico, sobre a transcendência, participando em 1952 num congresso, em Lisboa, sobre «os segredos de Fátima» num sentido unificador do cristianismo com o islamismo que mais tarde viria a retomar.

Porém, António de Cértima era, acima de tudo, um lírico, portanto um intuitivo por definição e, como tal, terá sentido que ninguém melhor que um poeta seria capaz de compreender outro poeta. Voltou-se para o estudo de um episódio crucial da existência de António Nobre e o resultado foi a publicação do livro *Notícias de Antão e de Purinha* (Dezembro, 1955).

O autor observa aí duas cartas do poeta do *Só* que marcaram decisivamente a «biografia emotiva» do físico apaixonado e o rompimento com a namorada. Evoca o seu mundo poético e amoroso, estabelecendo uma análise inovadora da relação do poeta com Margareth, a cantada Purinha, mas situa estes temas num enquadramento preliminar em que se relacionam reciprocamente o Homem, a Poesia e a Palavra. Toda esta primeira parte do livro exprime a trágica condição humana, que o Autor proclama na medida em que se identifica com a poesia e o destino de Nobre. Aliás, Cértima categoriza o *Só* como uma das três maiores obras literárias portuguesas (sendo as outras duas *Os Lusíadas* e a *Pátria* de Junqueiro³⁰); entre outras notas de valor biográfico, recorda que sua mãe se ligava ao Porto por laços familiares³¹ e Granada, no período consular, lembrando os «fins-de-semana burocráticos, além das viagens obrigatórias para assistir às lições universitárias dos mestres arabistas espanhóis».³²

A edição, especialmente cuidada, correspondeu a um relançamento literário do Autor, pelo que beneficiou de uma promoção também especial. O próprio Cértima custeou a edição (numerada e com tiragem especial para bibliófilos), incluiu as duas cartas de

Nobre em **fac-simile**, capa e desenho de Maria Almira [Medina] e um retrato de Purinha idealizado por Henrique Medina, além de um retrato fotográfico do próprio Autor. Em crítica, Taborda de Vasconcelos destaca «um panorama largo das suas [de Cértima] belas capacidades de realização literária»; não o surpreende, assim, «que uma linha de unidade absoluta, revelada pela nota de comum identidade que um certo “clima” poético a todos eles [livros] confere, traia a dedada (ou vocação, diriam outros) impressionista que, ao mesmo autor, deixou escrever, com igual vibração e entusiasmo, um ensaio de interpretação crítica, uma biografia e um livro de poemas». O crítico conclui considerando que António de Cértima é «um poeta que elegantemente se exprime na prosa».³³

O poeta decidiu então reler e seleccionar toda a poesia que dispersara por seis livros, desde 1943, e publicou *Trajectória Sem Fim*, antologia organizada por ele próprio e acrescentada com numerosos inéditos (Liv^a Portugal, Dezembro, 1956). A obra, significativamente, mereceu a atenção de bastantes comentadores: o Autor era já cognominado **príncipe das Letras...**

Para Amândio César, «ao refazer muitos dos poemas, ao (...) cerzir todo o conjunto, encaminhando-o para a unidade, António de Cértima quase levou a cabo um novo livro, o livro que ficará como testemunho da sua sensibilidade poética, o livro pelo qual se poderá julgar se sim ou não a sua presença poética deve ou não ser considerada na paisagem lírica da poesia portuguesa contemporânea.»³⁴ Taborda de Vasconcelos, retomando o que antes dizia, observa: «o nosso julgamento não ficaria completo e inequívoco se o escritor não trouxesse a contribuição de uma Antologia Poética (...) à certeza de que a sua vida de homem de acção e de incansável viajante, não teve forças para o afastar da literatura, mas pelo contrário, antes parece tê-lo sempre colocado mais próximo da Poesia que doutros problemas do espírito.»³⁵ Por seu turno, Armando Ferreira escreve: «Felizmente que António de Cértima não parou, na contemplação dos êxitos passados, e estabeleceu a continuidade da sua obra, a unidade entre o passado e o presente. Foi ao pedestal onde assentava a sua figura de Poeta e modificou e aumentou as suas pedras fundamentais: ficou assim mais alto.»³⁶

Para Luís Forjaz Trigueiros, Cértima «apresenta-se singularmente original»; sublinha a coragem da sua poesia, «pois o não

arregimentar em qualquer pelotão ou não se abrigar em qualquer capoeira é acto de individual dignidade que implica a renúncia aos fáceis e gostosos aplausos das camarilhas, em que se perde, aos poucos, na vida portuguesa contemporânea, o sentido dos valores e das hierarquias.»³⁷ Luso do Carmo, pseudónimo de Óscar Lopes, notando um «nacionalismo historicista» no Autor, despachou a obra com duas penas: «Estes quadros temáticos gerais e a discursividade especial da geração a que se ligam, admitem por vezes neste poeta incontestáveis elementos de vida diferenciada e própria, quer em certas narrativas colhidas como que em notação flagrante de diário, quer em certas notas elegíacas da sua erótica, quer em certas liberdades refrescantes de imagens.»³⁸ Um redactor e amigo do «Diário de Lisboa» (Artur Portela, certamente!) num extenso artigo dedicado à «antologia poética», só a estranha porque viria cedo, «os cabelos nem sequer ainda se pratearam com o dobrar dos anos» ao Autor.³⁹ Um outro comentador, António Ruivo Mouzinho, aponta, na sua voz poética, que diz bem própria, a «mistura inextricável de exotismo, cosmopolitismo, esteticismo, erotismo, nacionalismo e paisagismo», para dizer que Cértima não é fácil de arrumar comodamente em qualquer seita definida.⁴⁰ Enfim, João Maia critica nos versos do Autor tudo o que, em seu entender, lhes dá «um tom aristocrático de quem escrevesse os livros com os dedos carregados de anéis.»⁴¹

Tudo isto, em abreviada amostra, serve para referir o lugar e a audiência que o Autor em certa medida reconquistava depois de regressar a Lisboa.⁴² A *Trajectória Sem Fim* constituiu uma afirmação cabal do poeta, que de tal modo se cumpriu (pois só viria a publicar mais versos em dois manifestos poéticos, em 1970). O volume, com sobrecapa de Maria Almira [Medina] e desenhos de Mário de Oliveira,⁴³ contém alguns poemas em castelhano e francês, sonetos ou alexandrinos, versos livres ou redondilhas de sabor popular, mas sempre de recorte cosmopolita ou exótico, porque o Autor, esteta da forma e bom viajante, introduz alusões a Dacar ou a Sagres, Kaolack ou Sevilha, Istambul ou Lisboa. De qualquer modo, o livro não foi reeditado e, apesar do apurado e notório quilate da sua poesia, jaz ingloriamente esquecido sob poeiras de quase quarenta anos.

A obra seguinte de António de Cértima retoma de alguma maneira o cerne temático que já palpitava na matéria essencial



Retrato por Eduardo Malta (1945)



Óleo por Henny Schulenburg



Barro por Martins Barata



Busto (granito) por Martins Barata

abordada (ou melhor, ensaiada) na primeira parte da «biografia emocional» de Nobre. *O Primeiro Dia do Homem Fora do Paraíso* sonda a profundidade ôntica do ser em existência, isto é, fala com palavras simples de coisas muito difíceis (e, por isso mesmo, pouco faladas), pelo que o livro resulta a um tempo do homem de fé e do poeta. Trata-se, em resumo, de um estudo religioso-metafísico (que coloca a tese da complementaridade islâmico-cristã do mito de Adão) e, simultaneamente, de uma obra literária que talvez ninguém pudesse esperar do Autor. Pelo menos, houve reacções de surpresa entre os comentários críticos, que de novo se multiplicaram.

Cértima morava então na Avenida Praia da Vitória, 48, segundo esquerdo, ao Saldanha, de onde não mais iria mudar-se. Tinha uns 66 anos à data da publicação desta obra (lançada por Edições Ática, Junho de 1960; capa mais duas gravuras de António-Lino e, de novo, uma tiragem especial numerada e rubricada pelo Autor). Este, em prólogo, explica-se: «Desde os primeiros dias das minhas permanências na terra dos árabes, a mais forte impressão que recebi e me ligou ao seu "mundo" foi a do sentimento religioso do homem muçulmano e da forma serena e consciente com que concorria à ritualidade exterior.» Por contraste, pensa «com tristeza no homem religioso do Ocidente, que se vangloria da sua casta de católico», contrapondo-lhe «o tremendo aviso da teologia islâmica: **Ninguém me salvará de Deus**», extraído do Corão.

O Autor reage contra uma excessiva dessacralização do mundo, questionando a crescente laicização da vida e ousando mesmo, sem quebra da sua catolicidade de origem, uma aproximação ao livro sagrado dos muçulmanos para o contrapor em exemplo aos cristãos. Trata-se de uma verdadeira afirmação de ecumenismo, que supomos bastante invulgar naquele tempo. O Autor dedica-a expressivamente aos seus pais, «seres religiosos que souberam transmitir-me intacto o dogma recebido dos antepassados», e fez questão de inserir na contracapa do livro a legenda: «Se não penso, não creio». A respectiva disposição gráfica importa: a primeira palavra aparece colocada dentro de um círculo perfeito desenhado pelas duas frases, que podem ler-se de duas maneiras alternantes: «Se não creio, não penso.»

As críticas e os comentários feitos na Imprensa a *O Primeiro Dia do Homem Fora do Paraíso* foram ainda mais atentos e

abundantes que aos livros anteriores. Cértima avultava, impunha-se às atenções do país culto num espaço cultural onde fazia soar agora a sua voz maturada e enriquecida por novos timbres. O homem de pensamento emergia no poeta, completando-o como a rima há muito procurada para completar um verso de poema em acabamento.

Em rápida incursão, registam-se apenas referências produzidas por Amorim de Carvalho, Taborda de Vasconcelos, Luís Forjaz Trigueiros, Amândio César, Guedes de Amorim e M. Lopes Rodrigues, de resto todas com teor enaltecedor. O pensador Amorim de Carvalho referenciou o livro num artigo muito denso e longo em que o desvincula do movimento da chamada «filosofia portuguesa» e declara «singular e corajosa entre nós» a posição assumida pelo Autor, homem crente que aceita o mito da Queda, «mas não se julgue que o aceita sem críticas. Raras vezes um intelectual será um crente passivo.» Quase a terminar, Amorim de Carvalho escreve: «Há, em todo o livro **O Primeiro Dia do Homem Fora do Paraíso**, um esteticismo helénico e até paganizante, que vem do poeta; é ao mesmo tempo ético e sensual, mas transcendentalizado pela meditação religiosa. Os capítulos “**Alegria de ser Homem**” e “**Marcha para o Mundo**” serão dois momentos discursivo-dramáticos daquela transcendentalização em que o Homem está **divinamente** presente. A grandeza da hominalidade marca-se pela sua raiz divina. E António de Cértima escolheu, para o significar, um mito de pecado e amor, em que o amor aparece, como já tive ocasião de dizer, com um sentido épico e teocosmogónico, na ligação do Mundo e do destino humano àquela raiz divina.»

Prossegue Amorim de Carvalho: «**O Primeiro Dia do Homem** é um livro que se impõe, com a mensagem dum pensamento amadurecido e original. Analisado, como deve ser, no conjunto da obra do seu autor, estabelecendo-se todas as relações e correlações, tem uma significação de síntese, para onde convergem todas as linhas estéticas e intelectuais duma biografia espiritual. É um livro que se escreve depois de muito se ter escrito, que se medita depois de muito se ter meditado. Está aí a sua sinceridade, independentemente das divergências filosóficas com que possamos encará-la.»⁴⁴

Taborda de Vasconcelos adverte o livro como inesperado e motivador de júbilo, para concluir: «Não se escreve um livro assim nos anos de juventude, nem sequer na adolescência, pois ele esgota

o amadurecimento possível da idade adulta, para que, eventualmente, tenderão, em todo o caso, as linhas de força vindas dum e doutro daqueles extremos, neste caso dos caminhos percorridos pelo autor de outros livros, em que a meditação sobre temas afins podia deixá-lo pressuposto. Visão cristã, logo criadora, do Mundo e do Homem, **“O Primeiro Dia do Homem Fora do Paraíso”** é um documento sério, que restaura a nossa confiança na viabilidade de obras portuguesas que transcendam o plano das referências mais imediatas.»⁴⁵

Luís Forjaz Trigueiros declara-o «sem dúvida o seu livro mais denso de substância e de erudição (...) Estas páginas, que são ao mesmo tempo história, ensaio e narrativa, foram possíveis, assim mesmo, anulando arestas dum tema de tal forma grave, porque ao estudioso da história, da geografia e do mundo bíblicos, a sua “qualidade” serviu-lhe não para o enriquecimento exterior quanto ao vestuário da palavra, mas para o uso desta como um instrumento vivo de comunicação. Ou não fosse António de Cértima poeta, e a poesia — Mallarmé o disse — “o hino das relações de tudo com tudo”. E **tudo** cabe, de facto, no valor genético do tema a que António de Cértima deu com este livro o desenvolvimento que ele até aqui ainda não lograra obter, que me lembre, na nossa literatura.»⁴⁶

Amândio César, por seu lado, afirma: «Trata-se de um livro sério, de um livro que exige meditação e que a nós próprios nos chama à meditação. Temos tantas vezes estado afastados das fontes da nossa origem que um livro como este acaba por nos conduzir ao princípio da nossa condição e acaba por obrigar-nos a estudá-la e a analisá-la. Eis porque o acho um livro actual e actuante. Actual por não ter receio de tomar um tema de tamanha grandiosidade e de o conduzir àquele porto de salvamento que distingue as obras que ficam das obras que passam; e actuante, porque no seu conteúdo estão incluídas as premissas que nos poderão obrigar a um estudo sério, na continuidade daquele que o Autor, aqui, deixou impresso.»⁴⁷

Guedes de Amorim declarou que Cértima revelava nesta obra valiosa e excepcional a vasta cultura que possuía da Bíblia e do Corão; merecia ser traduzida em vários idiomas depois de ter surpreendido a vida literária portuguesa. Escreve: «Juntam-se neste trabalho, de tão acentuado interesse, em atraente leitura, a história, a filosofia e a poesia, fazendo-nos admirar, ao lado da penetração lógica do autor, em dias de princípio, a provável e verosímil recriação

do encontro adâmico com a Terra e o Amor, na interminável sucessão de espantos e interrogações. Surpreendente, diremos até convincente, pois a arte sabe criar situações que nada ficam a dever à verdade. (...) sendo, por conseguinte, obra de grande valor religioso, também é poema com interesse filosófico, satisfazendo interrogações que se consideravam como irrespondíveis. Próximo do Divino, e nem poderia ter outra base, evidentemente, o livro, que reflecte conhecimentos dos livros patrísticos, tem quase sempre uma qualidade humana cativante. Fora do Paraíso, Adão e a sua companheira descobrem a Terra e a si próprios se descobrem, igualmente, no orfeão das vozes naturais e no amanhecer das suas expressões e dos seus sentimentos.»⁴⁸

Finalmente, M. Lopes Rodrigues, a propósito da sua obra, em longo artigo publicado por um jornal de Vila da Feira, começa por saudar o Autor como poeta e ensaísta, que «é hoje, no domínio da cultura nacional, uma personalidade forte e brilhantíssima, de quem o nosso Distrito se pode orgulhar, juntando-o, com merecida honra, ao escol dos seus altos valores intelectuais». Acrescenta: «Louvando a pessoa louvamos, implicitamente, por mérito próprio, a terra onde nasceu. Assim, elogiando o intelectual, exaltamos a sua adorada e ubérrima Bairrada, de cujo húmus, ao efeito de uma estranha e privilegiada osmose, parece ter recebido a pujança criadora e fecunda para a formação do seu espírito e inteligência.»⁴⁹

Marques Gastão, sempre animoso a escrever sobre o Autor, também consagrou ao livro um estudo sobre o sentimento do «épico cristão» ou heróis da existência imbuída de fé.⁵⁰

Os órgãos de Imprensa espanhola, sobretudo sevilhanos, costumavam referenciar a publicação das obras recentes de Cértima. Foi o que aconteceu também com *O Primeiro Dia do Homem Fora do Paraíso*. Mas parece que este livro foi o primeiro do Autor a ser comentado em jornal de língua francesa (concretamente «La Nation Belge», de 23/10/1961, artigo «Un écrivain portugais — **Le premier jour de l'Homme en dehors du Paradis**» assinado por A.d.S.), que termina por lamentar que o livro não apareça vertido numa língua mais acessível aos francófonos que a língua de Camões.

Porém, a tradução emperrou e a própria divulgação do livro, apesar de poder ser lido quase como um romance embora fazendo pensar o leitor, e das atenções abundantes que suscitou no nosso

país, resultou escassa ao ponto de não ter sido reeditado. O eco dos aplausos extinguiu-se e estoutro livro eclipsou-se. Também jaz esquecido, sem glória para ninguém.

Nesta época, concretamente em 1961 e 1962, António de Cértima viajou pela Europa. Por vezes saía de casa e refugiava-se em hotéis fora de Lisboa a fim de poder trabalhar mais à vontade. Outras vezes recorria aos serviços de uma secretária. O seu escritório, amplo e confortável, com uma larga e alta estante, e os papéis do seu espólio, ainda conservam algum cheiro do tabaco que fumava. Era reconhecido como escritor de prestígio, mas, pelos vistos, as suas obras de plena maturidade não faziam esgotar as edições por mais aplausos que merecessem e viessem a público.

O livro que publicou seguidamente, em Abril de 1963, foi *Sevilha Noiva de Portugal*, volume cartonado, com sobrecapa de Manuel Lapa e mais de trezentas páginas com ilustrações. No fim, o Autor anota que o escreveu na cidade andaluza «e em seu louvor, no irrealizado afã de lhe pagar o que dela recebeu em amor e esplendor». No entanto, sabe-se que trabalhou na obra depois de partir de Sevilha (em 1949), durante muito tempo, embora já a anunciasse na contracapa da «Trajectória Sem Fim» (1956), publicando mesmo o respectivo sumário.

Trata-se da quarta obra dedicada pelo Autor à cidade de Sevilha e, sem dúvida, da manifestação conclusiva do entranhado amor que lhe devotava. Retoma em parte o texto do *Itinerário sentimental de los Portugueses*, livro de 1944, mas realmente é a obra que proclama definitivamente e por inteiro a grandeza da sua «paixão sevilhana». Repassa «dois mil anos de história e emoção» (conforme o subtítulo), ou seja, entrelaça elementos históricos com estesias poéticas para captar o espírito das gentes e dos lugares de uma espécie de roteiro sentimental seguido através da espessura dos séculos. Ergue-se, deste modo, como um monumento altíssimo à aproximação dos dois povos ibéricos.

Todavia, obra tamanha parece ter sido vítima de um estranho desinteresse ou mesmo de um silenciamento.⁵¹ Pouca Imprensa portuguesa consta do espólio do Autor com referências a este livro, dado à luz com imenso esforço intelectual e material.⁵² Conhece-se apenas um artigo de Amândio César, aliás publicado em jornal moçambicano, entre as poucas notícias anónimas que terão vindo

a lume. No seu comentário crítico, Amândio César adverte «a minúcia de todas as páginas deste livro, quer estejamos lendo a história da cidade, tantas vezes ligada ao destino lusíada, quer estejamos lendo aproximações literárias, artísticas ou religiosas. Em todos estes planos, em que António de Cértima construiu o seu livro (...), uma verdade ressalta. A estranha paridade das duas almas — a lusíada e a andaluza.»⁵³

Marques Gastão também escreveu um artigo acerca de *Sevilha Noiva de Portugal* enviado ao Autor comentado antes de sair no jornal «Diário Popular». Marques Gastão considera o livro «uma obra de arte inteligente», para acrescentar: «E o risco em que António de Cértima se encontrou — julgamo-lo — foi grande. Poderia ter caído no misto da crónica de viagem-reportagem ou na fastidiosa erudição carunchosa da Arte expontânea. Se quizessemos ir até mais longe, poderíamos dizer que o Cronista Vivo que há em António de Cértima soube conciliar quanto a esta sua obra literária as substancias inteligentes destes conceitos expressos por André Malraux: “Um crucifixo de Giotto é um testemunho; a Ceia de Leonardo é um conto sublime”. Quer dizer: a presença da lusitanidade na cidade hispalense testemunha a grandeza granítica da nossa história, como as figuras históricas esparsas por todo o livro são o tom maravilhoso do mundo português, que está no sangue de Cértima, desde a sua juventude.»⁵⁴

Um outro artigo, de autoria do espanhol Adolfo Lizón, colaborador de «La Estafeta Literária», terá saído a lume nesta publicação madrilena mas ignora-se em que data, ou mesmo se não terá ficado também impublicado. O articulista declara Cértima um amigo de Espanha dos poucos que havia em Portugal; recorda que, quando o Autor era cônsul em Sevilha, «cubrió de flores» meia dúzia «de se villanas guapas» e conta até um episódio galante protagonizado pelo cônsul-poeta numa estação ferroviária onde vislumbrara uma cara bonita e a quem se apressou a mandar «los más bellos claveles de Sevilla».

Na sua apreciação, Adolfo Lizón afirma: «El camino entre Lisboa e Sevilla está más gastado por los coches portugueses que qualquer otra carretera peninsular. Y ya es um mérito. (...) Cértima, caballero português de altas torres, ha escrito su piropro de amor a Sevilla. Esto es, a España. La palabra que más le acude a la

memoria al hablar de Sevilla es sortilegio. A veces lo escribe cuatro veces en una sola pagina. Sortilegio, Sevilla. Hasta comienza con ese.»⁵⁵

Ainda em 1963, no mês de Novembro, António de Cértima publicou o livro *Doce França*, uma coleção de crónicas de viagem antes publicadas no «Diário Popular» a que acrescentou «Jornal de Paris», uma espécie de diário pessoal relativo aos anos de 1961/62. A obra traz a chancela da livraria Portugal, firma distribuidora, mas, mais uma vez, foi editada pelo próprio Autor.

Cértima pretendeu traçar uma espécie de biografia da paisagem francesa, tal como indica Guedes de Amorim em comentário onde lembra a época da primeira viagem do Autor a França para entrevistar a condessa de Noailles e outras grandes figuras das letras francesas para o periódico do qual ele era cronista, já então «de ombro com ombro com os raros consagrados de Portugal». Sobre o livro de Cértima, Guedes de Amorim acentua: «Por muitos motivos, “Doce França” é um livro de maturidade, pensamento e plasticidade, portanto a toda a distância da frouxidão ou das rugas que já são idade extrema e sem novidade. Pelo contrário. Neste atraentíssimo volume, em que a França e a sua apaixonante capital são admiradas e interpretadas em todas as suas facetas, humanas, reais e artísticas, tudo tem um cunho inteiramente novo.»⁵⁶

M. de Sousa Lobo, Luís Forjaz Trigueiros, Carlos Cunha, Emílio Pereira Guedes, J. P. d'Assac e outros comentadores assinaram artigos na Imprensa sobre o mesmo livro. Um deles, por sinal, foi Alfredo Guisado, do jornal oposicionista «República»,⁵⁷ a quem o Autor, decerto pela primeira vez, enviara a obra para crítica. O primeiro, Sousa Lobo, comenta: «**Doce França** é o Paris, a França de António de Cértima: um Paris *sui generis*, atapetado pela inteligência, forrado pela delicadeza; a sua Europa é uma Europa de comboio de luxo: um luxo de sensibilidade requintada, de exigência *exquise*. (...) Os companheiros de António de Cértima são indivíduos especiais, ia dizer privilegiados, graças a mil e uma circunstâncias. O ambiente em que se movem decora-o a constante presença de belas conquistas do espírito, em que se deleitam. / Estas características emprestam à obra muito do seu encanto e limitam-na no seu interesse. (...) O autor afasta-se, sem querer, do calor da vida.»⁵⁸

Menos críticos, ou mais amenos e compreensivos, foram os comentários restantes. Luís Forjaz Trigueiros observa: «O sortilégio de França conhecemo-lo todos os que uma vez a visitámos — e quando tudo parecia estar dito vemos, afinal, que ainda é possível dizer algo de novo. Desta vez, o que predomina, em volume tão inteligentemente reflectido, é uma ideia de intensidade intelectual, uma dinâmica do espírito se assim se pode dizer. António de Cértima cinge a aspectos, limitados mas muito significativos, a sua visão da França». O mesmo comentário aponta, mais adiante, nas «páginas predominantemente memorialísticas deste livro, um tom de confissão humana rico de sinceridade».⁵⁹

Por seu lado, Carlos Cunha termina por perguntar: «A relação de Cértima com o mundo? Só uma palavra nos ocorre: epicurista. Se o epicurista é aquele que reconhece o absurdo em estado de facto, negando-se, embora, a tomar consciência dele, não há dúvida de que estamos perante um caso de epicurismo. O epicurismo de um homem que, para fugir à própria solidão — viaja.»⁶⁰

Enfim, Emílio Pereira Guedes, num breve texto corrido, regista que o livro «apresenta certas curiosidades culturais», enquanto J. P. [Jacques Ploncard] d'Assac vai mais longe, considerando-o ousadamente como um «ensaio político, filosófico e literário»; aproveita-o mesmo para defender mais uma vez os valores não democráticos do escol socio-cultural e, por fim, aplaudir o Autor: «Tendes razão, António de Cértima: — é «a implacável vingança do Espírito».⁶¹

Na verdade, Cértima assumia no livro a clara matriz ideológica que já fizera dizer ao crítico da revista «Brotéria» que o Autor dava ao leitor a ideia de escrever com os dedos cheios de anéis. Aplaudia Salazar, a propósito do livro da sua amiga parisiense Christine Garnier, como «um Homem que tem alguma coisa a dizer aos homens!»,⁶² posto que, na mesma página, advertia: «Vivemos num país [Portugal] em que os oitenta por cento dos seus habitantes voltam as costas à verdade comum, empenhados como andam na sua luta diária de impotência entre o muito que sonham e o pouco que são capazes de realizar.»

Outros comentários, a condizer com os anteriores, provieram das mãos de José Blanc de Portugal, Amândio César e Marques Gastão.⁶³

Do livro *Doce França*, o Autor enviou exemplares oferecidos a mais de 120 pessoas, no país e no estrangeiro. Uma foi exactamente Salazar, habitual contemplado, e outra foi Hayat, com palácio em Damasco. António de Cértima fazia habitualmente listas de ofertas para cada livro que publicava, anotava as datas de cada envio e tinha mesmo o cuidado de memorar algumas dedicatórias mais importantes, guardando os respectivos rascunhos. Na realidade, costumava preparar o envio de cada oferta com imensos cuidados, inclusive da respectiva embalagem, e por isso demorava longos meses a despachar as ofertas, que gostava de entregar ao Correio sob registo.

Não se conhece nenhum contrato editorial por ele assinado. Num caso concreto, sabe-se que exigiu receber 18% sobre o preço de capa como direitos de Autor. A maior parte, talvez quase todas as edições das suas obras, foram custeadas com dinheiro do seu bolso. Nunca terá chegado a sofrer prejuízos enquanto editor de si próprio (pelo contrário!), embora redigisse e pagasse habitualmente os variados anúncios que saíam nos jornais. Algumas vezes teve de passar pela curiosa mas normal experiência que consiste em ter de comprar mais exemplares do seu próprio livro ao editor alheio que o lançara, para proceder a novas ofertas.

Ainda no ano da publicação de *Doce França* (1963), o Autor foi condecorado com a Ordem Militar de Cristo, grau de Cavaleiro, pelo presidente da República. Ia atingir o chamado limite de idade, isto é, 70 anos, mas o facto sobrecarregava-o tanto que preferiu largar o emprego na Sacor, despedindo-se, do que confessar a idade, embora à custa de perder as regalias sociais da aposentação.⁶⁴

Todavia, enquanto escritor, António de Cértima estava longe da reforma. A sua trajectória queria-a sem fim.

O POETA-FICCIONISTA

COM 70 anos, em vez de paralisar ou esmorecer a escrita literária, António de Cértima preparou-se para ampliar a vertente ficcionista da sua obra, desactivada desde os contos de *Vida Voluptuosa* (1945). Projectou o seu primeiro romance e, entretanto, publicou na revista «Panorama», do SNI (Lisboa, nº 11, Setembro de 1964), o conto «O prodígio da vaca que comia papoilas».

Esse primeiro romance veio a lume em Fevereiro de 1966. Publicado com o título de *Escandalosamente Pura* e chancela da Parceria A. M. Pereira, tem capa executada pelo arqº Mário de Oliveira. Uma pequena quantidade de exemplares da edição recebeu honras de sobrecapa transparente, para ofertas especiais, mas todos ostentavam em cinta envolvente a legenda: «Este é o drama das raparigas que hoje não encontram relutância em se entregarem a uma experiência que as atrai sem as satisfazer».

Julga-se que terá sido esta a primeira vez que uma obra de Cértima foi motivo de sessão de apresentação, que decorreu nas instalações da editora no dia 11 de Março, à tarde. O cartão do convite, azul com letras impressas a ouro, retrato e **fac-simile** da assinatura do Autor, deve ter sido ideado por ele próprio. O orador encarregado da apresentação da obra foi Marques Gastão, jornalista e narrador de viagens. As palavras que proferiu encontram-se no fim do volume reeditado em data não indicada mas sem dúvida em 1970, talvez em Março, com outra cinta a envolver os livros:

«2ª edição. Um livro que todas as mulheres esperavam após o êxito empolgante da 1ª edição.» Circulou também com uma cinta algo diversa, pois acrescentava esta citação do texto do romance: «Valerá a pena desejar sem querer possuir? — interroga Eva, rapariga tempestuosa e esaldante, misturando o impudor ao talento e à graça.»

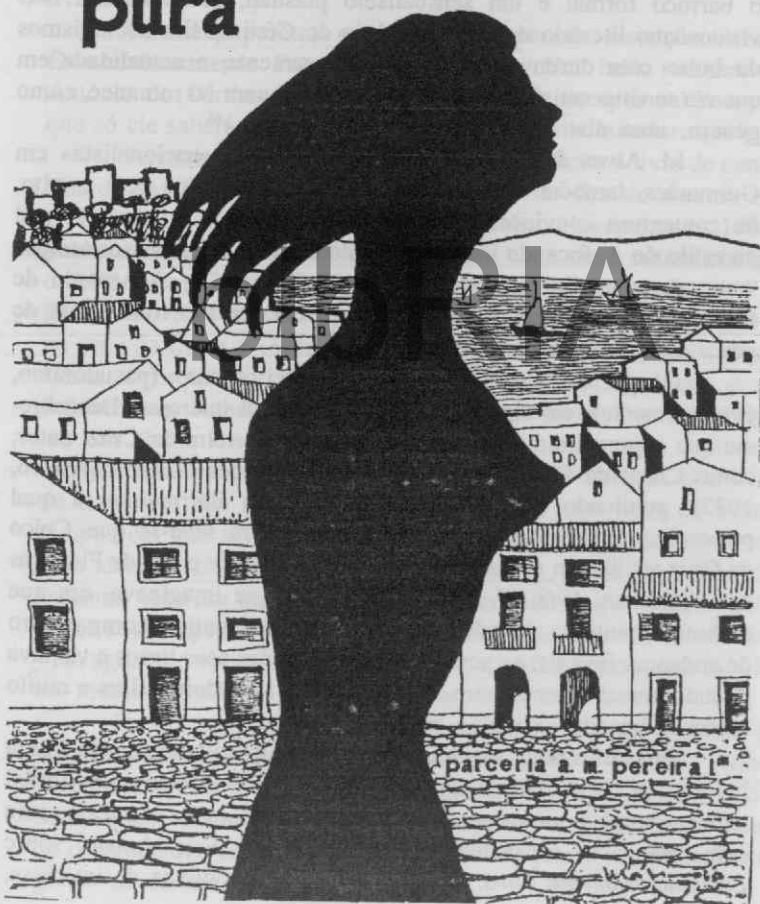
O livro inspira-se francamente nas vivências do Autor recolhidas na década de 50, após o regresso de Sevilha a Lisboa, na zona de um «Chiado» que metaforicamente alude à chamada «sociedade» lisboeta enquanto imagem da «sociedade» portuguesa daquele tempo. Pretende escandalizar sobretudo os leitores de sexo feminino (os livros de poesia de Cértima atraíam muitas leitoras, a crer em certas indicações) ao abordar o tema da falta de formação-informação sexual das jovens com uma óptica edificante mas também tocada pela ambiguidade, aquela espécie de ambiguidade que, como já se destacou, era uma das subtilidades do Autor e um dos traços da sua inteligência. Para além da dimensão edificante da obra assoma a tendência vital que celebra a paixão da carne e os seus desvarios mais ou menos secretos ou assumidos.

Por isso o Autor teve o cuidado de atribuir a autoria do texto a um anónimo, dando-o como «liberto» do Chiado, ou seja, na Itália, repetindo de tal modo o ténue disfarce dos autores antigos. E, apesar de ser obra de ficção, um romance, o Autor ainda quis exarar à entrada a prevenção contra qualquer coincidência com a vida real... Ora tudo isto serve para revelar que escreve com base em ocorrências reais e que ele deseja persuadir-nos disso mesmo.

Os críticos e os comentadores não tardaram a pronunciar-se de um modo que relacionou mais a figura e a obra de Cértima à cultura oficial e em contraposição com as outras correntes culturais alternativas, alinhadas no país pelo oposicionismo. Amândio César apressou-se a saudar calorosamente o romance, escrevendo: «"Escandalosamente Pura" tem alguma coisa em si que ultrapassa o possível charmariz do título. É que nas suas páginas desdobram-se situações e debatem-se ideias que são o ponto crucial de nossos dias. Esse aspecto é importante fixar-se, num escritor que é, antes de mais nada, um esteta puro. Simplesmente a estética não vive isolada no tempo, não existe por si. Daí que nestas páginas de António Cértima — por certo as mais decantadas que eu lhe

antônio de cártima

escandalosamente pura



parceria a m. pereira

reconheço numa obra literária vasta — esteja ao lado da beleza formal o debate de ideias; ao lado do debate de ideias a corporização ou realização, em movimento, desse debate; por fim, as paixões, as experiências, os logros e os desenganos. Quer dizer, um romance completo em que se retrata a vida numa cidade, processada através do seu escol ou falso escol».⁶⁵

Mais comedido no aplauso foi Luís Forjaz Trigueiros. Notou no título uma «voluntariedade de cartaz» e, no livro, uma certa crítica de costumes em meio social confinado, um tom literário que assimila o barroco formal e um sensualismo plástico, para concluir: «O virtuosismo literário da obra (António de Cértima tira neologismos do bolso com desenvoltura) e, simultaneamente, a actualidade em que ela se situa satisfarão, assim, os que procuram no romance, como género, uma distração, às vezes para pensar.»⁶⁶

M. Alves de Oliveira, director de revista «nacionalista» em Guimarães, também opinou sobre o livro: «Romance bem escrito, de textura convincente, nele se pode admirar a beleza formal do estilo do A. focando toda a amplitude do drama dos nossos tempos “num esquema flagrante da vida social lisboeta”. (...) António de Cértima afirma-se em *Escandalosamente Pura* um romancista de garra e de admirável maestria.»⁶⁷

O que diz do livro um certo Frei Amaro (pseudónimo, evidentemente) tem alguns motivos de especial interesse. Descobri-se que o pseudónimo pertence a Francisco Ferreira da Cruz, autor, como Chico da Cruz, do livro de versos «Tardes de Sol» (Aveiro, 1922), publicado com chancela da «Plêiade Bairradina» à qual pertencera também António de Cértima.⁶⁸ Ora sabe-se que Chico da Cruz residia em Aveiro e que exercia funções de chefe de Finanças em Vagos em 1966/67. Não se sabia, nem se imaginava, era que o Autor mantinha relações cordiais com este antigo companheiro de andanças juvenis, a quem oferecia muitos dos seus livros e visitava quando passava por Aveiro. Seria uma das suas derradeiras e muito escassas ligações à região natal.

Por outro lado, surpreende um pouco que uma apagada figura literária, à beira da aposentação, apareça a colaborar num jornal lisboeta como o «Agora», onde, na página de «artes e letras», saiu com manchete sensacionalista o artigo de Frei Amaro sobre *Escandalosamente Pura*. O artigo tem outros motivos de interesse,

mas, acerca do romance de Cértima, que classifica como «jóia literária», evoca o percurso do «aprumado e apurado escritor que, sem ofegâncias nem compromissos, subiu pelo seu próprio pé toda a Calçada da Glória da nossa literatura». Continua: «**Escandalosamente Pura** reaproximou-me quase fisicamente do seu autor, e abalou profundamente aquele anti-intelectualismo em que me comprazia (por obra e graça da catequização recebida do saudoso João Paulo Freire durante a “cura de repouso” que ambos fazíamos, no Verão e Outono de 1940, naquela “pousada” de grades de prata, à ilha da Sé...)»

Termina, porém, com uma inesperada restrição: «Sim: **Escandalosamente Pura é um romance**. Um belo romance de António de Cértima. Mas não é bem aquele excepcional romance que só ele saberá escrever e que este seu velho admirador espera.»⁶⁹

Persistindo na via da ficção, o Autor publicou o livro de contos *Nono, Não Desejar a Mulher do Próximo* no fim do mesmo ano e na mesma editora (Parceria A. M. Pereira, Novembro de 1966). Sobre a capa, do arq^{te} Mário de Oliveira, uma cinta anunciava que o Autor «continua neste livro a desbravar caminhos audaciosos...» Este livro também foi objecto de sessão de lançamento, realizada na sede da firma a 16 de Dezembro. Na sua apresentação, Amândio César começou por demarcar obra e Autor «de qualquer grupo influente nas folhas literárias que para aí há aos molhos — e, diga-se em abono da verdade, quase todas inclinadas para o mesmo meridiano ideológico». Lamentou «um silêncio funéreo, em torno de escritores que são artistas» e proclamou-o «um livro de nossos tempos em que a verdade é observada através de ângulos diversos, com técnicas diversas e com estéticas diversas, também», saudando-o como «escritor que esteve sempre ausente de grupos e de tertúlias e que soube apenas passar ao papel as emoções multímodas de uma vida agitada e vivida em profundidade», e, enfim, como «um escritor na melhor posse das suas virilidades de criador literário».⁷⁰

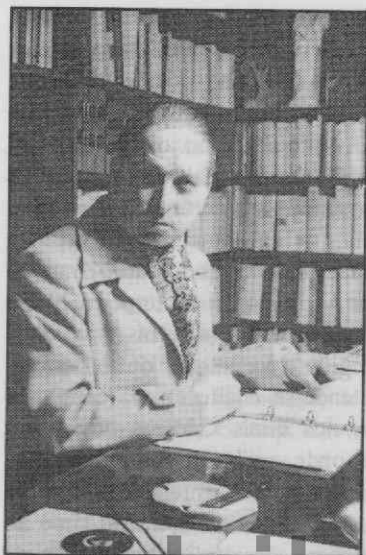
Outros autores comentaram o mesmo livro: Guedes de Amorim, Marques Gastão, Agostinho Veloso, Mário António, Armor Pires Mota e etc., rodeando o aparecimento da obra de invulgar ruído. Mas, apesar de tudo, o livro não conheceu reedição. Os volumes de contos, salvo raríssimas excepções, valem pouco nas preferências gerais da leitura.

Guedes de Amorim, numa extensa apreciação, reconhece que «o escritor nada ensina nunca à Vida, bem pelo contrário», para acreditar que «o autor de si mesmo e das experiências próprias parte para a ficção» e afirmar em seguida: «Verdadeiro poeta, transfigurador da realidade, Cértima tem um dos seus mais altos momentos de escritor nas páginas de “Nono, não desejar a mulher do próximo”. Longe das ideias moralizadoras e moralizantes, que noutras varandas terão adequado lugar, cada conto-lição representa: da vida parte-se para conhecimentos, ilusões, vitórias e derrotas, em que, cedo ou tarde, a Verdade, Deus e o Amor são negados ou exaltados.»⁷¹

De facto, cada um dos seis contos coligidos no volume reflecte um período concreto das vivências do Autor, na Bairrada natal, no norte de África, em funções consulares, em meio da Guerra Civil Espanhola (reproduz, pela primeira vez, as palavras derradeiras do republicano Federico Garcia Lorca aos seus carrascos), no ambiente lisboeta, etc. Aliás, o único conto não inédito inserido no volume⁷² (antes fora publicado em *Vida Voluptuosa* com título e texto algo diferentes), protagonizado pelo Bouças homicida, decorre visivelmente na Bairrada e terá sido mesmo inspirado por um caso real.⁷³

Marques Gastão, no seu comentário a propósito do livro, foca especialmente a catolicidade de Cértima, «de tal modo — escreve — se identificam no Homem e no Escritor o sentido religioso da vida à sua telúrica paixão de homem português».⁷⁴ Mário António, por seu turno, observa: «O presente livro de António de Cértima veio confirmar, uma vez mais, o que deixamos expresso. É importante a parte que, na sua literatura, tem a própria experiência, experiência privilegiada de homem levado a confrontos com diversos paisagens e civilizações e a quem a História marcou decisivos encontros: a guerra, a “belle époque” colonial em África, o crepúsculo de uma diplomacia.»⁷⁵

A. Veloso, em recensão da revista «Brotéria», nota que o Autor nos leva, «numa digressão surpreendente, por mundos estranhos», e abona cada conto em Dickens, Mark Twain, Júlio Dinis, Shakespeare, Bechet e Ionesco, Sófocles, Racine, George Wells.⁷⁶ Jerónimo de Castro coloca Cértima na galeria dos grandes escritores portugueses, como «Autêntico almoqueire de impressões que vem colhendo pelo Mundo e designado por vocação a meter em seu albornoz o que há de mais válido e humano que se lhe



bibRIA



depara».⁷⁷ Armor Pires Mota também opinou: «António de Cértima não observa à superfície as coisas e os seres, os estados psicológicos. Vai sempre mais ao fundo, à realidade íntima. Essencializa.»⁷⁸

Fechando o acervo de comentários críticos suscitados pelo volume de contos, eis que salta de novo um artigo no jornal «Agora», assinado com as iniciais C. de O. (talvez a significar «Chico de Oliveira»... do Bairro) mas que tudo indica ser de autoria do Chico da Cruz já referido. O artigo postula que «não houve uma geração intervalar entre aquela desaustuada geração que Raul Brandão denominou de “tremenda”, e a que — a partir do terceiro lustro do presente século — dignificou o pensamento, as letras e as artes, elevando-as a uma altura jamais atingida em qualquer outro período da nossa história.» Lendo bem, pretende-se enaltecer «os caminhos salvíficos do integral lusitanismo», nos quais Cértima emerge, a recordar «o seu périplo diplomático onde o sibaritismo profissional nele despertou e sublimou a voluptuosidade intelectual de um príncipe da Renascença.» Por fim, as páginas do conto «Crime ao amanhecer», protagonizado por Bouças, são declaradas dignas de Fialho de Almeida e de Ésquilo. «Esse conto, que vale por todo o livro — conclui o artigo —, tem apenas um senão: onde diabo ouviu o António de Cértima a filha de um carrejão, almocreve ou recoveiro da Bairrada tratar o pai por «tu»? Hoje, talvez; há trinta ou quarenta anos isso não seria possível...»⁷⁹

O Autor, abrindo como que um parêntesis nas suas obras de ficção, retomou a seguir um tema que muito o desvelava: a relação teológica do cristianismo com a religião islâmica simbolizada na revelação de Fátima. Esta meditação ampliava de algum modo certos conteúdos que já assomavam em estudos anteriores, sobretudo em *O Primeiro Dia do Homem Fora do Paraíso*.

O livro *O Carisma de Fátima e a Teologia Islâmica* veio a público, de novo com chancela da Parceria A. M. Pereira, em Abril de 1967. Curiosamente, a capa, de cartolina vermelha e com janela aberta no centro sobre o título impresso a azul na primeira página, fora concebida muitos anos antes por João Carlos com destino ao livro *Tu e o Teu Corpo*. Acabou por servir para outro livro, de carácter inteiramente diverso.

Com o seu estudo, Cértima ousou avançar no sentido essencial do concílio Vaticano II e de alguns livros anteriores pioneiros que

também advogavam uma aproximação a fazer entre as duas grandes religiões. Por outro lado, fez coincidir a publicação do livro com as comemorações marianas, em Fátima, e teve o cuidado de oferecer os direitos de autor para a construção do santuário-escola islamo-cristão de Nossa Senhora de Fátima. Esta obra iria ser inaugurada brevemente em Damasco, a cidade onde residia Hayat, a quem, todavia, só decorrido perto de um ano Cértima enviou, em oferta normal, o seu livro.

Sobre ele se debruçou um conjunto de críticos e comentadores desta vez em menor número. Amândio César afirma: «Devemos dizer que é um estudo de limpidez nas ideias, no fio condutor e nos propósitos. Não um trabalho de especulação ou de escândalo. Mas, antes, um livro de raciocínio, de inteligência e de fé, esta esclarecida pela razão e pela cultura. Livro que importa ler e meditar porque nele se pensa seriamente e se conclui ou discordante ou afirmativamente, mas sempre com proveito de leitura e de reflexão.»⁸⁰

Mário António escreve: «A experiência intelectual de António de Cértima relativamente ao Islão, que conheceu e reconheceu nos seus itinerários de poeta e diplomata, de Córdova a Damasco, de Tombuctu a Istambul, (...) constitui o substrato de vivências, enriquecidas por contacto pessoal com alguns dos mais altos expoentes da sabedoria islâmica, que determina o interesse deste livro, obra de um crente.»⁸¹

Francisco José Velozo, no jornal «Novidades», observa: «Fátima, que entre os muçulmanos é nome de grande prestígio, é também um topónimo que eles respeitam, porque respeitam Maria, Mãe de Jesus, do Verbo de Deus, segundo o Alcorão também reconhece. / As multidões que receberam em Moçambique a Virgem Peregrina contavam no seu seio grande número de crentes na fé de Mohâmmede ou Mafooma. / Oportuno, portanto, o apelo de António de Cértima, como o de muitos outros autores que não esquece, antes cita ao longo do livro, tal Louis Massignon.»⁸²

A. Veloso, na revista «Brotéria», coloca o estudo de Cértima em sintonia com o espírito conciliar do «Vaticano II», para dizer sobre o Autor: «Dá o exemplo, e fá-lo da perspectiva de Fátima, onde, como a tantos outros, entre os quais me conto, o impressionou a coincidência do toponímico com o onomástico da filha predilecta de Maomé.»⁸³

M. Alves de Oliveira, director da revista «Gil Vicente», de Guimarães, também aplaudiu: «Este ensaio de António de Cértima surgiu na hora própria, na comemoração do cinquentenário de Fátima, a reflectir — como escreve o A. — no “acontecimento sobrenatural da Cova da Iria” e “no sentido comprovativo da unicidade divina no conceito religioso das duas comunidades árabo-cristãs. (...) É um ensaio sério que nos obriga a meditar e a raciocinar, pelas afinidades que nele se nos põem entre o Evangelho e o Alcorão».⁸⁴

Por sua vez, Armor Pires Mota considera que o Autor, «neste pequeno, mas rico volume pela sua posição e doutrina, mostra-se um asceta, um crente à altura do nosso tempo, dentro do espírito conciliar. Não é um Cristianismo estratificado e amorfo que o leva a abordar um problema tão delicado consignado no título do livro, mas uma fornalha a impelir-nos para o diálogo.»⁸⁵

Augusto Casimiro, escrevendo na revista «Scara Nova», alinha com alguns bispos e sacerdotes católicos. Regista: «O último livro de António de Cértima fala-nos, nesta hora que a desmente, da fraternidade dos povos árabes e judaicos, ambos oriundos da mesma raiz multimilenária. As suas páginas confirmam o escritor já aqui celebrado. Referem-se ao culto mariânico e à incidência possível duma mesma presença anunciadora numa terra que nos lembra os princípios do Islão.»⁸⁶

Destoante do coro de geral aceitação, apenas se nota um artigo saído no jornal «Agora», de Lisboa, assinado de resto com as nossas já conhecidas iniciais **C. de O.**, certamente Chico da Cruz, o conterrâneo, amigo e velho companheiro da «Plêiade Bairradina». Revela uma aresta de irredutibilidade curiosa. Citamos: «Esta primeira grande peregrinação do Cinquentenário das Aparições de Nossa Senhora em Fátima, deve ter coincidido com a centésima viagem que faço à Cova da Iria. Desde os tempos remotos em que a fé militante dos verdes anos ali me levou pela primeira vez, a Mensagem da Mãe de Jesus Cristo mereceu-me, por graça de Deus, crédito absoluto, total. Oração. Penitência. Humildade. E não mais. Os recadinhos secretos que, com o rodar dos anos, se lhe foram apendiculando, nunca me preocuparam, nem despertaram a minha curiosidade. (...) Assim pensando, e reconfortado com a presença e a bênção do Santo Padre Paulo VI em Fátima, fiz a morosa viagem

de regresso (...) E vim encontrar — com algumas palavras de muita amizade e de mal merecida admiração — o último e oportuníssimo livro de António de Cértima (...) engenhoso e bem elaborado ensaio»; mas, pelo menos, tem este defeito: «Um fio de Theilhardismo se lhe escapou».⁸⁷

O Autor deve ter entrevisto ou sonhado a hipótese de vir a publicar o estudo vertido para francês, pois contactou um tradutor, morador em Sintra, com tal objectivo. Aliás, agiu identicamente com outro seu livro, mas na realidade nunca terá chegado a conseguir editor e essas traduções ficaram inéditas no seu espólio.

Em Junho de 1969, quando Cértima ia atingir os 75 anos de idade, o Governo espanhol condecorou-o com a comenda de Isabel a Católica. As respectivas insígnias foram-lhe entregues pelo embaixador de Madrid em Lisboa.

Tudo isto lhe deu força para ensaiar de novo a voz poética e intervir com um manifesto literário na conjuntura nacional. Publicou a **plaquette** intitulada *Soldado, Volta!* (1^o milhar, Maio de 1969) com chancela da Parceria A. M. Pereira, mas sabe-se que foi o próprio Autor quem o editou e que a Parceria apenas interveio como distribuidora de uma quantidade de exemplares por sinal restrita. E não terá sofrido revés, pelo contrário, pois empresas, entidades militares, livrarias africanas e etc. levaram o caderno (16 páginas, capa vermelha e retrato do Autor, por Cunha Barros, na contracapa) até ao 3^o milhar. A primeira edição trazia uma cinta com a legenda: «...é Ele, / o que combate / que sabe Querer / e sabe Obter».

Nesta sua «chamada apostrofica», António de Cértima pronunciava-se sobre um tema deveras escaldante: as guerras que os militares portugueses aguentavam em três colónias africanas e que iriam estar presentes na eclosão do Movimento das Forças Armadas (MFA) no dia 25 de Abril de 1974. O Autor amparava-se em apoios oficiais, de militares, autoridades ultramarinas, Mocidade Portuguesa, etc., proclamava no seu texto como «Nossa» a terra das colónias em guerra, mas pedia o regresso do Soldado. Salazar fora substituído na cadeira do poder por Marcelo Caetano, que pretendia introduzir algumas reformas apesar da oposição de alguns sectores radicais e designadamente uma negociação tendente a pôr fim às guerras.

Cértima terá lembrado então a violenta apóstrofe contida na sua *Epopeia Maldita* contra os «senhores da guerra», como hoje se diria, e também a sua **plaquette** *Legenda Dolorosa do Soldado Desconhecido de África*, sentindo talvez que a história se repetia. No 3º milhar (1971) de *Soldado, Volta!* uma legenda, publicada em cinta e em anúncios de jornal, apresentava o manifesto como «um desafio heróico aos “cachapins” da retaguarda» (e, segundo o dicionário de Moraes, o termo designa o indivíduo «emboscado em cargo burocrático ou equivalente e afastado do perigo das frentes de batalha»), mas a subtilidade do Autor e a ambiguidade inerente à expressão poética não permitem detectar no texto, com segurança, o verdadeiro sentido ideológico desta intervenção, que só uma leitura rigorosa e contextualizada poderá revelar. Indubitável é a reacção do Autor contra os militares das retaguardas cómodas e seguras do **dolce farniente**.

A dimensão literária do poema, naturalmente, é secundária e será mesmo negligenciável, mas a obra teve outros méritos para se impor. Marques Gastão escreveu um artigo, com o título da **plaquette**, que foi publicado por nada menos de quatro jornais após a 2ª edição.⁸⁸ A seguir, dois outros jornais publicaram um excerto do poema⁸⁹ e Amândio César e o incansável Marques Gastão comentaram a 3ª edição em três jornais.⁹⁰

António de Cértima iniciava com *Soldado, Volta!* uma trilogia, dita de protesto, que continuou com outro caderno poético e viria a deixar incompleta. O caderno intitula-se *Epístola a Job*. É uma alegada «advertência aos cristãos e às feras» datada de Novembro do mesmo ano de 1970 e com um retrato de Maria Almira na contracapa. Traz a chancela da Parceria A. M. Pereira, embora tenha sido editado pelo Autor, como no caso precedente. Encarregou-se ele próprio, mais uma vez, da distribuição quase total da obra, contactando bispos, padres, congregações religiosas e paróquias, e de novo movendo influências pessoais. Quis levar a sua palavra até onde poderiam ouvi-la e entendê-la, avassalada pela consciência escatológica do fim que, aos seus olhos anciãos de escritor católico, se confundia com uma aterradora imagem do apocalipse.

Os comentários críticos surgiram com o tom habitual, pela mão amiga de Guedes de Amorim, Amândio César, Marques Gastão e poucos mais. O primeiro, Guedes de Amorim, considera:

«Naturalmente, o poeta aponta e acusa as “legiões dos profanadores da ara santa”, a nível político, económico e religioso, réus todos, todos e todos de crimes de desfraternidade. Tanta ambição e tanta falta de espírito evangélico, até em muitos dos que administram os sacramentos!»⁹¹

Amândio César diz que o Autor chamou a si o papel dos velhos profetas num tempo de cristãos e de feras, ambos humanos, e observa: «Quem tenha pensado um pouco ou reparado nos últimos livros de António de Cértima há-de ter, com certeza, visto que todos os seus textos eram dirigidos, encaminhados ou processados em razão do seu testemunho pessoal, em tempo de crise. Crise que se vislumbra de há muito e que, dia a dia, se adensa, como conjunto de nuvens negras a prenunciarem borrasca iminente. O escritor não pode ausentar-se do seu tempo e dos problemas do seu tempo.»⁹²

Marques Gastão, a terminar o seu comentário, escreve: «Belo livro este; tremenda advertência aos cristãos desatentos e às feras comedoras de homens que andam no mundo a escutar a voz demoníaca dos tempos.»⁹³ Um redactor do jornal «Novidades» anotou: «A grande figura bíblica [Job] recorta-se, assim, a traços vigorosos e gigantescos sobre os nossos contemporâneos, gafados pela inveja, pelo ciúme, pela fome de dinheiro, nesta época em que tudo se contesta e se nega audaciosamente, diabolicamente.»⁹⁴

Entretanto, o poeta-ficcionista não dissera ainda a última palavra. Preparava o segundo e último romance, *Não Quero Ser Herói*, talvez a sua obra mais afirmativa e concludente, que data de Sesimbra, Praia Grande, de Junho de 1967 a Janeiro de 1968, e que a Parceria A. M. Pereira lançou em Abril de 1970 com uma capa que reproduz um barro de Martins Correia (effigie de Cértima). Anunciado logo em 1968, pode considerar-se, em importância, o título derradeiro da sua bibliografia.

Registam-se, portanto, todos editados em 1969-70, os três títulos que rematam a bibliografia do Autor. A ordem cronológica rigorosa das respectivas publicações fica minimamente alterada pela economia desta exposição, pois a *Epístola a Job* é que encerrou o ano (tem data de Novembro) e não o romance, obra sem dúvida merecedora de mais atenção. Com esta obra, o Autor pretendeu iniciar uma trilogia romanescas designada «Para o grande crepúsculo», projecto que, evidentemente, não teve mais desenvolvimento.

Não Quero Ser Herói foi apresentado por Amândio César em sessão que decorreu, mais uma vez, na editora, no dia 19 de Maio (1970). O apresentador salientou: «É curioso que estamos diante de um romance sem personagens concretos: o herói que se recusa a receber as lãureas da sociedade de consumo, não tem nome; os seus pares, os que sofrem, os que morrem, os que combatem, os que ficam por baixo de uma cruz perdida no mato, também são anónimos. É o Povo na melhor expressão de seus filhos que está ali: pois é ele que sangra, é ele que sofre, é ele que se não recusa a dar a cara à luta quotidiana, é ele que põe a braçadeira preta, num luto de todos e de ninguém, é ele finalmente que dá o seu contributo pleno para uma luta que sente sua por motivos bem diversos dos que negociam com o seu luto, as suas lágrimas, os seus ferimentos, as suas amarguras e até... por ironia do destino, com a sua heroicidade! / Em contra-ponto, a sociedade que deseja arrebatar o herói ao seu destino de ser Povo e permanecer Povo, para além de tudo e de todas as solicitações. Nesta alteração de linhas vectoriais se encontrará o melhor achado técnico de António de Cértima. Pois que se a paisagem da luta africana é espantosamente comunicativa; se o mato sabe a mato e cheira a mato, como o hospital de sangue sabe a sangue, e cheira a sangue e a febre, numa autenticidade que ninguém poderá negar, a caricatura dos “salvadores da Pátria” na preparação da mascarada a que o Herói não dará colaboração surge-nos como sangrenta caricatura que avoluma a distância entre o que combate e o que de longe se diverte com as consequências da luta armada. Caricatura, repito, e, o que é mais trágico, viável! Desta técnica contra-pontística resultará os efeitos imediatos de um livro de ficção ser simultaneamente um violento libelo, uma aguarela lírica, uma clangorosa e documentada experiência e, finalmente, um tema para meditar e obrigar a um exame de consciência.»⁹⁵

Na apreciação que também faz do romance, Guedes de Amorim salienta: «Num grave e doloroso momento de exigências surgiu o romance que a Pátria, traiçoeiramente ferida e rasgada na sua mocidade em luta, reclamava. Escaldante, agarra a atenção do leitor desde o começo ao fim. No protagonista, compreensível desdobramento do próprio autor, levanta-se, firme, humana, serena e inasfixiável, a voz de uma época, amargurada decerto, contudo já a anunciar glorioso amanhã.»⁹⁶

Guedes de Amorim situa o romance entre drama e caricatura, Alfredo Guisado limita-se a frasear à superfície⁹⁷ e Marques Gastão, com a sua pena pronta, escreve: «António de Cértima deu-nos em “Não quero ser herói” um tema actual, mas de qualidade, sem subordinações, sem conformismos positivos, sem enfeitiçamentos políticos — é uma obra válida pela grandeza do que representa (...) Não sei se António de Cértima terá sentido a necessidade de ir mais longe... O tema é vivo, forte, escaldante. (...) É um tema responsável numa época de certas irresponsabilidades. A mostrar-nos, talvez aqui e além não muito claramente, os compromissos que dificultam a marcha da terra, em benefício dos que dela se aproveitam e de quem a serve. Há uma ou outra figura de realismo espantoso.»⁹⁸

Entender-se-ão muito melhor os alcances e os subentendidos de certas expressões carregadas de subtil intencionalidade tendo presente a conjuntura interna portuguesa em 1970. Toda a Imprensa continuava a ser submetida ao regime da censura prévia. Marques Gastão, em contacto directo com o Autor, conheceria um pouco os sentidos por ele atribuídos à sua obra e às frases por ele então postas a circular. Por exemplo: «É um livro de ideias, de programas, de inconformismo — isto é, revolucionário. Nas suas páginas, o homem da experiência bélica forja na experiência o direito de guiar e robustecer a linhagem do homem civil. O herói deste livro quer ser o homem novo — o Homem Comum. Tanto é o livro de África como da Europa. Nele palpita o esforço do homem branco, a fim de integrar duas raças no mesmo destino de cultura e de irmandade social. Tese: África-Mulher. Mito da potência criadora feminina.»⁹⁹

De qualquer maneira, António de Cértima terá sentido que tratava um tema dos mais escaldantes naquele tempo e tomou os seus cuidados com o tacto habitual. Utilizou uma expressão simbólica e pretensamente fantasiosa para se tornar satírico de uma forma algo ambígua que inquietava mais do que respondia às interrogações levantadas. No fim de contas, ia tão longe quanto as circunstâncias lho permitiam. E ele, que irrompera triunfalmente na vida literária e social portuguesa em 1924, com um depoimento dramático sobre alguns aspectos da Primeira Grande Guerra vividos em Moçambique, emudeceu enquanto Autor em 1970, depois de se pronunciar sobre as guerras que o país alimentava em três colónias africanas. Assim se fechou, pode dizer-se, a parábola perfeita da sua vida e obra.

bibRIA

ÚLTIMOS ANOS

DECLÍNIO

bibRIA

Depois de 1970, a produção de Carlos de Campos publicou, em um segundo, o 3º e o 4º volumes da obra. A obra de Carlos de Campos, apesar de ser considerada uma obra de grande importância, não foi publicada em uma única obra, mas em duas volumes. O primeiro volume, intitulado "Declínio", contém os textos de Carlos de Campos, e o segundo volume, intitulado "Últimos Anos", contém os textos de Carlos de Campos. A obra de Carlos de Campos, apesar de ser considerada uma obra de grande importância, não foi publicada em uma única obra, mas em duas volumes. O primeiro volume, intitulado "Declínio", contém os textos de Carlos de Campos, e o segundo volume, intitulado "Últimos Anos", contém os textos de Carlos de Campos.

Em seus últimos anos, Carlos de Campos publicou, em um segundo, o 3º e o 4º volumes da obra. A obra de Carlos de Campos, apesar de ser considerada uma obra de grande importância, não foi publicada em uma única obra, mas em duas volumes. O primeiro volume, intitulado "Declínio", contém os textos de Carlos de Campos, e o segundo volume, intitulado "Últimos Anos", contém os textos de Carlos de Campos.

DECLINIO

bidRIA

ÚLTIMOS ANOS

Depois de 1970, António de Cértima apenas publicou, no ano seguinte, o 3º milhar do caderno *Soldado, Volta!* (o Autor preferiu sempre identificar cada reimpressão ou nova tiragem como um novo milhar em atenção à quantidade de exemplares da tiragem).

As obras que ficaram para trás, a marcar o seu período de apogeu, incluem a antologia poética *Trajectória Sem Fim*, onde se faz ouvir o canto lírico que o Autor reivindica como mais estreme e em condições de perdurar junto de nós, os diversos estudos — sobre António Nobre e Purinha, sobre o mito da expulsão do Paraíso e sobre as relações do cristianismo com a religião islâmica, bem como acerca da Semana Santa sevilhana e sobre as afinidades históricas entre Sevilha e Portugal —, os dois livros de viagens (*Sortilégio Senegalês* e *Doce França*) e, por fim, os contos de *Nono*, *não Desejar a Mulher do Próximo* e de *Vida Voluptuosa*, e os dois romances *Escandalosamente Pura* e *Não Quero Ser Herói*. Consubstanciam em grande medida, parece-nos, a produção verdadeiramente representativa do Autor.

Em todas estas obras está presente, em maior ou menor grau, a personalidade forte de Cértima, e isso não em resultado apenas da inclinação narcísica do artista da palavra que ele procurou ser, mas também, de modo especial, porque Cértima sempre quis escrever sobre vivências pessoais concretas. Não foi de Rilke a única

influência que recebeu e, de qualquer modo, considerou a sua vida «um conto maravilhoso».

Tematizou acima de tudo a mulher e o amor, que via nas dimensões carnis, profanas e divinas. O seu lirismo impregna-se de sensualidade pagã, mas a sua concepção da poesia percebe a fulguração do que fica para além da linguagem das formas, no terreno simbólico que é, julgamos, simultaneamente o da arte e do sagrado (seja, ou não seja, religioso). Dava a ideia de compreender ou intuir muito bem a condição da mulher, e amou muito, talvez demais (se acaso o muito amar pode alguma vez ser em demasia!), merecendo uma clara adesão de leitores do sexo feminino.

Apesar das aparências, não alinhou em actividades de política partidária durante quase toda a sua vida. Advogou o regime da ditadura, apoiou o movimento do 28 de Maio (1926) e, mais tarde, os regimes de Salazar e Franco, mas manteve uma atitude de independência pessoal intransigente. Era cristão e católico por uma herança familiar, que nunca rejeitou, inclusive na sua matriz ideológica conservadora. Na verdade, propendia mais para os refinamentos aristocráticos, ou da burguesia ilustrada, do que para os valores da democracia, embora respeitasse igualmente o povo — entidade social da qual provinha e que ele gostava de escrever com inicial maiúscula.

A sua atitude pessoal de independência manifestou-se também na actividade literária, pois Cértima, apesar de se querer escritor, nunca aceitou aderir a qualquer dos grupos e movimentos, aliás numerosos, que surgiram no país desde a sua primeira juventude. Não abdicou do seu individualismo e pagou o preço do tresmalhado: os livros de consulta, histórias da literatura e enciclopédias, esquecem-no sistematicamente.

Durante o seu apogeu, e coincidindo com este período, avultaram no país a corrente neo-realista e outras feições estético-literárias de menor peso, que evoluíram e se renovaram enquanto Cértima permaneceu fiel a si próprio. Quando, em 1970, já com uns 75 anos aos ombros, publica os seus títulos derradeiros, devia saber que os leitores que iriam receber a sua obra não estariam de algum modo menos tresmalhados que ele. Iniciara a carreira, note-se, havia uns 56 longos anos.

Entenda-se, no entanto, que ao permanecer fiel a si próprio, o Autor não se condenou à estagnação. De facto, pode dizer-se que escreveu sempre para o público que era seu, mas, com a subtilidade nele habitual, a partir das duas ficções de 1966 e sobretudo com *Não Quero Ser Herói*, em 1970, mas sem esquecer *Soldado, Volta!*, leva-nos hoje a admitir como indispensável a necessidade de se proceder quanto antes à sua releitura, ou seja, a uma reavaliação das obras deste ciclo. Cértima, no recôndito, pode ter-se refugiado na expressão velada (e daí a ironia, o sarcasmo, o absurdo, o efeito metafórico e simbólico que se detectam nessas obras) para apostar no futuro. Não poderia prescindir facilmente do seu público e deu-lhe o que esse público dele esperaria, mas introduzindo nos textos «abertos» significados, valores e alcances que só mais tarde, em situação socio-cultural diferente, poderiam vir a ser bem descodificados. Concretamente, talvez tenha adoptado uma posição algo crítica em matérias de fundo depois de viver um período de viragem íntima da qual poucos amigos dos mais próximos terão tido conhecimento. Eis uma simples hipótese, que se avança com as reservas aconselháveis embora se apoie num conjunto de sinais carecidos de maior ponderação.

Cértima foi sem dúvida um homem do seu tempo na medida em que a própria personalidade lho permitiu. O gosto pela intervenção dramática atraía-o para a acção, digamos para um notório protagonismo. A democratização do país posterior à revolução de Abril acabou por o distanciar irremediavelmente das esferas de influência e do espaço público, onde se consumou uma alteração de gostos e de consumos culturais. Por outro lado, desapareciam os amigos dilectos levados pela morte ou pelos ventos da mudança, que sopraram desabridos.

Tudo isto contribuiu para o facto de não ter sido feita uma apreciação completa e exaustiva à sua obra literária. As dezenas de artigos publicados na Imprensa, focados sobre livros soltos, não constituem nem substituem tal apreciação. Tão-pouco o presente livro se coloca em tal perspectiva, pois se pretende o mais possível descritivo e o menos possível crítico ou judicativo. Mas terá de admitir-se que uma leitura atenta e global da sua obra, feita hoje de olhos lavados, isto é, verdadeiramente sem prevenções nem juízos prévios, pode deixar o Autor colocado num quadro substancialmente

diverso daquele que as circunstâncias do seu tempo lhe marcaram. Por outro lado, não deverá esquecer-se o meio social da sua origem: a Bairrada natal, tradicionalista e católica, com o seu minifúndio e a respectiva ideologia predominante, a sua abertura para o exterior — para a emigração, a superação pessoal.

António de Cértima isolou-se e emudeceu, mas não parou de escrever poesia e prosa de ficção. No seu espólio encontram-se sete obras, das quais só uma não terá sido composta nos derradeiros anos. É o primeiro volume de *Figuras do Dia*, colecção de artigos de jornal publicados com o mesmo título quando o Autor se dedicou ao jornalismo em Lisboa. O livro data talvez de 1927 e constitui uma ampla galeria de escritores, artistas e outras figuras públicas daquele tempo, que aparecem retratadas em desenhos por António Carneiro, Armando Boaventura, «Canelas», Carlos Carneiro, Columbano, Cunha Barros, Hippolyte Colomb, João Carlos, Joaquim Lopes e Luiz Teixeira. A livraria Rodrigues deveria ter publicado a obra, mas o projecto malogrou-se e acabou por ficar inédita. Cértima, recorde-se, ausentou-se do país na mesma época, para ingressar na carreira diplomática.

De 1969 é a peça em três actos *Ela e o Homem*, que o Autor terá encetado em Julho do ano anterior e terminado oito meses depois, em Março. Deveria depositar grandes esperanças na peça porque no dia 2 de Maio (1969) foi entregá-la nas mãos de Mariana Rey Monteiro, ao Capitól. Mais tarde, o Autor accitou alterar o título para *O Filho* e emendar o final do 2º acto, supostamente «por formas mais veementes» na sua própria opinião. Mas a peça não subiu ao palco.

Outra obra que permaneceu na gaveta intitula-se *Divina Canção (Os Sinos de Fátima)*, que Cértima designa como «estrofe místico-dramática», datando-a da Cova da Iria, Semana Santa, 1971. O Autor pensaria em a publicar em **plquette**.

Um conjunto de composições poéticas intitulado *Intimités* ficou obviamente inacabado. As composições são perto de uma dúzia e em língua francesa, sem data, que Cértima designa como «poèmes / ...de l'amour, / des / mots / et / du / silence». Duas têm música de Monique Urdarianu.

As três obras restantes do espólio de inéditos do Autor são uma colectânea de cinco contos dactilografados, um conjunto de

quadras satíricas ao jeito popular e um manuscrito datado de 1973, talvez incompleto, que será, julgamos, a sua última obra.

Os contos têm o título global de *Os Que Sentem e os Que Pensam*, devendo datar de 1972. Um deles, o primeiro («A cidade da vida sem morte»), saiu no «Diário de Notícias», em 1971, com o título parcialmente deturpado: a palavra «morte» foi trocada por «nome»; os restantes parece que não conheceram a letra de forma.

A colecção de redondilhas tem o título de *Riso e Contra-Riso*. O Autor designa estes versos como «sátiras», ou «quadras ao jeito popular, de crítica social», obra porventura de 1971 ou iniciada neste ano. No frontispício lê-se a quadra: «Voz de escárnio e mal-dizer, / este livro tem um jeito: / o de tudo ter por ter, / sem predicado nem sujeito.»

Enfim, surge *No Princípio Era Deus - Iniciação à Origem da Terra e do Homem*, texto manuscrito (de prosa poética) provavelmente incompleto, que o Autor data de Lisboa, 1973. Trata-se de um caderno com folhas de cartolina de grandes dimensões e caligrafia garrafal, aparentemente destinada a uma leitura a certa distância, talvez em recitação. Porém, faz recordar também que o Autor, mfope, tinha nos últimos anos a visão muito afectada.

Para além destas obras inéditas escritas na fase terminal da existência activa do escritor António de Cértima, encontram-se no seu espólio uns cinco trabalhos da juvenília que sem dúvida são curiosos pela luz que derramam sobre os primeiros passos ensaiados pelo Autor. Pertencerão todos ao período que medeia entre 1912 e 1925, com maior incidência nos anos de 1914-16.

São obrinhas manuscritas, caderninhos de texto escasso, concebido para representação ou, pelo menos, para recitação em público, a recordar uma época em que os salões da Bairrada se animavam frequentemente com espectáculos de teatro e recitais de poesia. *Avé-Marias* é uma destas obrinhas, dita «peça rústica em 1 acto», decerto contemporânea da estreia do Autor (concretizada com *Marília*, poema dramático de 1914). Num outro caderno encontra-se *Clytia*, longo poema incompleto do qual constam só duas partes, «As rosas de Delos» e «O estrangeiro». O teatro, que o atraía desde cedo, fê-lo adaptar à cena o texto de Gomes Leal *Serenadas de Hylario no Ceo*, «fantasia mística» de que existe apenas o primeiro de quatro actos previstos. Além disso, escreveu *Vai com*

Deus, tragédia dum coveiro, peça em um acto datada de Março de 1921 e, tal como as obrinhas restantes, manuscrita; sabe-se, porque o Autor o diz, que alimentou o projecto de «transformar este motim numa peça em três actos com o título *Sofrer*». Por fim, aventurou-se numa peça de fôlego para três personagens: «Um soldado francês, o Velho e Aude, que tem 20 anos»; tem o título de *O Túmulo Sob o Arco de Triunfo* e ocupa 118 páginas A4 numeradas das quais se perderam algumas ou então a obra terá ficado incompleta: talvez seja *Sofrer*.

A esta lista poderiam juntar-se ainda dois outros cadernos, de capa preta, manuscritos: um *Livro de Saudades*, ou «Memórias psíquicas duma Alma, estereotipadas pelo Tempo em Dôr e Tristeza na chapa viva da Ausencia, através do sertão africano», a que já se fez referência e que data visivelmente de 1916-18, pois o livro mostra que acompanhou o Autor na sua expedição militar; e uma *Vida de Frey Amôr*, que deve datar de 1920. Ambos os cadernos contêm poesias, algumas das quais foram dadas à estampa em jornais.

Merece registo o empenho que o Autor manifestou na arrumação criteriosa da sua obra global publicada, pois vezes sucessivas a modificou, aparentemente com o desejo de a organizar numa constelação coerente em torno da imagem que de si próprio fazia. Assim, no termo da sua actividade, incluía numa rubrica de «Combate» a *Epopéia*, a *Legenda dolorosa* e *O Ditador*.

Noutra rubrica, que designava de «As Ideias», colocava *O Discurso à Geração Lusitana* e os estudos sobre a Semana Santa, António Nobre, *O Primeiro Dia do Homem* e *O Carisma de Fátima*.

«O Esplendor da Terra» abarcava *O Sortilégio Senegalês*, *Sevilha Noiva de Portugal* e *Doce França*, anunciando-se outra obra, *Sobre as Pedras de Bizâncio*.

Em «Vária», sempre por esta ordem, inseria *Volúpia do Mar*, *Alma Encantadora*, *Vida Voluptuosa*, *Escandalosamente Pura* e *Nono, Não Desejar a Mulher do Próximo*.

Na rubrica de «Poesia» aparecem todos os sete livros de versos que publicou, incluindo *Soldado, Volta!*

Averba as cinco poesias musicadas e, em seguida, as duas obras em língua castelhana: o *Itinerário de los Portugueses* e as *Baladas*.

Na rubrica designada «Para o Grande Crepúsculo» coloca *Não Quero Ser Herói* e duas obras projectadas (de ficção?), *Que Importa a Vitória?* e *O Nada e o Amanhã*.

Para publicar indicava: *Ela e o Homem*, *Divina Canção e Riso e Contra-Riso*.

A finalizar, referia uma «Trilogia Contra o Espanto», que abrangia *Soldado, Volta!*, *Epístola a Job* e um projectado título *Tu Enganaste-te, Rússia!* (Note-se que o primeiro destes três títulos, «Soldado, Volta!», se repete na rubrica «Poesia».)¹⁰⁰

Cértima terá desistido da actividade literária em 1974, no momento crucial das viragens históricas portuguesas. Abeirava-se então dos 80 anos e tudo deveria aconselhá-lo a parar e a contemplar a convulsão exterior por detrás das suas janelas.

O que escrevia nimbava-se de um realismo fantástico. A melancolia da sua atitude parecia temperar-se com um desengano que oscilava entre a ironia e o sarcasmo. Extinguia-se nele o pendor do esteta, o gosto das viagens, a amizade de quem partia para sempre. Só aumentava a solidão, o desconforto de um crepúsculo arripiado pelo frio saído da boca da noite cada vez mais próxima.

António de Cértima viveu até 20 de Outubro de 1983, dia em que faleceu, com 89 anos. Adoentado, partira de Lisboa, em Agosto, com a esposa, para a casa que o casal possuía no Carapalmo. Ali costumavam passar os meses de Agosto e Setembro. Em Outubro, sentindo-se cansado, adiou o regresso por uns dias. E ali, exactamente na freguesia de Guardão, no concelho de Tondela, terra natal de D. Maria Arminda, acabou Cértima por falecer e ali ficou sepultado.

A morte do escritor ocorreu de forma muito discreta. António de Cértima pertencia a uma geração desaparecida e esquecida, principalmente devido a evoluções registadas no país na última dúzia de anos. O período final da sua existência correspondeu a um apagamento: quando expirou, era quase um completo desconhecido — e o seu desaparecimento mal chegou a aflorar na letra de imprensa.

bibRIA

OBRAS PUBLICADAS POR ANTÓNIO DE CÉRTIMA

Marília, quadro dramático, Typ. França Amado, Coimbra, 1914, 30 pp. O Autor assina: António Augusto Cruzeiro.

Bodas de Vinho - poemas da Força e da Alegria, ed. da Plêiade Bairradina, Coimbra, 1919, 128 pp.

O Fado das Capas - Serenata de Amor, **plquette**, Aveiro, 1920.

Epopeia Maldita - O Drama da Guerra de África, ed. do Autor, Lisboa, 1924, 284 pp; 4ª ed., 1925, com «**post-scriptum**».

Volúpia do Mar, noveleta, com prefácio de Celestino Gomes, ed. Beira-Mar, Ílhavo, 1925, 17 pp.

Legenda Dolorosa do Soldado Desconhecido de África, com "Inscrição" por Afonso Lopes Vieira, **plquette**, ed. do Autor, Lisboa, 1925, XVI pp; 5ª ed., 1926.

O Ditador - As Crises, o Homem, A Nova Ordem, ed. Liv^a Rodrigues, Lisboa, 1927, 200 pp; 4ª ed., 1928.

Alma Encantadora do Chiado - Da Arte, da Vida, do Amor, ed. Atlântida, 1927, XXIII + 270 pp.

Jardim das Carícias, poemas, ed. J. Rodrigues, Lisboa, 1928, 117 pp.

Discurso à Geração Lusitana, ed. do Autor, Sevilha, 1935, 100 pp.

Caminho de Siegfried, poemas, Edições Momento, Lisboa, 1936, 132 pp.

Bodas Helénicas (reedita, com emendas, «Bodas de Vinho»), ed. do Autor, Lisboa, 1943, 89 pp.

Itinerário Sentimental de los Portugueses en Sevilla, tradução do português por José Andrés Vázquez, Edições SPN (Secretariado de Propaganda Nacional), Lisboa, 1944, 77 pp.

Vida Voluptuosa, colecção Contos e Novelas, Editorial Gleba, Lisboa (1945), 175 pp.

Tu e o Teu Corpo, poemas com ilustrações de João Carlos, ed. do Autor, 31 pp, Lisboa, 1946.

Sortilégio Senegalês - Pelos Caminhos do Sol, col. Por Terras de Maravilha, Liv^a Tavares Martins, Porto, 1947, 227 pp. com ilustrações; 4^a ed., 1949.

Baladas de Sevilla en Primavera, poemas escritos em castelhano com capa e desenhos de João Carlos e Henny Schulenburg, ed. do Autor, Sevilha, 1949, 70 pp.

Trópico de Cancer, versos, ed. Portugália, Lisboa, 1949, 91 pp.

Colóquio com a Morte - Ensaio sobre a Semana Santa sevilhana, com desenhos de Júlio; ed. Portugália, Lisboa, 1951, 45 pp.

Notícias de Anto e de Purinha - António Nobre ou a Poesia sob o signo da Morte e do Amor, com retrato e desenhos de Henrique Medina e Maria Almira [Medina], ed. do Autor, Lisboa, 1955, 191 pp.

Trajectória Sem Fim - Antologia poética com inéditos, com capa e desenhos de Maria Almira e Mário de Oliveira, Liv^a Portugal, Lisboa, 1956, 187 pp.

O Primeiro Dia do Homem Fora do Paraíso, estudo com desenhos de António-Lino, Edições Ática, Lisboa, 1960, 243 pp.

Sevilha, Noiva de Portugal - Dois mil anos de História e Emoção, estudo com desenhos de Manuel Lapa e Javier de Aracena, e muitas fotografias, ed. SIT, Lisboa, Abril, 1963, 318 pp.

Doce França - Crónica - Jornal, Liv^a Portugal, 1963, 211 pp.

Escandalosamente Pura, romance com capa de Mário de Oliveira, ed. Parceria A. M. Pereira, Lisboa, 1966, 226 pp; 2^a ed., s/d, com palavras de apresentação por Marques Gastão.

Nono, Não Desejar a Mulher do Próximo, contos com capa de Mário de Oliveira (reedita com emendas um texto de «Vida Voluptuosa»), ed. Parceria A. M. Pereira, Lisboa, 1966, 241 pp.

O Carisma de Fátima e a Teologia Islâmica - Uma posição sobre a crença, estudo, ed. Parceria A. M. Pereira, Lisboa, 1967, 86 pp.

Não Quero Ser Herói, romance, capa com busto de Martins Barata, ed. Parceria A. M. Pereira, Lisboa, 1970, 291 pp.

Soldado, Volta!, **plaquette** poética, ed. Parceria A. M. Pereira, Lisboa, 1970; 3ª ed., 1971.

Epístola a Job, **plaquette** poética, ed. Parceria A. M. Pereira, Lisboa, 1970.

POESIAS MUSICADAS

Canção das estradas no Estio, música da Condessa de Proença-a-Velha.

Epígrafe de los ojos de oro, música de Luís Lerate.

Canción del alma triste de Susona, música de Ernesto Bacharach; também de Ernesto Marzo com o título *Canto del Alma triste*.

Eternelle présence, música de Monique Urdarianu.

Petite chanson du départ, música de Monique Urdarianu.

OBRAS INÉDITAS

Figuras do Dia, 1ª vol., com retratos por António Carneiro, Armando Boaventura, «Canelas», Carlos Carneiro, Columbano, Cunha Barros, Hipolyte Colomb, João Carlos, Joaquim Lopes e Luiz Teixeira; 1927? A editora prevista seria a Livª Rodrigues, Lisboa.

Ela e o Homem, peça em 3 actos datada de Lisboa, Julho de 1968 a Março de 1969.

Riso e Contra-Riso (sátiras), quadras de crítica social ao jeito popular, 1971.

Divina Canção (Os Sinos de Fátima), «estrofe místico-dramática», datada de Cova da Iria, Semana Santa, 1971.

Os Que Sentem e os Que Pensam, colectânea de cinco contos dactilografados; 1972?

No Princípio Era Deus - Iniciação à Origem da Terra e do Homem, poema man., aparentemente incompleto, talvez para recitar, datado de Lisboa, 1973. Será porventura a última obra do Autor.

bibRIA

ALGUMAS COLABORAÇÕES PUBLICADAS NA IMPRENSA POR ANTÓNIO DE CÉRTIMA

- 1914 — 20 de Junho. Sai no jornal «O Brado», de Ílhavo, certamente pela mão amiga do conterrâneo padre Acúrcio, a poesia «O delírio de Pan», com a indicação de provir do poemeto «Orgia Lírica» e datada: «Giesta, Junho de 1914». O Autor assina (sic): António de Cértima.
- 1915 — 4 de Julho. Em «O Brado» publica a poesia «Delírio ritual da tarde» com retrato do Autor datado de 1913 e assinada, como sempre, por António de Cértima. Em nota refere que se trata de poesia das *Paisagens Líricas*, «livro inédito acabado de preparar». Tem esta dedicatória: «À "Plêiade Bairradina" / — a todos vós, rapazes / à vossa alma de artistas». Este nº do jornal constava da biblioteca do padre Acúrcio junto com outros papéis relacionados com Cértima.
- 20 de Novembro. No mesmo semanário publica o artigo «Um grande morto - José Pereira de Sampaio (Bruno)», que falecera pouco antes, a 11 de Novembro.
- 1916 — 5 de Fevereiro. O «Povo de Águeda» publica o 1º acto (excerto) de um «folhetim original» intitulado *Almas Trágicas*, «drama em 2 actos». O Autor data-o de Janeiro de 1916.

- 15 de Março. No quinzenário «Beira-Vouga», de Lisboa, sai a poesia «Porque não voltas?» É datada de «Bairrada - Março de 1916».
- 1 de Junho. No mesmo quinzenário, o Autor publica uma carta em que se declara a fazer o serviço militar em Mafra, integrando o contingente que vai partir em expedição para Moçambique. Manifesta uma clara defesa das colónias africanas portuguesas de modo que parece ser a primeira posição política do Autor.
- 1918 — 15 de Setembro. A **plquette** que assinala a criação da chamada «Plêiade Bairradina», por iniciativa do padre Acúrcio Correia da Silva, traz uma poesia do Autor, integrante do grupo.
- 1919 — 29 de Março. O jornal «Gente Nova» (Oliveira do Bairro) publica a poesia «Única», datada de Lourenço Marques, 29-5-1919. A seguir o jornal torna-se órgão da «Plêiade Bairradina» e terá António de Cértima como seu redactor.
- 1920 — Janeiro. Sai no 1.^a n.^o da revista «Terra dos Ílhavos», editado pela designada «Plêiade Ilhavense», um excerto de «O manuscrito dos sonhos», do «livro de contos em preparação Terra Ardente». Anota: «Aveiro, Natal de 1919».
- 1921 — Abril. «Talábriga, revista d'arte e acção regional», publica em Aveiro o seu 1.^o n.^o, tendo como secretário António de Cértima. Este publica aí «Canto de Anteu», dito excerto do poema «Ânsia de Deus».
- Junho. O jornal aveirense «Campeão das Províncias» n.^o 6748 publica em separata «sinfonia de uma noite de ritmos» com texto do Autor e desenhos de Cunha Barros alusivos a um baile realizado no Liceu.
- 1922 — 8 de Junho. A revista semanal «ABC», de Lisboa, dirigida por Rocha Martins, publica o artigo «Miguel Ançã, o arrais vitorioso» do seu redactor António de Cértima. João Carlos assina o retrato do arrais.
- 15 de Junho. Na mesma revista sai a segunda e última parte do mesmo artigo, desta vez com retrato fotográfico do arrais de Paulo Namorado.

□ ELOGIO DA VIRGINIDADE

Feixe de bocas brancas murmurando
Toda a Pureza ideal da manhã mada,
Não dizem o esplendor lustroso e brando
Desta flor indecisa e entresombrada!

- O sentimento excede o choro de quando
Se sente o palpitar da madrugada
Nos mistérios aromáticos, olorando,
Das pétalas da carne imaculada!

Que ser virgem é ser-se em gloriância
O prêmio impecável de dor e ansia
Do Tempo que ha de ainda decorrer...

É sonhar-se a beleza a refulgir,
É saber-se que um dia está p'ra vir
Com que há-de haver saudades de a perder...

Sicília, dezembro 6

- 26 de Junho. A revista «Nós» (Corunha, Galiza) publica a poesia «A nossa taça», datada de Novembro de 1921, na Bairrada.
- 29 de Junho. Designando-o como jornalista, a «ABC» dá a lume a sua entrevista «Jaime de Magalhães Lima, um escritor eremita», com foto feita em Cacia.
- 31 de Agosto. Ainda na «ABC» sai o artigo «O poeta Fernando Caldeira», com retrato. Este autor, aguedense, falecera em 3 de Abril de 1894.
- 5 de Outubro. O conto intitulado «O crime do Bouças» sai na «ABC». Refundido, será incluído no livro «Vida Voluptuosa».
- 1924 — Começa a colaborar na revista de artes «Música» (Lisboa), com artigos acerca de artistas e escritores franceses, a partir do nº 2 (1 de Setembro), nomeadamente sobre Victor Margueritte e Henry-Marx, escritores.
- Dezembro. Inicia a colaboração, como cronista literário, nos jornais «O Primeiro de Janeiro» e «Diário Popular», sobre a «vida intelectual na Europa».
- 1925 — Junho. A revista «Europa», de Lisboa (nº 3), publica o artigo «Mulheres de agora».
- Na mesma revista, em data incerta, sai uma entrevista «A condessa Mathieu de Noailles, poetisa e roman-cista».
- 1926 — 9 de Abril. «A Guerra», revista mensal, órgão da Liga dos Combatentes da Grande Guerra (Lisboa), publica a primeira parte do texto «A significação estética da guerra europeia». Segundo uma nota, resulta de palestra proferida pelo Autor em 1919.
- 7 de Julho. O semanário lisboeta «A Dictadura» (ano II, nº 39), publica um depoimento do Autor, que apoia o general Gomes da Costa e a ditadura recém-instaurada. O jornal é submetido a censura prévia.
- 1927 — Março. O nº 15 de «A Guerra» insere a continuação de «A significação estética da guerra europeia». A conclusão sai em Junho, no nº 18.
- 1938 — Agosto. Publica a poesia «A España» na revista «Horizonte», de Sevilha. A poesia fora declamada no Consulado

- português daquela cidade na presença do general Franco, em sessão do 28 de Maio.
- O artigo «Capítal imperial» sai na revista «Lusitânia» (nº 60, ano VI), de Lourenço Marques.
- 1942 — A revista «Vida Ribatejana» publica o artigo «Sob o signo de "Joselito"». A revista «Más», de Sevilha, publica-o também, em Agosto.
- 1944 — Abril. A revista universitária «Índice» (Sevilha) dedica uma página a «Don Antonio de Cértima y la inquietud literaria portuguesa».
- 1945 — 17 de Janeiro. A secção literária de «O Primeiro de Janeiro» publica uma entrevista do seu «correspondente especial em Sevilha» com o Autor. «La Estafeta Literaria» (Madrid, 28 Fev^a) publica-a também em tradução.
- 1946 — 4 de Outubro. Publica no «Diário Popular» um trecho do livro a sair «Sortilégio Senegalês». Intitula-se «Sob o céu de Dacar».
- A revista «Defesa Nacional» nº 151 publica «A África, nossa excitação!», trecho de «Sortilégio Senegalês».
- 1947 — 22 de Janeiro. No «Diário Popular» sai a poesia «Sobre o túmulo do poeta».
- O texto «Soares dos Reis e a génese da sua vida dramática» é publicado no **In memoriam** do escultor gaiense.
- 1948 — A revista «Sevilla en Primavera» (Sevilha) dá à estampa as poesias «Baladas del mediodía» e «Sevilla».
- 1949 — 16 de Fevereiro. O «Diário Popular» publica «Sombras dos precursores em terras de Zaara e Çanagá», poesias do livro «Trópico de Câncer».
- 10 de Setembro. O mesmo jornal lisboeta publica «Manhã em Kaolack», do mesmo livro.
- 1950 — 8 de Fevereiro. Ainda no «Diário Popular» sai uma nota não assinada sobre um livro de poesia de Oliveira Vidal.
- 29 de Março. No mesmo jornal sai o artigo «Vem aí a Semana Santa de Sevilha...»
- 14 de Agosto. Na primeira página do «Diário Popular» aparece «Tríptico do 14 de Agosto», poesia.
- 19 de Agosto. Em «O Século Ilustrado» surge o artigo «Rafael Alberti, um poeta que o Leste levou».

- 17 de Outubro. No «Diário Popular» publica o artigo «A angústia de Fernão de Magalhães».
- 31 de Dezembro. Responde à pergunta «Qual foi o seu dia mais emocionante de 1950?», inquérito do «Diário Popular».
- 1951 — 10 de Março. No «Diário Popular» sai o artigo «A morte de um capitão ibérico» (Queipo de Llano). Uma tradução sai também no «ABC» de Sevilha, em 18 de Março.
- Março. Publica a poesia «Na quinta das lágrimas» no «Correio do Minho» (Braga).
- 4 de Abril. No «Diário Popular» sai o artigo «Vozes amigas na literatura espanhola».
- Maio. Prefacia o catálogo de exposição de bonecos e escultura de Júlio de Sousa.
- Julho. A revista sevilhana «Archivo Hispalense», nº 47, publica em tradução o artigo saído no «Diário Popular» intitulado «Sevilla en Portugal». É feita separata.
- 22 de Setembro. «O Seculo Ilustrado» publica uma extensa entrevista com fotos.
- 31 de Dezembro. A poesia «Parábola do último minuto» sai no «Diário Popular».
- 1952 — 1 de Janeiro. O mesmo jornal imprime o artigo «D. Luís Filipe, príncipe da audácia».
- 19 de Fevereiro. No mesmo vespertino lisboeta sai o artigo «O carisma de Fátima e a teologia islâmica», título de um livro posterior. A publicação «Le Monde Arabe» (Cairo-Paris, 15 de Nov^a) também o divulga traduzido para francês.
- 1953 — 11 de Março. O «Diário Popular» publica o artigo «Sevilha e o sentido da morte».
- 1962 — Neste vespertino publica a série de crónicas de viagem que reunirá depois no livro *Doce França*.
- 1964 — A revista «Panorama», do SNI (Secretariado Nacional de Informação, Lisboa, Setembro) publica o conto «O prodígio da vaca que comia papoilas».
- A revista «Autores», da Sociedade de Escritores e Compositores Teatrais Portugueses (Lisboa, nº 23), publica o artigo «A dança».

1969 — Publicada no Jornal «Pensamento» o poema «A casa de
 Abel» de Frei João Garcia Leão, traduzido pelo Autor. O
 Jornal «Pensamento» de Lourenço Marques reproduziu-o
 (12-4-1970).
 1971 — 13 de Maio. O «Diário de Notícias» publica o conto «A
 cidade da vida sem nome» (sem nome) na coluna
 «Relacionistas contemporâneas».

— Junho. Aparece no Jornal «Pensamento» o conto «A
 cidade da vida sem nome» (sem nome) na coluna
 «Relacionistas contemporâneas».
 1971 — 13 de Maio. O «Diário de Notícias» publica o conto «A
 cidade da vida sem nome» (sem nome) na coluna
 «Relacionistas contemporâneas».

Desisto de escrever
 porque
 não sei escrever
 (Desisto de escrever)
 O meu livro de contos de
 Desisto de escrever

bibRIA

Desisto de escrever
 porque
 não sei escrever
 (Desisto de escrever)
 O meu livro de contos de
 Desisto de escrever

Desisto de escrever

1229
 27.2.64

Desisto de escrever
 porque
 não sei escrever
 (Desisto de escrever)
 O meu livro de contos de
 Desisto de escrever

- 1969 — Publica na revista «Panorama» o poema «A casada infiel» de Federico García Lorca traduzido pelo Autor. O jornal «Renovação» de Lourenço Marques, republica-o (12-2-1970).
- 1971 — 13 de Maio. O «Diário de Notícias» publica o conto «A cidade da vida sem nome» [sem **morte**] na coluna «Ficcionistas contemporâneos».
- Junho. Aparece representado na antologia poética «O Corpo da Pátria», organizada por Pinharanda Gomes (editora Pax, Braga) sobre a guerra no ultramar.

bibRIA

CRONOLOGIA DE VIDA E OBRA DE ANTÓNIO DE CÉRTIMA

- 1894 — 27 de Julho. Nasce António, às duas horas da madrugada, no lugar dito da Giesta, freguesia de Oiã, concelho de Oliveira do Bairro. É filho de António Francisco Cruzeiro e de Thereza Pereira Gomes, negociantes, naturais da mesma freguesia.
- 5 de Agosto. António é baptizado na igreja paroquial de S. Simão de Oiã (diocese de Coimbra).
- Nome civil completo que viria a adoptar: António Augusto Cruzeiro de Cértima.
- 1904 — Recebe instrução primária em Oiã.
- 1909? — Completada a instrução primária, terá ajudado o pai na agricultura e a mãe na loja, como caixeiro, durante algum tempo; mais tarde retoma os estudos.
- Há indicações de que começa a publicar poemas nos jornais, por exemplo na «Soberania do Povo» (Águeda). Uma criteriosa pesquisa poderá vir a atestá-lo.
- 1910? — Estudante no Liceu de Aveiro.
- 1912? — Alista-se, pelo que se crê, no Exército. Contaria uns 18 anos de idade.
- 1914 — Estreia-se com o designado poema dramático «Marília». Assina a sua primícia literária como António Augusto Cruzeiro e dedica-a à Bairrada, «a minha linda Região dos

ANTONIO AUGUSTO CRUZEIRO



MARILIA



COIMBRA — TYP. FRANCA AMADO

- Pâmpanos». Passa logo em seguida a usar exclusivamente e para sempre o nome «de Cértima».
- 1915 — 20 de Novembro. Publica o artigo «Um grande morto — José Pereira de Sampaio (Bruno)» no jornal «O Brado», Ílhavo.
- 1916 — 24 de Junho. Depois de prestar serviço militar em Mafra, embarca no «Zaire» como expedicionário para combater em Moçambique o inimigo alemão no contexto africano da Primeira Grande Guerra. Nesta missão militar se inspirará o seu livro *Epopéia Maldita* (1924).
- 1918 — Junho. É louvado e promovido em Moçambique a 2º sargento no seu Regimento de Infantaria 28. Na mesma data, descreve-se a si mesmo como «estudante que foi de Letras e Literaturas Portuguesas, escrevendo nos jornais, nos livros e nos corações das mulheres do seu Reyno, amando em Terras do Ceo a alma de Jesus e a arte de Apollo em Terras da Lusitanea»...
- 15 de Setembro. Regressado à terra, surge como elemento integrante do grupo «Plêiade Bairradina», organizado pelo amigo e conterrâneo padre Acúrcio Correia da Silva.
- 1919 — Publica *Serenata de Amor*, poesia, mais tarde declarada «fora do mercado». Não se vislumbra um único exemplar de tal edição.
- Surge como redactor do jornal «Gente Nova» (Oliveira do Bairro), cujo 1º nº sai em 22 de Março e que viria a ser órgão da «Plêiade Bairradina».
- Publica *Bodas de Vinho*, poesia (Coimbra, Setembro). Dedicatória do Autor impressa no livro: «À Bairrada — à minha Terra — / à Região do Sol e dos Pâmpanos / Ofereço / Este livro pagão.»
- 1920 — 6 de Março. A **plaquette** *O fado das capas - Serenata de amor* é impressa por ocasião do «1º Sarau dramático-literário da Associação Académica de Aveiro». Os versos têm música de Arménio Lafayete.
- 1921 — Janeiro. Discursa na inauguração do Grémio Literário e Recreativo do Travassô (Águeda), na qual também participam Laudelino Miranda Melo e outros.



- Setembro. Organiza, em nome da «Plêiade Bairradina», uma «festa de arte» no Casino da Curia. Cunha Barros, retratista e decorador, expõe na ocasião «trabalhos modernistas e de estilização de motivos regionais», conforme notícia «O Democrata», Aveiro.
- Participa numa homenagem (em Aveiro?) ao dr. António Granjo, junto com o dr. Lourenço Peixinho, Alberto Souto, Homem Cristo e outras personalidades.
- É proposto para o cargo de administrador do concelho de Águeda, do qual toma posse durante algum tempo.
- 1922 — Radicado em Lisboa, torna-se redactor do magazine «ABC» e de outras publicações periódicas lisboetas.
- 1923 — Janeiro. Profere uma conferência no teatro de Anadia em benefício da Casa Protectora das Crianças Pobres, fundada pela condessa de Proença-a-Velha.
- Julho. Encabeça uma comissão organizadora da oferta de uma coroa a oferecer pela Nova Geração a Guerra Junqueiro por ocasião da sua morte. Uma determinação do finado anula a iniciativa.
- 1924 — Janeiro. Após várias mudanças, instala-se na Avenida da Liberdade, 19 - 3º direito. Em cartão enviado ao padre Acúrcio, conterrâneo e amigo, fala «nesta inquieta "volta a Lisboa"».
- Desvincula-se publicamente de uma homenagem da revista «Contemporânea» ao alto comissário de Angola. Com ele protestam Mário Domingues, Assis Esperança, Ferreira de Castro e outros escritores lisboetas.
- Parte de visita a Paris, onde entrevista diversas personalidades, nomeadamente Jean Cocteau.
- Agosto. Lança a colecção «Novela Moderna», que dirige. O primeiro título é *O ar dos mortos*, ficção de Severo Portela.
- Outubro. Publica *Epopeia Maldita* (4º milhar, 1925), livro polémico que projecta o seu nome à escala do país culto. Denuncia com ardor e veemência falhas de apoios logísticos e de tácticas militares que fizeram «o drama da guerra em África» (subtítulo). Mais tarde engloba este livro na rubrica «Subsídios para a formação duma Consciência Nacional».

bibRIA



Em Veneza

- Publica *Volúpia no Mar*, novela curta da colecção Novelas Beira-Mar. Celestino Gomes (João Carlos), o editor, de Ílhavo, situa-a em prefácio na Costa Nova do Prado.
- Inicia a colaboração nos jornais «O Primeiro de Janeiro» e «Diário Popular», como cronista literário.
- 1925 — Janeiro. É homenageado com um banquete em Aveiro, no qual discursa nomeadamente Homem Cristo.
- Abril. Dá a público o panfleto poético *Legenda dolorosa do Soldado Desconhecido de África*. Tenta chamar assim as atenções para o esforço de guerra feito pelos Portugueses também em África e não apenas em França.
- Começa a dar corpo à ideia de erigir um monumento ao Soldado Desconhecido de África.
- Surge entre Rui Coelho, Bernardo Marques, Julião Quintinha, Ferreira de Castro, Reinaldo Ferreira, Assis Esperança e outros intelectuais e artistas da «nova geração» reunidos no restaurante Tavares (Lisboa) «com o fim de proclamarem a sua indiferença pelos partidos políticos e «capelinhas» literárias».
- Como «combatente da guerra e consú», concorre para deputado pelo círculo de Aveiro. A sua candidatura é patrocinada pela Liga dos Combatentes da Grande Guerra e vários elementos regionalistas. Em Novembro, sai de Lisboa para visitar a região.
- 1926 — Março. É nomeado vice-cônsul no Suez (Egipto). Não há indicação de que ali tenha permanecido com demora.
- 4 de Maio. Parte em viagem pela Europa. Em Paris, semanas depois, participa num jantar mundano oferecido pelo cônsul português em Nápoles, com escritores franceses.
- Colabora na «Salus!» nº 2, revista bimensal da alma cristã e do Espírito Português publicada em Aveiro, e no jornal «Dictadura» (Lisboa), onde publica um depoimento e uma entrevista sobre a «Nova política do 28 de Maio», movimento militar ao qual deste modo publicamente adere.
- Apoiar no «Diário da Tarde» a iniciativa de uma homenagem a prestar a Fialho de Almeida.

— Aparece, ao lado de Reinaldo Ferreira, à frente de uma reunião preparatória do «Congresso das Profissões Liberais», em Lisboa.

— 7 de Dezembro. Profere uma conferência sobre «Nova República» no Teatro-Circo, em Braga, para defender o movimento militar do 28 de Maio. Repete-a noutros locais e dias, passando a surgir em actos públicos entre militares e políticos.

1927 — Março. É nomeado cônsul em Dacar, Senegal.

— 7 de Abril. Surge como secretário da Redacção no primeiro número do jornal «A Cidade», diário republicano independente. Colabora no jornal até partir para Dacar.

— Maio. Publica o livro *O Ditador* (liv^a Rodrigues, 4^o milhar, 1928), que enquadra na série «Para a política das Novas Gerações».

— Publica o livro *Alma Encantadora do Chiado*. Reúne crónicas antes inseridas na imprensa, designadamente acerca de Sálcio Bairrada (padre Acúrcio Correia da Silva), Adolfo Portela, Cunha Barros, Jaime de Magalhães Lima, etc.

— Profere uma conferência na Liga dos Combatentes da Grande Guerra, em Lisboa. Tema: «Os combatentes são uma força nacional?»

1928 — Publica o livro de poemas *O Jardim das Carícias*.

— Outubro. O Governo francês condecora-o com o grau de Cavaleiro da Ordem da «Etoile Noire du Benin».

1931 — A bordo do vapor «Jamaïque», chega a Lisboa para passar férias nomeadamente na Costa Nova.

1932 — Junho. É transferido para o Consulado português de Sevilha. Não demora a ocupar o lugar e a relacionar-se ali com escritores, aristocratas, e políticos.

1935 — Fevereiro. Publica em Sevilha o livro *Discurso à Geração Lusitana*, texto doutrinário e apologético datado de 1934 no frontispício.

1936 — 19 de Abril. Abre a Feira-Exposição Ibero-Americana em Sevilha. No pavilhão português passará depois a ficar instalado o Consulado português naquela cidade espanhola.

- O Consulado é bombardeado por aviões alegadamente comunistas. António de Cértima considera o ataque dirigido contra ele.
- Publica *Caminho de Siegfried*, poemas que o Autor data de 1914 a 1932 (Edições "Momento", Lisboa).
- 9 de Novembro. A Sociedade de Geografia (Lisboa) admite-o como seu sócio ordinário.
- 1937 — O cônsul português na cidade andaluza continua a desenvolver relações estreitas com figuras gradas do movimento falangista (do general Franco). Em Lisboa, onde vai em missão especial em Janeiro, mantém boas relações com o Ministério dos Negócios Estrangeiros e o Governo de Salazar.
- Julho. Passa férias na Costa Azul.
- 1938 — Publica os versos da *Canção das estradas no Estio*, com música da condessa de Proença-a-Velha e capa de João Carlos; Edições Sassetti, Lisboa.
- O «28 de Maio» é festejado, como 12º aniversário do Estado Novo, no designado pavilhão português de Sevilha. António de Cértima surge numa sessão ao lado do general Queipo de Llano. Os jornais sevilhanos realçam a efeméride, publicando fotografias e textos do general Carmona, Salazar e António Ferro. Em discurso solene, Cértima termina com vivas ao general Franco e a Salazar.
- Novembro. Prepara a visita de Hayat El-Muayad Azem a Sevilha. Esta distinta amiga síria, dada como residente em Versalhes, foi declarada **persona grata** ao Governo franquista pelo cônsul.
- 1940 — Vai de novo a Lisboa em missão especial, após o que regressa, em Novembro, a Sevilha.
- 1943 — Abril. Publica as poesias *Bodas de Vinho* (1919) com o título de *Bodas Helénicas*. Desaparece a dedicatória à Bairrada.
- 1944 — Publica *Itinerário sentimental de los Portugueses en Sevilla*, livro traduzido do português por José Andrés Vázquez (Edições SPN [Sociedade de Propaganda Nacional], Lisboa, com ilustrações).



- 1945 — Publica *Vida Voluptuosa*, livro de contos e novelas (Editorial Gleba, Lisboa).
- 1946 — Publica em Lisboa o livro de poesia *Tu e o Teu Corpo*, com desenhos de João Carlos.
- 1947 — Publica *Sortilégio Senegalês*, livro de viagens em África (ed. Liv^a Tavares Martins, Porto) em colecção dirigida por Campos Monteiro.



1948 — António de Cértima chega de avião a Lisboa a fim de passar férias.

- 8 de Agosto. Casa-se na basílica de Fátima com D. Maria Arminda Castro de Lacerda, natural do Caramulo e filha do médico lisboeta Jerónimo de Lacerda, então falecido. O noivo, com 54 anos de idade, tem como padrinho Luís Forjaz Trigueiros, então director do «Diário Popular».



1949 — Abril. Publica *Baladas de Sevilla en Primavera*, poesias compostas em castelhano. O livro suscitou uma violenta polémica com João de Castro Osório, crítico da revista «Ocidente», a propósito de «nacionalismo» e «iberismo».



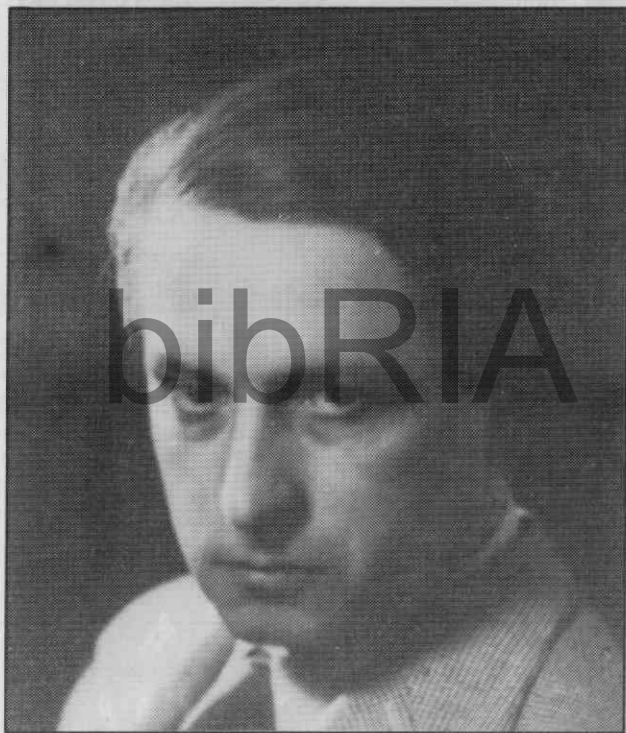
- Maio. Despede-se da cidade andaluza, onde foi cônsul decano. Diz-se que parte com quatro livros em preparação sobre Sevilha.
- Radicado em Lisboa, na Avenida Almirante Reis, 247 - 6º esquerdo, publica *Trópico de Cancer*, livro de poemas com reminiscências africanas que o Autor liga ao *Sortilégio Senegalês* (1947).

- 14 de Agosto. Nasce a sua primeira e única filha, Maria de Fátima Lacerda de Cértima (Fernandes Homem pelo casamento).



- 1951 — Publica *Colóquio com a Morte*, ensaio sobre a Semana Santa sevilhana (ed. Portugália, Lisboa), com desenhos de Júlio.
- Recebe do Governo espanhol a comenda da Ordem civil de Afonso X o Sábio.
- É-lhe atribuída a comenda do rei Carol II da Roménia pelo monarca exilado em Portugal.

- 1952 — Participa em Lisboa num congresso que se dispôs a examinar «o problema dos segredos de Fátima». Publica então umas notas em adenda ao congresso.
- 1953 — Viagem de duas semanas a Paris e Madrid, onde encontra Hayat e outras pessoas amigas.
- 1954 — Nova viagem, com igual demora, a Paris, Versalhes, Nice, etc. Torna a encontrar-se com Hayat.



- 1955 — Publica *Notícias de Anto e de Purinha*, ensaio com a legenda «António Nobre ou a poesia sob o signo da Morte e do Amor» (ed. com gravuras, reproduções e retrato do Autor).
- 1956 — Publica *Trajectória Sem Fim*, antologia pessoal de poemas, com inéditos (ed. Liv^a Portugal, Lisboa; desenhos de Mário de Oliveira).

1960 — Publica *O Primeiro Dia do Homem Fora do Paraíso*, livro que dedica aos seus pais, «seres religiosos que souberam transmitir-me intacto o dogma recebido dos antepassados» (ed. Ática, Lisboa; gravuras de António-Lino).



— Em data incerta, mas próxima, passa a residir na Avenida Praia da Vitória, 48 - 2º esquerdo. Ainda hoje é morada familiar.

1963 — Publica *Sevilha Noiva de Portugal*, livro subintitulado «Dois mil anos de história e emoção» (ed. SIT, Lisboa, com ilustrações e sobrecapa a cores). Amplia o livro *Itinerário Sentimental de los Portugueses en Sevilla* (1944).



- Novembro. Publica *Doce França*, livro de impressões de viagem em França, Suíça, etc. Tem nota prefacial do Autor (ed. Liv^a Portugal; impresso no Museu do Caramulo).
- É condecorado com a Ordem Militar de Cristo, grau de Cavaleiro, imposta pelo presidente da República.

- 1966 — Fevereiro. Publica o seu primeiro romance, *Escandalosamente Pura* (ed. Parceria A. M. Pereira, Lisboa; 2ª ed. com palavras de Marques Gastão proferidas no acto de lançamento).
- Outubro. Publica a colectânea de contos *Nono, não Desejar a Mulher do Próximo* (ed. Parceria A. M. Pereira, Lisboa). Reedita, com alterações, um conto de *Vida Voluptuosa* (1945).
- 1967 — Abril. Publica *O Carisma de Fátima e a Teologia Islâmica - Uma posição sobre a crença* (Ed. Parceria A. M. Pereira, Lisboa).
- 1968 — É-lhe atribuída a medalha pela Academia del Mediterraneo (Itália).
- 1969 — Maio. Publica a **plaquette** *Soldado, Volta!* (1º milhar) com chancela da Parceria A. M. Pereira. Esta 1ª edição distingue-se das posteriores pelo seu formato um pouco maior.
- Junho. O Governo espanhol condecora-o com a comenda de Isabel a Católica. As insígnias são-lhe entregues pelo embaixador de Madrid em Lisboa.



1970 — Abril. Publica o romance *Não Quero Ser Herói*, que o Autor data de Sesimbra, Praia Grande, Junho de 1967 / Janeiro de 1968 (ed. Parceria A. M. Pereira, Lisboa).



- Julho. Publica o manifesto poético *Soldado, Volta!* (ed. Parceria A. M. Pereira, Lisboa; 3º milhar, 1971).
- Novembro. Publica a **plaquette** *Epístola a Job*, uma «Advertência aos “cristãos e às feras”» (ed. Parceria A. M. Pereira, Lisboa).
- 1983 — 20 de Outubro. Com 89 anos de idade, morre na sua casa do Caramulo, onde permanecia retido desde há poucos dias.



**CONDECORAÇÕES E OUTROS TÍTULOS
DE ANTÓNIO DE CÉRTIMA**

- 1918 — Junho. É distinguido com medalha por “bons serviços” e promovido a 2º sargento no Regimento de Infantaria 28, em Moçambique.
- 1928 — Outubro. O Governo francês condecora-o com o grau de Cavaleiro da Ordem da “Etoile Noire du Benin”.
- 1936 — 9 de Novembro. A Sociedade de Geografia (Lisboa) admite-o como sócio ordinário.
- 1951 — O Ministério da Educação espanhol atribui-lhe a comenda de Afonso X o Sábio.
- É-lhe atribuída a comenda do Rei Carol II da Roménia, monarca exilado em Portugal.
- 1963 — Recebe a condecoração da Ordem Militar de Cristo, grau de Cavaleiro, imposta pelo presidente da República.
- 1968 — É-lhe atribuída uma medalha pela Academia del Mediterraneo (Itália).
- 1969 - Recebe a comenda de Isabel a Católica, atribuída pelo Governo espanhol.



**VIVERE EST
DESIDERE**



NOTA FINAL

As circunstâncias em que teve de ser realizado este trabalho não permitiram confirmar por vezes, plenamente, alguns pormenores de facto por culpa da precaridade das bases documentais. Houve casos em que os documentos estabeleciam divergência entre si, nomeadamente quanto à indicação de certas datas. Daí a necessidade de uma prevenção contra o risco de algum erro de pormenor, sem dúvida involuntário, que o nosso trabalho possa revelar. A existência de António de Cértima apresenta importantes espaços “brancos” ou duvidosos (em vista da debilidade das fontes disponíveis), que dificultam a melhor iluminação e esclarecimento sobre todos os passos da sua vida e obra. Nestas condições, apenas podemos afirmar a vontade sincera que tivemos para evitar o ponto erróneo e acertar no certo. Se não o conseguimos sempre, que os leitores no-lo desculpem... e oxalá as comemorações do centenário de nascimento do Autor, que vão agora iniciar-se, possam despertar o interesse pelo cabal esclarecimento do que hoje continua incerto ou obscuro.

A. M.

NOTAS

- ¹ Sobre o assunto, ver, por exemplo, o livro *Encontros de Escritores e Jornalistas da Bairrada - Comunicações*, ed. AJEB, Anadia, 1991, pp 121, 150 e 151.
- ² O pormenor é significativo. Enquanto Cértima deixou extraviar muitas das obras que publicou, como se não gostasse de as ver incluídas entre os seus livros, o padre-poeta e amigo conservou carinhosamente todos os papéis que se lhe referiam.
- ³ Ver, sobre a matéria, no nosso livro *Estudos Regionais sobre a Bairrada* (ed. Figueirinhas, Porto, 1993), as pp 61-77.
- ⁴ A revista «Terra dos Ílhavos», 1º nº, foi publicada em Janeiro de 1920 pela «Plêiade Ilhavense», grupo formado à imagem do da Bairrada.
- ⁵ O livro *Bodas de Vinho* foi impresso na Casa Minerva, Coimbra, em Setembro de 1919; tem 128 pp.
- ⁶ Ver, em *Estudos Regionais* já citados, o cap. «A «Plêiade Bairradina» e a Bairrada no início do século».
- ⁷ O soneto «A nossa taça», datado de Novembro de 1921, em «Terras de Portugal e da Bairrada», saiu no nº 11 da revista «Nós», Ourense, 26 de Junho de 1922. A poesia encontra-se em *Letras Bairradinas - Antologia*, ed. AJEB, Anadia, 1990, p 201.
- ⁸ Este conto figura também na antologia atrás citada. Pertence aos livros *Vida Voluptuosa* e *Nono, Não Desejar a Mulher do Próximo*, do Autor.
- ⁹ No Regimento 28 combateram soldados bairradinos de que a «Epopeia» fala por vezes reconhecivelmente. Um deles foi o capitão Manoel de Oliveiros (pai do

dr. Manuel Eduardo Santos Oliveiros, de Vila Nova de Monsarros), que manteve laços de longa amizade com Cértima.

¹⁰ A polémica entre Craveiro Lopes e o Autor decorreu em Março de 1925, no jornal citado, o «Diário de Lisboa».

¹¹ A carta é dirigida a Manoel de Oliveiros. Ostenta, impressa, a reprodução da capa da *Epopéia* no canto superior esquerdo e, por baixo, a legenda: «O livro mais doloroso e mais vibrante que, acêrca da guerra, se escreveu em Portugal». No texto, manuscrito, Cértima faz votos para que alguém descarregue sobre a sua cabeça «uma tempestade de gritos e clamores os mais verrinosos» porque «só conseguiria que o meu livro passasse de 20\$00 para 50 ou mais». A edição, repare-se, era do próprio Autor.

¹² Palavras publicadas no jornal «O de Aveiro», 18 de Janeiro de 1925.

¹³ *Discurso à Geração Lusitana*, ed. do Autor, Sevilha, 1935, pp 73 e 91, respectivamente.

¹⁴ Idem, p 81.

¹⁵ Idem, p 84.

¹⁶ Idem, p 94.

¹⁷ «Diário da Manhã», Lisboa, 21/05/1935.

¹⁸ O nome árabe de Hayat significa «Vida», anota o autor em *Sortilégio Senegalês*, p. 216.

¹⁹ António de Cértima, *Sortilégio Senegalês*, 1947, p 19.

²⁰ Idem, p 94.

²¹ Idem, p 14.

²² Idem, pp 214-216.

²³ O pormenor dever-se-á a uma determinação do próprio Autor, que acabou por se despojar dos derradeiros exemplares das suas duas obras mais vendidas. Veja-se que uma Nota dos Editores de *Vida Voluptuosa* refere o «louco sucesso» da *Epopéia Maldita*, ao qual o próprio Autor pôs fim «impedindo novas edições». Vale a pena reter o pormenor.

²⁴ Amândio César, artigo «Um livro de poemas em espanhol - **Baladas de Sevilla en Primavera** escritas por António de Cértima», jornal «Diário do Norte», Porto, 8/3/1950.

- ²⁵ Os textos desta polémica são: revista «Ocidente» nº 139, Lisboa, Novembro, 1949, e «Diário Popular» de 11, 18 e 25-1-1950.
- ²⁶ O Autor fez deste livro, à semelhança de outros que publicou, uma tiragem especial destinada a ofertas e não só.
- ²⁷ João Maia, revista «Brotéria», Lisboa, Julho, 1951, p 109.
- ²⁸ António de Cértima, *Colóquio com a Morte*, p 23.
- ²⁹ A relação pessoal criada entre Cértima e o rei Carol II da Roménia em Lisboa parece ter estado na base de uma lendária fortuna do monarca guardada, após a sua morte, não se sabia onde nem por quem.
- ³⁰ António de Cértima, *Notícias de Anto e de Purinha*, p 25.
- ³¹ Idem, pp 23-24.
- ³² Idem, p 26.
- ³³ Taborda de Vasconcelos, artigo «A personalidade lírica de António de Cértima», jornal «O Comércio do Porto», 28/8/1956. Nesta data, Cértima morava na Avenida Engº Duarte Pacheco, 1 - 2º esquerdo, em Lisboa.
- ³⁴ Amândio César in «O livro da semana», jornal «Diário Ilustrado», Lisboa, 6/4/1957.
- ³⁵ Taborda de Vasconcelos, artigo «António de Cértima, uma referência poética», jornal «Diário do Norte», Porto, 14/3/1957.
- ³⁶ Armando Ferreira in «Montra de livros», «Jornal do Comércio», Lisboa, 7/4/1957.
- ³⁷ Luís Forjaz Trigueiros, artigo «Significado de uma trajectória lírica», jornal «Novidades», Lisboa, 11/8/1957.
- ³⁸ Luso do Carmo, artigo «A crítica do livro», jornal «O Comércio do Porto», 12/6/1957. A Censura prévia, nesta época, proibia Óscar Lopes de assinar os seus textos na Imprensa; daí o pseudónimo.
- ³⁹ Anónimo, jornal «Diário de Lisboa», Lisboa, 14/2/1957.
- ⁴⁰ António Ruivo Mouzinho, artigo «Impressões de leitura», «Jornal de Sintra», 1/12/1957.
- ⁴¹ João Maia, revista «Brotéria», Abril de 1957, p 436.
- ⁴² Mas não sem esforço e luta. Quando publicou *Notícias de Anto e de Purinha*, o Autor queixava-se da «selva literária» lisboeta. O Chiado perdia cada vez mais a sua atmosfera tradicional.

- ⁴³ O arq^o Mário de Oliveira, casado com uma espanhola, mantinha com Cértima uma relação pessoal baseada em evidentes afinidades pessoais.
- ⁴⁴ Amorim de Carvalho, artigo «O pensamento mítico e a Filosofia», jornal «Diário de Notícias», 25/8/1960.
- ⁴⁵ Taborda de Vasconcelos, artigo «António de Cértima e o conhecimento do Homem», jornal «Diário da Manhã», Lisboa, 21/1/1961.
- ⁴⁶ Luís Forjaz Trigueiros in «Temas», jornal «Diário de Notícias», 4/8/1960.
- ⁴⁷ Amândio César in «Folhetim de Crítica», jornal «Praça Nova», Porto, Setembro, 1960.
- ⁴⁸ Guedes de Amorim in «Livros e Autores», revista «O Seculo Ilustrado», Lisboa, 13/8/1960.
- ⁴⁹ M. Lopes Rodrigues, artigo «O primeiro dia do Homem fora do Paraíso — O último livro de António de Cértima», jornal «Notícias», Vila da Feira, 16/1/1961.
- ⁵⁰ Marques Gastão, artigo «O sentimento do “épico” em António de Cértima», jornal «Diário da Manhã», Lisboa, 27/8/1964.
- ⁵¹ Talvez importe notar que em 1963 havia três frentes de guerra em colónias africanas portuguesas, o que agudizou as clivagens já existentes no âmago do país; por outro lado, note-se que Cértima não deixou de aludir, em termos irrestritos, no seu livro (pp 161-162), ao encontro de Salazar e Franco em Sevilha, nos idos de 1942.
- ⁵² De facto, o editor de *Sevilha Noiva de Portugal* foi o seu próprio Autor, que se aplicou cuidadosa e longamente à tarefa da respectiva divulgação. A tiragem, de 1.600 exemplares apenas, originou um diferendo com a tipografia. Possivelmente, Cértima teve que arcar com um prejuízo.
- ⁵³ Amândio César, artigo «Um livro de António de Cértima sobre Espanha», jornal «Renovação», Lourenço Marques, 20/6/1963.
- ⁵⁴ Marques Gastão, artigo dactilografado existente no espólio do Autor com o título completo do livro e sem data. A respectiva publicação no jornal «Diário Popular», de que não existe recorte, aparece indicada por uma citação do artigo feita na contracapa do livro seguinte do Autor, *Doce França*.
- ⁵⁵ Adolfo Lizón, artigo sem título nem assinatura enviado com um cartão cordial a Cértima e por este recebido em 14/10/1963. Lizón faz votos para que o director da «Estafeta» (Madrid) o publique.
- ⁵⁶ Guedes de Amorim, artigo «Doce França» in «Novos Livros», «O Seculo Ilustrado», Lisboa, 28/3/1964.

- ⁵⁷ Jornal «República», Lisboa, 20/3/1964.
- ⁵⁸ M. de Sousa Lobo, artigo «Doce França» in «Crítica», jornal «Diário Popular», 4/6/1964.
- ⁵⁹ Luís Forjaz Trigueiros in «Temas», jornal «Diário de Notícias», 9/4/1964.
- ⁶⁰ Carlos Cunha, artigo «Doce França» in «O livro da semana», jornal «Diário de Notícias», 7/5/1964.
- ⁶¹ Emílio Pereira Guedes, artigo «Doce França», e J. P. d'Assac, artigo «Os caminhos / A implacável vingança do Espírito», jornal «Diário da Manhã», Lisboa, 18/3/1964 e 18/1/1964, respectivamente.
- ⁶² Livro *Doce França*, p 41. A segunda parte deste livro contém dados úteis para o conhecimento da vida do Autor.
- ⁶³ José Blanc de Portugal in «Letras vivas», revista «Flama», Lisboa, 27/2/1964; Amândio César, artigos «A "França" num livro de António de Cértima», jornal «Diário do Norte», Porto, 6/2/1964, repetido em «À procura da doce França», jornal «Renovação», Lourenço Marques, 27/5/1965; Marques Gastão, artigo «Doce França», jornal «O Comércio», Luanda, 14/1/1964, repetido no «Diário Popular», 6/2/1964 e no «Notícias», Lourenço Marques, no mesmo dia.
- ⁶⁴ Devemos a informação à própria Viúva, D. Maria Arminda, que nos sublinhou o facto de Cértima não ter beneficiado de nenhuma pensão social.
- ⁶⁵ Amândio César, artigo «Reunidas em "Escandalosamente Pura" todas as virtudes da experiência literária de António de Cértima», jornal «O Comércio», Luanda, 15/9/1966.
- ⁶⁶ Luís Forjaz Trigueiros, in «Temas», jornal «Diário de Notícias», 10/10/1966.
- ⁶⁷ M. Alves de Oliveira, revista «Gil Vicente», Guimarães, nºs 3 e 4, Março-Abril, 1967, p 68.
- ⁶⁸ Ver, sobre o assunto o nosso livro *Estudos Regionais sobre a Bairrada*, pp 110-111, e cap. sobre a «Plêiade Bairradina», p 61.
- ⁶⁹ Frei Amaro (Chico da Cruz), artigo «Escandalosamente Pura é um romance - Um romance de António de Cértima», jornal «Agora», Lisboa, 3/6/1967.
- ⁷⁰ Amândio César, artigo «Apresentação do novo livro de António de Cértima», jornal «O Debate», Lisboa, 24/12/1966; repetição no jornal «O Comércio», Luanda, 1/1/1967.
- ⁷¹ Guedes de Amorim, artigo «António de Cértima no seu novo livro "Nono, não desejar a mulher do próximo" revela almas e destinos de estranhas mulheres e

salienta as verdadeiras últimas desesperadas palavras de Garcia Lorca», revista «O Seculo Ilustrado», Lisboa, 7/1/1967.

- ⁷² Note-se que o conto «O prodígio da vaca que comia papoilas» também havia sido publicado pela revista «Panorama» em 1964. Portanto, rigorosamente inéditos, seriam apenas quatro dos seis contos do livro.

- ⁷³ Em carta dirigida ao Autor em 15/1/1967, Chico da Cruz, então em Oliveira do Bairro e ligado à Câmara Municipal, escreve: «Apreciei imenso o “Crime ao alvorecer” porque foi um acontecimento decorrido na freguesia de Oliveira do Bairro, e eu ainda conheci o BOUÇA, o protagonista.»

De carta posterior, de 21/1/1967, transcrevemos: «Estive em Lisboa nos dias (...) Mas em condições tais que não me foi possível falar-lhe (...) Andava com o Snr. Governador Civil e alguns Deputados, a tratar de assuntos de interesse administrativo. E no dia 29 estivemos na Assembleia Nacional a tomar parte nas cerimónias de encerramento das comemorações do quadragésimo aniversário da revolução Nacional. / Na noite deste dia, quando passava na rua Augusta, vivi uma hora alta de comovedora consolação, ao deparar com a mais ampla vitrina da Parceria A. M. Pereira inteiramente consagrada á obra mais recente do escritor António de Cértima. / Ali estava a alma bairradina, no mais abalizado centro intelectual de Lisboa, a marcar com luminosa galhardia um ponto culminante das letras em Portugal! / Senti-me transportado, por momentos, a um mundo de sonho e de beleza, onde os Deuses da arte literária se recreiam, e onde o companheiro mais ilustre na saudosa Pleiade Bairradina, imprimia, na vastidão dos numerosos atalhos do sentir e do saber, sulcos coruscantes de simbólicas passadas! / Àquela hora, uma ou duas da manhã, já não me foi possível adquirir o seu novo livro. / Procurei-o em Aveiro na Livraria João da Cunha. Já tinham esgotados os volumes que lhe foram distribuídos. Fez nova encomenda de que aguarda a chegada.»

- ⁷⁴ Marques Gastão, artigo «António de Cértima e a sua catolicidade», jornal «Diário do Norte», Porto, 6/7/1967.

- ⁷⁵ Mário António, artigo in «Inventário da Semana», jornal «Diário de Notícias», 16/2/1967.

- ⁷⁶ Agostinho Veloso, revista «Brotéria», Lisboa, Abril, 1967, p 564.

- ⁷⁷ Jerónimo de Castro (J. C.), artigo in jornal «Correio do Minho», Braga, 8/4/1967.

- ⁷⁸ Armor Pires Mota, artigo «Nono, não desejar a mulher do próximo», jornal «Diário da Manhã», Lisboa, 1/6/1967; artigo repetido em «Diário do Norte», Porto, 7/9/1967, e no «Jornal da Bairrada», Oliveira do Bairro, em data incerta.

- ⁷⁹ C. de O. (Chico da Cruz), artigo «Um novo livro de António de Cértima», jornal «Agora», Lisboa, 8/4/1967.

- ⁸⁰ Amândio César, in «Livros e Autores - Um ensaio de António de Cértima», jornal «O Debate», Lisboa, 16/9/1967; repetido no «Diário do Norte», Porto, 17/8/1967.
- ⁸¹ Mário António in «Inventário da Semana», jornal «Diário do Notícias», 1/1/1968.
- ⁸² Francisco José Veloso, artigo «O carisma de Fátima e a teologia islâmica - Uma posição sobre a crença», jornal «Novidades», Lisboa, 12/6/1967.
- ⁸³ A. Veloso in «Bibliografia», revista «Brotéria», Lisboa, recorte sem data, p 601.
- ⁸⁴ M. Alves de Oliveira in «Bibliografia», revista «Gil Vicente», Guimarães, Fevereiro, 1968.
- ⁸⁵ Armor Pires Mota, artigo «António de Cértima - O carisma...», jornal «Diário da Manhã», Lisboa, 13/7/1967.
- ⁸⁶ Augusto Casimiro in «Diário imperfeito», revista «Scara Nova», Lisboa, Agosto, 1967, p 265.
- ⁸⁷ C. de O. (Chico da Cruz), artigo no jornal «Agora», Lisboa, 24/6/1967. Pelo que se pode ver, a actividade jornalística deste bairradino será mais abundante do que se supôs. Valeria decerto a pena averiguá-la melhor, com vista a um conhecimento razoável do historial da Imprensa da Bairrada, dos respectivos colaboradores principais (em presença ou ausência) e dos movimentos de opinião que exprimitam.
- ⁸⁸ Marques Gastão, artigo «Soldado, volta!», jornal «Época», Lisboa, 10/5/1971; repetido no «Diário do Norte», Porto, 19/5/1971; «Jornal da Bairrada», Oliveira do Bairro, 22/5/1971; e «Notícias», Lourenço Marques, 25/5/1971.
- ⁸⁹ «Jornal da Bairrada», Oliveira do Bairro, 14/8/1971, e «Jornal de Vendas Novas», Vendas Novas, 21/8/1971.
- ⁹⁰ Amândio César, artigo «Nova edição de um poema de António de Cértima», jornal «Época», Lisboa, 27/8/1971; Marques Gastão, artigo «Soldado, volta!», jornal «Notícias», Lourenço Marques, 9/9/1971; repetido no «Comércio», Luanda, 9/9/1971.
- ⁹¹ Guedes de Amorim, in «Livros», «O Seculo Ilustrado», Lisboa, 6/2/1971.
- ⁹² Amândio César, artigo «Epístola a Job - Poema de António de Cértima», jornal «O Debate», Lisboa, 29/4/1971; repetido no «Notícias», Lourenço Marques, 3/9/1971.
- ⁹³ Marques Gastão, artigo «Uma advertência às feras», jornal «Época», Lisboa, 10/11/1970; repetido nos jornais «Época», 2/3/1971 e «O Comércio», Luanda, 20/11/1970; nova referência no artigo «O advento da Boa Nova», jornal «Diário da Manhã», Lisboa, 27/12/1970, repetido no «Notícias», Lourenço Marques, 31/12/1970.

- ⁹⁴ M. V. C., artigo «Epístola a Job», jornal «Novidades», Lisboa, 30/11/1970. Barroso da Fonte também se pronunciou, jornal «O Debate», Lisboa, 19/6/71 e «Notícias de Chaves», Chaves, 27/3/1971. O «Jornal da Bairrada» transcreveu um excerto do poema em 2/1/1971.
- ⁹⁵ Amândio César, artigo «Apresentação de um romance de António de Cértima», jornal «Diário do Norte», Porto, 28/5/1970; repetido em «Não quero ser herói», revista «Prisma», Luanda, Junho, 1970.
- ⁹⁶ Guedes de Amorim, artigo «O romance desejado» in «Livros», revista «O Seculo Ilustrado», Lisboa, 18/7/1970.
- ⁹⁷ Alfredo Guisado, jornal «República», Lisboa, 26/6/1970.
- ⁹⁸ Marques Gastão, artigo «Não quero ser herói», jornal «Diário do Norte», Porto, 24/6/1970; repetido nos jornais «Notícias», Lourenço Marques, 20/7/1970, e «Novidades», Lisboa, no mesmo dia. Marques Gastão tornou a escrever sobre o livro: artigo «Romance de António de Cértima», jornal «O Comércio», Luanda, 21/10/1970, que repete um texto publicado no «Diário da Manhã», Lisboa,

bibRIA

TINHA OS OLHOS COR DE OURO

INÉDITOS DE ANTÓNIO DE CÉRTIMA

bibRIA

1. V. C. ...
2. ...
3. ...

4. ...
5. ...

6. ...
7. ...

8. ...

9. ...
10. ...

11. ...

ibid

TINHA OS OLHOS COR DE OIRO

TINHA os olhos cor de oiro. Um oiro esverdeado como uma esmeralda ao anoitecer. A meiguice e a inteligência brilhavam nas áscuas luminosas que por vezes desferiam, num fulgor e fixidez liquescentes. Era nestas ocasiões que um reflexo de melancolia parecia sobrevir e inundá-los. Vinha-me então a ideia de que os mistérios do cérebro se lhe abriam e o seu pensamento, desejando estabelecer contacto com o meu pensamento, sentia a amargura do meu silêncio e do seu silêncio.

O volume fino das formas, a elegância e viveza dos movimentos, a acuidade sensorial ao eclodir de qualquer acto percuciente, faziam realçar naquele corpo a jóia dos olhos de oiro. Toda a gente lhe tributava admiração e pânico — o pânico que é, como todos sabem, um sentimento produzido pelo que em demasiado nos fascina ou em demasiado nos intimida. À parte de uns tais predicados, era bem um ser comum, nada irritante e de índole quase subserviente com as pessoas do seu convívio.

Estou a falar do meu cão **Zartor**. Eu amo os cães. A partir das sub-espécies exóticas e ridículas, engendradas num morfismo zoológico que os apresenta escalvados até ao escorchamento ou metidos dentro de ornamentos pilosos que parece não lhes pertencerem — espécies em geral só para consumo mundano-feminino, como os **bassets**, os **pékinois** e os lulus da Pomerânia —, a minha simpatia é imensa. Gosto deles indiscriminadamente. São leais companheiros sem palavras — afonia verbal que, em muitos casos, é um bem de

Deus! Para serem úteis e nos amarem, não recorrem ao estratagema nem ao drama. Pressentem os perigos, guardam-nos os passos e, de coração alanceado, choram muitas vezes sobre o nosso fim. No prestamento de serviços, são trabalhadores operosos e comunitários, sem número de horas nem reivindicações de salário. Inteligentes, probos, generosos.

Na crónica dos dias que passam, eles surgem-me em alguns capítulos, abrindo-os ou fechando-os, numa dupla cumplicidade com as minhas decisões e o seu próprio instinto. Por exemplo, o corpulento **Bouguy**, recebido tamaninho como carinhosa oferta de um capitão flibusteiro do país de Hamlet. Comigo percorreu milhares de quilómetros na floresta africana, viu os hipopótamos do Níger e estremeceu ao farejar inimigos: os ferozes quadrúpedes das matas do Mali. Era menos inteligente que os das outras raças, mas mais doce e concentrado. Dormia pouco e passava horas calado, abstracto, preso a certas preocupações de contemplativo. Daqui os laivos da melancolia que por vezes embaciavam os seus olhos — arquivadores de imagens que eles, por certo, se punham a repassar durante os seus silêncios. Quando não as entendia, entendia-as eu, de tal sorte ele tinha «supervisionado» os sucessos mais em destaque desse período. Terminou os seus dias voando nos espaços azuis com o comandante da aviação militar, a quem o confiei quando abandonei o país. Este era o marido de Nila, já algumas vezes referida noutras das minhas páginas. Do meu inesquecível **danois** guardo a sua memória na fotografia que permanece aqui, sobre a minha mesa. Segue os meus pensamentos olhando-me com uma imensa doçura — uma doçura que lhe vinha do seu bravo coração de romântico.

Tive ainda um galgo branco com que o capitão francês Isembert quis homenagear a minha simpatia pelo autor do **Forse che si forse che no**, com quem tinha voado nos combates aéreos sobre o Isonzo, na Primeira Grande Guerra. Um desenho recortado, numa folha de prata, fino, laminado, sugerindo as gravuras sobre a pedra de certos mausoléus arcaicos. Belíssimo mas muito estúpido. Não cheguei a dar-lhe um nome. Uma amiga bonita o levou.

A este sucedeu a série dos misto-lobos de Alsácia, a minha raça preferida. Ágeis, espertos, dedicados, sem obstar a um bom risco anatómico, com economia de carnes e boa forma muscular. Foi no porto de Gibraltar, a bordo de um paquete da carreira das Índias.

Tinha sido adquirido na escala de Marselha. O dono pretendia desfazer-se dele e procurava comprador. Era ainda pequeno, mas buliçoso, inquietante. Seduziu-me. Abri a negociação. E houve uma surpresa. Ao saber a minha nacionalidade, o proprietário desta jóia vivente quis oferecer-me: era um goês, empregado nos serviços da copa. Deixei este homem vendo correr nele, emocionado, algumas lágrimas e trocando os dois algumas palavras iguais às que vêm nas páginas dos **Lusíadas**. A pessoa que eu tinha ido esperar a bordo do mesmo barco teve um grito de júbilo e, acariciando-o, exclamou: **Darling!** E este ficou sendo o seu nome.

Seguiu-se-lhe a **Flecha**, cinzenta, altiva, animal de convicções femininas, exibindo a cor **taupe** do seu pêlo como um casaco rico nas vitrines de Paris. Passar-lhe a mão ao longo do dorso era ter a mesma sensação de palpar a suavidade de um artigo de luxo.

Um dia escapou-se de casa precisamente (desgraçadamente!) quando um conflito das ruas estalava em diversos bairros da cidade. Foi o seu fim. Depois de muito vadiar (exibicionista como era), encontrou-se numa praça onde, além da fúria dos populares, em combate impiedoso, foi atacada por um bando de cães famélicos e sujos de que ela, vexada, se vingava num ódio de que os seus dentes deixaram um tremendo testemunho. De súbito foi prostrada por uma bala perdida dos contendores. A sua morte equivaliu bem a um suicídio, que o seu instinto nobre decerto teria procurado, como os homens, como todos aqueles que amam o seu brio ou se vêem perdidos nas funduras de um lodaçal.

O último, o **Zartor**, emergiu da série envolvendo-se num acontecimento que o seu rompanete inconsiderado provocou. Um acto que foi mais uma vez a consequência de certo inconformismo a que não se eximia, alterando por decisões súbitas o comportamento que lhe era fixado. Nisto se aproximava profundamente dos seres humanos: fazendo com rancor o contrário do que, com um sorriso, galantemente prometem. Era um concentrado e, por reacção, um falso pueril. Se tivesse faculdades para tal, seria um leitor impenitente de Hegel, com o sr. Sartre e Mark Twain, misturando os dois últimos na sua pecha de reduzir a sínteses o que o **instinto** crítico lhe sugeria.

— Vale a pena amar assim os animais?

Interrompendo o gesto da mão com que, de joelhos, lhe acariciava o focinho depois de o ter beijado sobre os olhos, Murana Khedhi replicou:

— Valerá mais a pena amar os homens?

Era um humorismo com acidez. Não foi deixado sem resposta:

— Depende da natureza dos instintos que a mulher põe no amor.

Murana, levantando-se:

— Que são os mesmos do homem desde que ele se encontre no nível próprio a uma tão grande experiência.

— Ah! Por exemplo?

— O de um acto físico sem deixar de ser profundamente religioso.

— Isso vem no **Livro dos Mortos** das velhas monarquias hieráticas do teu país?

— Não. Vem no conceito que possuem certas raças do transe que se abisma em prazer para realizar os limites do vi-vencial.

Murana, nascida em Alexandria, era filha de um italiano dos arredores de Veneza, casado com uma egípcia. Terminou assim a resposta:

— Espero não ter sido muito confusa nem muito **bas-bleu...** Presentemente, as raparigas dos colégios da minha língua são já influenciadas pelo espírito científico da cultura americana, ao mesmo tempo que permanece nelas o culto daquilo que vocês, europeus, poderiam chamar «metafísica» e que nos liga a formas sagradas de coisas e animais. Daqui certas possibilidades destes últimos nos entenderem e serem entendidos por nós.

— Estou quase de acordo...

— Se estás, então escuta: quem pôs o nome ao **Zartor**?

— Adquiri-o por um anúncio na imprensa. O nome vinha na coleira com um pedido do ignorado proprietário de que fosse mantido. Achei o nome e o pedido singulares e desisti do esforço de qualquer alteração.

— Nesse caso terás interesse em saber que **Zartor** me parece a deformação do nome **Sator**, um dos lados do Quadrado Mágico, continuado por **Arepo**, **Tenet** e **Rotas**.

Dei um salto de surpresa:

— Que ideia! E a ser verosímil o que me estás dizendo, o animal seria portador de um significado criptogramático?

— Exacto.

Fiquei por momentos pensativo. Murana interrompeu-me os pensamentos com uma declaração estrondosa:

— Sendo tão feroz como dizes, sabes por que foi que ele não me mordeu? Porque eu estava a pensar nele com amor.

Logo que as últimas palavras foram pronunciadas, **Zartor**, como se de facto as tivesse entendido, levantou-se a prumo com a minha amiga e acariciou-a na face e nos braços, que estavam nus. Um agradecimento.

Terminadas as semanas da sua visita, Murana regressou a Alexandria. Logo após a sua partida, **Zartor** começou a dar sinais de irritação — uma amargura exacerbada. Sempre que podia fazê-lo, vinha sentar-se junto de mim e ficava a fitar-me com os olhos muito abertos e tristes, nos quais parecia reflectir-se a imagem de Murana. E decerto eram tão vivos os pensamentos com que a evocava que nos olhos de oiro dele eu julgava ver as pupilas onix dela. Abríamos então uma conversa secreta sobre a ausente, que se prolongava por tempo largo. Era então que ele se levantava e ia retomar as suas fainas com um visível ar comprazido. Não será o seu instinto afectivo a sub-alma destes animais?

O meu amigo, que era poeta e administrava uns jardins imensos que os invasores orientais tinham criado e as autoridades actuais mantêm ainda, ciosas do privilégio de um tal património, adorava o meu cão. Parecia até que mantinha com ele um pacto secreto que o preservava das suas crises de violência e mau humor. Em troca desta cordialidade não mantida com nenhum dos outros meus amigos, **Zartor** disfrutava do direito de correr nas direcções que mais lhe apetecessem, de rebolar-se com gáudio nos tapetes de relvas vivas e devastar maciços de murtas e alfazemas. Sentia-se ali como um grande senhor e, como um grande senhor das ilustrações dos livros persas, amava os aromas e as cores vivas. Nas estações próprias, os seus regozijos manifestavam-se com preferência entre os gladiolos vermelhos e as massas odorantes dos nardos. O meu amigo escreveu sobre ele a **Kásida do Farejador de Aromas**, que

nos deu indícios de o ter desvanecido. Ou melhor, exaltado. E o facto teve consequências... Parecia-nos ter-se apoderado dele um desvario apolíneo. Num grande vozeio, percorria em galope as centenas de metros dos caminhos e áleas dos jardins. Mas o estridular dos gritos era menos de fúria que de proclamação vitoriosa. O eco repercutia-se fortemente nos arredores e, ante ele, fugiam aterrados todos os gatos e outros bichos que por ali bivassem.

As minhas visitas aos Grandes Jardins eram mais frequentes nos fins das tardes dos longos dias estivais. E quase sempre quando lhes sucedia uma noite de plena lua. Tomavam-se algumas bebidas na fresquidão de uma pérgola coberta de jasmineiros e duas glicínias centenárias e entrávamos depois para o jantar, numa sala medieva. Uma refeição onde tinha mais lugar o espírito que a cozinha. Poetas, artistas do bailado e do teatro, um jovem toureiro e alguma celebridade feminina de passagem pela cidade. Seguiam-se a sessão de Deslumbramentos. Na imensidade dos jardins, cercados de altos muros dentelados, esperava-nos uma ampla esplanada, forrada de tapetes trazidos das salas do Palácio contíguo. Ao centro, a silhueta de um piano que, em tal lugar, não podia deixar de avultar como insólita e enigmática. Abriam-se os jactos de água e as luzes das iluminações rasteiras. O luar impregnava de brancuras fluidas, palpitantes, tudo o que tinha forma e volume aéreo. A recebê-lo, subiam para o espaço as emanções odoríferas dos mirtos, dos cravos, das rosas nocturnas, e as balsaminas das cidras e das magnólias. Todos sentados em postura de **zen** sobre os tapetes, conversava-se, diziam-se poemas e sorviam-se sumos leitosos, feitos de macerações anisadas. Uma noite, ao piano, sentou-se um grande artista espanhol: Cubiles. Meio deitado sobre mim, a cabeça erguida, as orelhas retesas em auscultador, **Zartor** realizava em si uma imagem atenta como daquele em quem mais profundamente a música fizesse bossa. Tocava-se a **Serenata Melancólica** de Tchaikovsky.

...

Estávamos já na madrugada quando a progressão deste êxtase foi interrompida por uma inesperada intromissão. Ao fundo da álea dos ciprestes que conduzia directamente à Esplanada, alguém apareceu chamando alto, portador de uma notícia grave para um dos assistentes. O piano calou-se. **Zartor** fitou-me com uma

expressão reprovativa, parecendo querer consultar a minha opinião, e afastou-se na direcção do intruso. Chegando junto deste, baixou a cabeça e, em silêncio, mordeu-o ferozmente acima do artelho. Foi o seu primeiro mau acto.

Outras violências reprováveis e inesperadas se sucederam a esta. Dir-se-ia que um sopro de insânia lhe entrara no meandro das circunvoluções. Amigos acautelaram-me: «Qualquer dia vais ter um desgosto sério», diziam-me. E impressionei-me. Uma impressão de ordem porventura mais plástica que afectiva. Como no risco de um basalto sepulcral, à ideia de perdê-lo sobrepunha-se a beleza do inquieto animal inscrevendo no ar onde se movia a pureza de certas imagens de Donatello. Os avisos tornaram-se prementes: «Quando procedem assim (atacava sempre em silêncio, sem advertências escusadas), são perigosíssimos». Pois sim, mas as razões não se me afiguravam suficientes para o votar à expulsão ou ao massacre. Os seus olhos de ouro poderia eu eliminá-los da minha memória? Murana assemelhava-os aos de um falcão sagrado, num hipogeu do Cairo, fundido em bloco aurífero. Para mim, eram duas pinceladas fulvas de Veronese sobre um veludo verde dos Médicis.

Os meus raciocínios não se desembaraçavam das suas proezas nem das suas aptidões. Estas donde provinham? Talvez como resqúcio biológico de longínquos reinos animais permeáveis ao pensamento dos homens.

Espantei-me quando, uma noite, ao chegar próximo do portão das altas grades de ferro que ladeavam a avenida em muitos côvados de comprimento, deparei com o animal sentado no último lanço da escadaria de pedra que antecedia a entrada principal do grande edifício da minha residência. Observei-o de longe, interessado em descobrir o porquê daquela posição e por que se encontrava ali àquela hora. Exibia-se numa atitude de alerta, erguido sobre as patas dianteiras, a cabeça em contínuos movimentos, a perscrutar a rua. Então aproximei-me para entrar. Olfacteu o ar e, tendo-me reconhecido, partiu a galope por um lado dos jardins, dando volta à casa e aparecendo-me do lado oposto. Numa manifestação de júbilo, lançou-se sobre mim como se quisesse dizer-me (compreendi-o mais tarde) «que podia entrar, que tudo estava tranquilo!» Maravilhoso **Zartor**. Que voz lhe tinha chegado ao instinto, sugerindo-lhe um

acto de vigilância para a minha segurança pessoal, e executado com tal precisão dos efeitos?

E todas as noites, quando eu regressava tarde, o mesmo «dispositivo» se verificava, prolongando-se até às primeiras horas da manhã, com a chegada do jardineiro para as fainas do dia. O arranjo decorativo dos jardins, os empedramentos e, a destacar nestes, as motivações artísticas atinentes à historicidade do país, concitavam no público um interesse de grande efeito. Através dos largos espaços entre as barras moldadas em ferro fundido do gradeamento, as cabeças assomavam, curiosas ou ávidas dos aromas das espécies em florescência. Uma tal curiosidade chegava à impertinência de visitas espontâneas, surpreendidas por vezes sob a umbela das frondes.

Era durante a noite e no bônus dos dias festivos que o fiel servidor disfrutava dos direitos à liberdade. Para evitar fugas e graves propósitos. Disciplina e desconfiança prévia. A excepcionalidade do seu préstimo valia o castigo. Fora destas exclusões, as leis da espécie obrigavam a colocá-lo sob o regime de liberdade condicionada pela cadeia metálica. Ora foi num desses dias em que lhe era concedida a regalia de dispor de si próprio que, por compensação desastrosa, a «coisa» aconteceu.

Todo o pessoal dos serviços tinha saído. Como era domingo, **Zartor** regalava-se correndo através das âleas que cercavam o edifício ou perseguindo algum melro que se retardava a exumar um verme dos canteiros. Nesse dia, a tarde estava quentíssima e poucos passeantes se aventuravam à cresta canicular. De súbito, fui sobressaltado por um grito estridente, seguido de outros menos vivos, vindos do jardim. Desci a correr a escadaria interior e logo que cheguei ao **hall** do rés-do-chão, ouvi a costumada chamada de **Zartor**: raspando violentamente na porta e emitindo uns uivos queixosos. Saí para o exterior e olhei-o com certa ansiedade, como a perguntar-lhe: «O que há?» Baixou a cauda e as orelhas e, descendo os dois lanços da escada granítica de acesso à parte posterior do edifício, conduziu-me para um sítio do jardim onde havia uma arcada de ciprestes. A cena que se me deparou, estarrecceu-me. Lembra-me da figura de Greta Garbo em alguns dos seus filmes mais voluptuosos, os cabelos caindo de um lado do rosto marcado da palidez, que ela estava sempre a afastar dos olhos no gesto dormitante dos dedos afilados? Pois era uma figura assim, mais «adolescente»,

mais fina (lembrando uma boneca que a copiasse), que eu encontrei estendida no chão, inerte, com a parte superior dos vestidos rasgada, os seios riscados por fios de sangue, muito pálida, sem dar acordo de si.

Ele tinha feito aquilo! Fitei-o com irada estupefacção. Mantendo o mesmo silêncio, **Zartor** baixou os olhos e foi acariciá-la no rosto.

Nem sequer me interroguei para saber quem era ou porque estava ali. Pensei unicamente em socorrê-la. Encontrei-me seriamente embaraçado. Chamar um médico? Levá-la no carro para uma clínica? Mas o tempo poderia ser curto para resoluções demoradas. Subi-a nos braços para os aposentos do primeiro andar e ali, rapidamente, procedi a uma limpeza anti-séptica e tentei reanimá-la com um **scotch** muito aguado. Tinha-me visto algumas vezes perante a morte. Mas perante este corpo inanimado, que parecia esperar a morte e que não era a minha, o trágico mudava de sinal e, ao fim, para a minha sensibilidade, não era menos trágico. Contemplava-a com angústia e amor. Esta pequena ternura plástica e humana que estava ali, diante de mim, isolada do mundo, sozinha comigo, fazia-me sentir mais que nunca o valor da vida humana, da palpação da beleza que exclui o aniquilamento, que protesta contra o Nada.

Vi que se agitava. Estremeci de júbilo. Felizmente, ela ia voltar ao meu universo, participar da ventura daquela tarde de domingo, dos seus ruídos e dos seus perfumes, encher-se de sol, falar, mover-se e viver, viver! Sentindo-me de repente cheio de responsabilidades, sofria de angústia, sofria de ansiedade como Marta sobre o corpo de Lázaro ante o olhar de Jesus.

Abriu os olhos. Ainda inconsciente para realizar o que se tinha passado, contemplou com assombro as coisas que a cercavam e, num grito agónico, saltou do sofá onde tinha sido colocada e veio agarrar-se, alucinada, ao meu pescoço. Era um refúgio contra a visão do animal que a tinha atacado. Mas os sentidos normais recuperaram-na. Num gesto brusco, afastou-se de mim, observando-me com um espanto agressivo. Ao mesmo tempo, vendo-se descomposta, levou as mãos ao peito para o ocultar.

— Porque estou aqui? — gritou-me, amedrontada.

Contei-lhe em poucas palavras o sucedido. Disse-lhe onde se encontrava. E, por minha vez, querendo esclarecer a minha perplexidade, também lhe perguntei:

— E quem é a pessoa com quem estou falando?
— Que importa isso? — respondeu. Olhou depois o relógio de pulso e, nervosíssima, explodiu: — Que horror! Meus pais já devem ter regressado. Por favor, leve-me ao hotel. — E iniciou uma fuga, procurando a todo o transe uma saída para o exterior.

Parado a meio do salão, a seguir-lhe os movimentos, adverti-a:

— Assim?... — E aponte-lhe o peito semi-nu.

Ela, reparando em si:

— É verdade. — Começou a caminhar para mim. Entretanto abria muito os olhos para tudo o que a rodeava: pinturas, mármore, candelabros, tapeçarias, dimensões. E intrigada:

— Vive aqui?

— Sim.

Contou-me depois o que tinha ocorrido. Estava de passagem na cidade. Os pais, grandes **aficionados**, tinham saído para a tourada dessa tarde e ela aproveitara a ocasião para conhecer os jardins situados próximos do hotel e de que tanto ouvira falar. A linha arquitectónica do edificio e a espessura do arvoredado fizeram-lhe crer que o recinto onde entrou fazia já parte desse património público. Viu uma pequena entrada acolhedora, empurrou a cancela (que estava aberta por descuido da última serviçal que saiu) e entrou. O que depois aconteceu é já sabido.

— Por favor, leve-me imediatamente ao hotel. Quero arranjar-me antes que meus pais regressem. Não lhes direi nada. Não desejo que se assustem.

Os cabelos eram claros; os olhos, azul fulvo, pareciam tremer como pervincas. Recorri a uma gabardina de Verão na qual ela se embrulhou, cinturando-se muito. Entregá-la-ia no hotel a um empregado meu conhecido. Ao ajudá-la a vestir esta nova peça de vestuário detive-me a reparar nos riscos sangrentos das feridas, que agora se dilatavam sobre as curvas da pele branca.

Interceptando o meu olhar, teve uma frase inesperada:

— Gosto do meu corpo? — E sem dar tempo a que eu respondesse, afastou com as duas mãos o que, naquele lugar, ainda restava de blusa. Em seguida, pôs-me os braços em volta do pescoço e beijou-me com tanto exagero que me deixou branco.

Desprendeuse a correr, pronunciando quase sem fôlego:

— Muito obrigado por tudo!

Quando saímos, **Zartor** acompanhou-nos até à cancela, dirigindo para ela um olhar muito doce, talvez de arrependimento. A minha companheira correspondeu, baixando-se um pouco para ele e despedindo-se com uma reprimenda afectuosa:

— Besta adorável! — E considerando-o por momentos: — Os olhos são de ouro. Gostaria de levá-lo comigo...

Respirei de alívio quando voltei para casa. Nem queria pensar no que poderia ter sucedido naquela tarde! E acendi um cigarro.

Embora dominando alguns sentimentos e escrúpulos, a decisão foi tomada. Talvez um outro dono mais apto a praticar a reeducação dos seus impulsos de violência o pudesse corrigir e salvar. Seria então o ídolo perfeito sem os graves delitos a punir. Optei, pois, por um estratagemma que surtiria os efeitos em vista. Não queria diminuí-lo nem muito me penalizar.

Numa cidade da província vizinha realizava-se uma festividade de grande estrondo, a que acorriam todos os anos multidões de forasteiros. Um regabofe folclórico de quatro dias sem noite. Depois de uma comida lauta, para despedida, meti-o no automóvel com o jardineiro e largámos para a tal cidade. Uma vez chegados ao local propício, fiz que o jardineiro executasse as instruções recebidas. Este afastou-se com o bravo animal e internou-se onde a multidão era mais compacta. Quando já estava longe, desprendeuse-o da correia que o ligava à coleira e deixou que ele se perdesse, saltando alegre como um gamo entre a multidão.

Regressei desolado, tristíssimo. Como se viesse de praticar um acto nefando. Senti-me algumas vezes chicoteado por um desejo forte de voltar atrás para procurá-lo, para o reaver. Mas tudo ficou ali, naquele acto — talvez na minha impiedade.

Com o Inverno, a silenciosa extensão das noites fazia-me sentir a sua falta. Era seu costume, sempre que uma janela se iluminava, responder com latidos suaves, como se quisesse fazer compreender que a sua presença estava ali, fiel e vigilante. Só isso. E nunca destoava na voz, a fim de que o seu alerta não se me tornasse incómodo. Eu pressentia agora, com uma extrema evidência,

quanto a sua vida animal estava ligada à minha de homem. Punha-me por isso a somar, embora desamparado no peso de solidariedade e prevenções de que eu tinha beneficiado sem me aperceber do seu efeito.

Voltou o Verão e com ele o apelo da terra renovada, a vontade de circular através de paisagens novas e distantes. Sempre que me deslocava, era constante em mim a ideia de o reencontrar, sem saber ao certo dentro de que possibilidades ou por que meios. Muitas vezes me detivera em ruas, praças e até em caminhos solitários, seguindo o eco de um latido ou uma forma corporal semelhante à sua.

Muito longe, próximo da fronteira, por onde vadiava num fim de tarde calorosa, o carro ultrapassava os cento e vinte sobre uma recta em campo raso, despovoado, quando, ao entrar numa curva que coincidia com uma vivenda escondida entre ramarias e muros gradeados, fui surpreendido pelo vozeio de um cão que ladrava muito alto. Voltei atrás, saltei do carro e qual não foi o meu arrebatamento ao deparar com o Zartor gritando desesperadamente, depois uivando com meiguice, do outro lado do gradeamento que dava sobre a estrada. Parecia, por sua vez, ter enlouquecido de alegria. Procurava chegar aos meus ombros com as patas, acariciava-me as mãos e encheu-me a cara de traços salivares.

Antes de me afastar para arrumar convenientemente o automóvel, examinei por momentos a propriedade, que me intrigava pelo aspecto de solidão em que parecia envolver-se, a casa um pouco recuada ao fundo de uma alameda e sem que ninguém aparecesse a informar-se do que ocorria. Por detrás da vivenda, com certos traços senhoriais, apercebia-se um renque de eucaliptos e ciprestes que, na planura das messes que se estendiam até ao horizonte, acentuavam ainda mais o isolamento da moradia. E imediatamente pensei nos meios a engendrar para a libertação do querido prisioneiro.

Mas ao fazer o ponto sobre o lugar onde me encontrava, fiquei de súbito com o coração apertado. Tinha-me detido precisamente num troço de paisagem que me era particularmente grato pelas recordações que o ligavam a uma fase da minha vida, alguns anos atrás.

Colher o fruto das sementes que se espalharam no tempo é, às vezes, um acto de funda melancolia, e isto quando, não se referindo aquele encontro de alegrias vivas em pessoas ou coisas,

apenas nos resta colher nele a sombra dos gestos ou dos sentimentos passados. Assim, por instantes sozinho ante a solidão das searas que, em áscuas bronzeadas, uniam a lezíria onubense, salpicada de riachos ferruginosos, aos campos azeitonados do Gades, voltavam ao meu espírito as tiradas de Alberti e Juan Ramón, e as hastilhas metálicas, transfundidas em imagens siderais, de José Maria Morón, vate de Nerva, autor de **Minério de Estrelas**, antinómico do outro minério com que os braços do homem pretendem aqui enegrecer e destruir a epiderme florida da terra. Por aqui passávamos — grupos ladinos, presos à ambrósia do prazer — em tardes ou madrugadas de abalada para o mar ou regressando à paz gorda das residências campestres, a disfrutar o jogo dos rocinantes ante o negro e temível minotauro. E sonhei um pouco.

Quando voltei junto do prédio, fui surpreendido com a presença de alguém que, por detrás do portão entreaberto, me aguardava. Vestia uma calça branca, esticada até ao artelho, e os cabelos loiros caíam-lhe sobre um blusão de homem cor de salmão. E sorrindo:

— Há muitos meses que o esperava...

De súbito identifiquei a aparição. E estupefacto, procurando com dificuldade as palavras:

— Mas é espantoso!... Vive aqui?

Abriu de todo o portão e estendeu-me as mãos com uma expressão de afecto a que eu não sabia bem como corresponder. Sorrindo muito:

— Creio que sim... — E pediu-me para que entrasse.

Era a mesma **girl** Greta Garbo que, um ano antes, eu tinha encontrado caída no jardim da minha casa. Estava mais mulher, mais bonita, mais gaiata.

Dizia para mim próprio se estava sonhando. Mas talvez não. Olhava o lugar, olhava-a a ela e ao mesmo tempo tentava descobrir o paradeiro do algoz daquela engraçadíssima «vítima».

Apercebendo-se do que eu procurava:

— Para evitar embaraços afectuosos, já o isolei na parte traseira da casa, onde dispõe de um parque para correr. Descanse. Vê-lo-á na partida. De resto, fi-lo acompanhar da minha criada para o fazer calar. E a propósito: sabe que continua a ser feroz?

— Outro atentado contra si?

— Não. Contra todos menos comigo.

O tempo dizima as horas das grandes surpresas incomuns. Estas passam como relâmpagos. A tarde tinha avançado bastante e eu encontrava-me longe de regressar ao meu domicílio. Tínhamos bebido e falado, visto que ela quisera que eu entrasse, conhecesse a casa e a conhecesse a ela. Não sei se há vantagens nesta espécie de conhecimentos forçados ou inesperados. Não estará o senhor Diabo por detrás destes impulsos a fazer desviar para todos os seus terrenos os caminhos direitos das gentes? É esta convicção que me afasta das apresentações «sociais» imprevistas, pondo à conta do meu bem só aquilo que eu pessoalmente procuro. E creio não ter cometido erros de que me arrependa.

Disse-me ter nascido em Maiorca, próximo de Valdemosa, ainda povoada das sombras de George Sand e Ruben Darío. Sua mãe era natural daquela ilha e o pai, um divertido inglês com minas de cobre na mesma região da vivenda onde eu agora me encontrava e de quem ela, descrevendo-o, me contava os ditos humorísticos e a morte, em França, havia quatro anos, num acidente de automóvel. Educada em Londres, sentia uma fortíssima atracção pelos costumes do país onde viviam os seus familiares. (Sua mãe tinha voltado a casar com um homem do país.) Foi por esta razão que os azares da sua traquinice deambulatória a levaram à espectacular aventura com o **Zartor**.

— ...que me foi providencial! — esclareceu, na altura própria do nosso diálogo.

E Mónica (era como se chamava) historiou o porquê de tal afirmação. O padraсто sempre a tratara com uma afeição deslocada. Era de temperamento vivo, comunicativo até certos exageros, que a mãe, intervindo, cortava por imoderados. Posta de parte esta circunstância, a vida era-lhe fácil, divertida, com longas férias aqui e o resto do ano em Inglaterra, onde as relações com os familiares do ramo paterno lhe proporcionavam um clima de independência moral que lhe agradava. Entretanto veio intrometer-se o episódio da «besta adorável» dos olhos de oiro...

— Como veio parar aqui?

— Se está intrigado, também eu fiquei intrigada quando deparei com ele, sem saber como, num local tão despropositado.

Expus o esquema do meu procedimento e as razões por que assim procedi — de que ela fora a primeira razão!

Não hesitou também em esclarecer-me, estimulada pelo desvanecimento — desnecessariamente pueril — de ir referir-se a uma posse do que tinha sido meu.

A família tinha resolvido assistir aos festejos daquela mesma cidade para não perder as quatro grandes «corridas de Outono», que seriam as últimas do ano tauromáquico. Uma manhã, ao passear entre as **casetas** da Feira, espantou-se ao ver correr para ela o meu cão. Julgou sonhar, pensou rapidamente que eu estaria próximo, mas olhando em redor e não me vendo, assustou-se e quis fugir. Ao mesmo tempo, muito dócil, parecendo exprimir uma grande alegria, o animal acercou-se de Mónica e começou a saudá-la com uns uivos muito ternos e carinhosos. Imediatamente se entenderam e ela, cheia de entusiasmo, ali mesmo decidiu de o considerar sua propriedade. Não foi difícil convencer a mãe e o padrasto, ocultando-lhes os antecedentes e pondo em destaque o valor do exemplar, a esbelteza anatómica e os olhos de oiro.

Mónica, muito satisfeita:

— Não foi um roubo. Apropriei-me de alguma coisa que desejava devolver-lhe.

Eu, rejubilando:

— Vou poder levá-lo?!

— Não se trata disso.

— Não compreendo...!

— Sim, talvez compreenda. Quero devolver-lhe o preço da amizade com que me tratou em sua casa! Fiquei a pensar sempre nos seus gestos. Depois, o aparecimento ocasional do **Zartor** (nunca me esqueci do seu nome, que mantenho na coleira) trouxe-me a presença das coisas que o rodeavam a si, o seu jardim, o ambiente pessoal, o seu mundo — e vi-me de repente sem me poder desligar dessas realidades. Raciocinava: que uma perda de tamanho apreço não o poderia deixar indiferente e que, trazendo-o para minha casa, um dia, procurando-o, o Carlos (eu já lhe tinha dito o meu nome) aqui o viria encontrar, aqui me viria encontrar...

Fiquei por um tempo calado, a olhá-la até à raiz dos seus pensamentos. Ela pareceu não se perturbar com o meu exame e, enchendo de novo os copos, pronunciou:

— Sim, preciso de si. Ando cheia de pânico.

— Cheia de pânico? — Desatei numa gargalhada. Depois:
— Não percebo. E é por medo que precisa de mim?

Levantou-se com o copo na mão e, com uma expressão grave, baixou os olhos.

— Explicar-lhe-ei. Vamos para uma outra sala.

Quis fixar melhor o valor dos arranjos decorativos que me cercavam e demorei-me junto de um móvel, de um quadro, de um jarão. Um estilo sóbrio, muito inglês, com predomínio de madeiras escuras nos móveis e lambris. A casa parecia deserta. Não entrava nem saía ninguém, o que aumentava em mim a sensação de me encontrar numa situação um tanto equívoca. «Bizarria dos costumes britânicos», pensava comigo.

Ao fim de um amplo corredor decorado com episódios da batalha de Trafalgar, entrámos numa sala, também ampla, que ela disse ser o seu quarto de vestir. O pandemónio de uma vitrina de Paris num dia de **rabais**: diversas peças de roupa interior, saias e blusas diversas, um roupão vermelho, botas de montar, um casaco curto de pele de leopardo e outros infinitos acessórios femininos. A ladear uma biblioteca de autores moderníssimos, destacavam-se dois mármore escandalosamente realistas. Mas o que mais me surpreendeu foi o deparar sobre uma mesa do toucador, entre uma bateria de frascos de perfume, reflectindo-se num espelho enorme, com o quarto tomo da «Sexologia» de Havelock Ellis. Detive-me a folheá-lo.

Mónica, aproximando-se e pondo-me o copo próximo dos lábios:

— Beba comigo! Não estranhe o que está vendo: leio tudo para conhecer tudo.

— Com uma parte do seu sangue de um país do meio-dia e outra parte das etnias da Mancha, o seu temperamento deve ser...

— Já sei o que vai dizer: um **cocktail** de arrebatamentos impuros!

— Perdão. Tanto não pensava eu.

— Pois engana-se. Sinto-me toda do Sul e menos impura do que crê. De resto, odeio os ingleses.

Ao ouvir isto, quase ia deixando cair o copo e tive vontade de a apertar num grande abraço de satisfação.

— Bravo! — gritei.

— Compreendo-o...

Neste mesmo momento um latido insólito de **Zartor** chamou-nos a atenção. Eu conhecia aquele grito. Era a sua maneira de chamar. Mónica puxou-me pelo braço até à janela-sacada que, ao fundo do aposento, dava sobre o parque.

— É ele. Venha vê-lo.

Com efeito. Rodeado pelo arvoredor, cujas ramarias se avistavam da rua, exhibia-se uma clareira de relvados e ruelas ajardinadas por onde o animal saltava sob a vigilância de uma criada. Agora mesmo estava parado sob a nossa janela, olhando para cima, à espera que assomássemos.

— Passou a adorar-me — monologou Mónica. — Sem o saber, fez-me a melhor oferta que poderia fazer-me.

— Sabe que eu deveria estar furioso consigo? Tendo-o reconhecido, porque não mo levou a casa?

— Esperava a pergunta. Claro que era essa a obrigação mais lógica. Mas esquece que, para assim proceder, teria de explicar como tinha conhecido o dono? Já me fora difícil explicar a razão pela qual ele me seguia com tanto carinho. E para mim, eu também não sabia explicar como era possível que, passando meses sem voltar a encontrar-me, ele tão depressa me reconhecesse, se lembrasse de mim...

Esclareci-a sobre este ponto:

— Não lhe foi difícil. Esta espécie de animais é dotada de extrema sensibilidade aos cheiros. As suas finas faculdades olfactivas guardam-lhe na memória, em classificações odoríferas, o que nós aprendemos em imagens com os olhos. E vou dar-lhe uma novidade: dispa-se junto de um cão e ele não esquecerá jamais o olor peculiar à sua pele, e é por este elemento que a sua presença será sempre identificada. O faro é o seu poderoso instrumento sinalético. Compreende agora, por conseguinte, a facilidade com que o **Zartor** a distinguiu dos outros forasteiros. Tendo-a ferido, recebeu por contacto directo o sinal olfactivo da sua pessoa.

— Tudo isso é maravilhoso. E porque não continuou ele a ser feroz comigo?

— O coração dos cães é o que está mais próximo do coração dos homens. Participa das suas penas, dos seus anseios e das suas

traculências como nenhum outro animal. O seu caso, recebendo agora carinho e fidelidade de quem lhe fez mal, é o espelho de um coração contrito perante a lembrança de uma violência inexplicável.

Mónica, cerrando-me contra o peitoral da janela:

— Estou sensibilizada. Poucas vezes se encontram dois seres tão suaves. Tenho sido tão mal amada!... — Voltou para dentro e indicou-me para me sentar no sofá onde ela parecia ter-se deixado cair, num cansaço.

— Afinal, ainda não me perguntou nada pelo resultado dos meus ferimentos.

— É verdade. Cicatrizaram depressa?

— Veja... — Mónica abriu de todo o blusão e, num jeito dos braços, deixou-o cair para as costas. Inesperadamente, como nos acidentes de um sonho, surgiu puro, acabado, um colo ebúrneo a espirrar volúpia.

— Agora já sabe as razões do meu pânico.

— Sei.

Mónica encontrava-se a braços com a luta dramática de certos lares onde falta a coragem de delatar a ignomínia dos padrastos incestuosos. Pouco depois da morte da mãe, ocorrido, num transe insólito, logo após o encontro de Mónica com **Zartor**, o viúvo, liberto de cominações maritais, tinha redobrado o assédio insidioso em volta daqueles vinte anos juvenis que a sua gula ambicionava devastar por um vendaval de delitos inconfessados. Ela, sem a muralha maternal da defesa, esgrimia quanto podia sem querer dar a entender que se apercebia do jogo. Este começou a tornar-se mais ostensivo, a perder a medida e o pejo, até que o homem, uma noite, decidiu-se a entrar sub-repticiamente no quarto da enteada, aleivado de infames intenções. Mónica partiu-lhe na cabeça um frasco de água de colónia e passou a fazer-se vigiar à porta, durante o sono, pelo seu fiel amigo dos olhos de oiro.

Mónica, reatando:

— Também sabe já que me foi providencial o encontro do **Zartor**. É o meu guardião furioso.

Estávamos agora à saída do portão. Ia retomar o meu carro. Era tarde para chegar a casa. Jantaria num dos **auberges** do caminho. Mónica estendeu-me as duas mãos, num adeus que a fazia estremecer:

— Seremos amigos?

— Creio que sim.

— Então ver-nos-emos em sua casa, no dia dos meus anos, dos meus vinte e um anos!

Jurámos que sim.

Diante da imensa planura dos trigos próximos a dar pão, houve um augúrio vital: dois beijos estalaram, delirantes, promissores!

Algumas semanas decorreram. Talvez não me decidisse ao constrangimento de resumir aqui o contexto destes episódios pessoais, fingindo que é ficção, se os jornais desta manhã não me abalassem de mágoa com a seguinte notícia em normando, que li com os olhos húmidos de lágrimas e de ternura:

A vivenda Great Garden, na estrada do Sul, foi ontem à noite teatro de um drama ainda não de todo esclarecido. O dono do solar foi encontrado com uma pistola na mão, a poucos passos do corpo da enteada Mónica, que, num lago de sangue e em roupas de dormir, estava caída junta da porta dos seus aposentos. Ao lado desta jazia um belíssimo cão, também varado por uma bala. Um pormenor a fixar: os dois tinham os olhos abertos e as pupilas cor de um oiro fulgente.

[Do livro inédito «Os Que Sentem e os Que Pensam», 1972?]

bibRIA

ERA UMA VEZ... SABE-SE LÁ QUEM?

I

QUEM dizia que ele era um gravato, um espúrio, um **nada**? Pois toda a gentuça que o rodeava, desde os próprios companheiros, com bochechas alvares de ardinhas suspiciosos, até aos capatazes adultos, deletérios na mordedura do escorpião da impiedade.

Metido no seu calção às riscas, apertado, sobre o qual descia o bibe azul dos internados, o instinto que prende as crianças a todos os impulsos iniciais de uma fisiologia que começa a pedir ao cérebro a explicação dos seus complementos abstractos, conduzia-o já para certas zonas do entendimento que, activando-se, o deixavam perplexo. Desamparado no desterro humano em que vivia, sem os tendões fortes que ligam moralmente as vidas que começam aos núcleos protectores de que precedem, o mundo que principiava a abrir-lhe as portas das suas perspectivas continha cantos obscuros, interrogações complicadas que, se o afligiam, lhe aumentavam em força e poder a desforra do seu constrangimento.

Agora, todos os seus nervos ainda débeis flamejaram. Animado por um furacão insólito que lhe vinha de dentro, nascido numa fonte profunda, o seu pequeno corpo subitamente se retesou, anunciando que ele ia, finalmente, ripostar. Mas ripostar? E que sucederia perante a desenfreada turba-multa de ganapões que o esperavam?

Com mil raios, o menino foi um outro menino!

II

Ela tinha nascido dentro daquela série biológica em que os tipos zodiacais não saem da categoria comum: nem bons, nem maus. Um tipo sem hierarquia, embora moldado nas ascendências sociais de um pai diplomata e uma mãe escrava. Esta circunstância dera origem a que ela crescesse e se educasse ao acaso de povos e civilizações diferentes, vítima involuntária dessa fascinante profissão de mundanismo e frivolidade com que o Governo dos estados lisonjeia os seus chefes de missão, deteriorando-lhe o futuro dos lares. No entanto, se tal acaso não lhe assegurou um sentido de unidade, serviu-lhe, sim, para retirar de cada povo que frequentou aquelas peculiaridades essenciais que iriam produzir nela um sedimento de culturas rico de experiências e reacções morais. Assemelhando-se de certo modo ao caminhante pobre jornadaando até ao esfalfamento por montes e vales, o caminhante rico que é o diplomata, jornadaando de avião e transatlânticos de luxo, estagiando nos grandes hotéis e custosos palácios das ex-monarquias, estabelece, sem querer, com o primeiro, as mesmas coordenadas de um labor errante e de vacuidade sem remissão. No brilhante espectáculo do caminho de um entra o mesmo acerbo angustioso e a fraude deprimente dos sonhos do outro. E nenhum chega mais depressa nem enriquecido de maiores bens ao topo do caminho. Ela ia, por conseguinte, fazendo-se mulher ao sabor dos altos e baixos da vida espectacular dos seus pais.

Sem grandes finuras de inteligência mas também sem a boçalidade das burguesas enriquecidas, à falta de uma determinante intelectual que prevalecesse sobre as suas indecisões, a resultante do repetido contacto com gentes de diverso tipo de cultura e de aspirações sociais deu ao seu próprio espírito uma característica dominante: a da curiosidade, de avidez, do recurso à experiência como formação do conhecimento. E aqui a temos metendo o nariz em tudo, escutando às portas, metendo o olho através do orifício das fechaduras, encavalitando-se para surpreender segredos, perdendo-se nos museus para decifrar o enigma de certas anatomias, regalando-se nas piscinas, indo sozinha para as salas dos cinemas no fito de se instruir rapidamente acerca da vida dos adultos. Um dia, estando com os pais em Nápoles, quis ir ao museu da cidade

para ver a sala dos bronzes gregos, de que tanto tinha ouvido falar. E durante uma semana inteira, correu todos os dias ao museu, unindo-se, medrosa, aos turistas que, desprevenidos, se encontravam de chofre ante o bronze indiscreto cujo detalhe anatómico se ostenta reveladoramente puído pela homenagem labial das devotas pagãs. A seguir, numa excursão a Capri, enquanto os pais subiam à residência deixada por Axel Munthe, na mais bela cenografia do mundo, ela desceu a correr (de novo até à baía) e foi meter-se na Grotta Azzurra, onde, muito no fundo, num recanto discreto, alguns corpos harmoniosos se atiram, nus, à água gelada.

Mas este período de adolescência, cheio de satisfações e de reticências, chegou abruptamente ao seu fim. Abruptamente porque não fora como ela tinha ambicionado que fosse, como seria mais ou menos natural que fosse. Foi o senhor Diabo que se interpôs e desmanchou com os seus impiedosos caprichos os vagos projectos em que ela envolvia o acontecimento da sua erupção na vida de mulher. Habitavam agora em Madrid. Uma vivenda confortável, isolada num jardim oloroso, no bairro de Chamartin de la Rosa. Na casa respirava-se uma atmosfera excitante: para eles, tudo ali rescendia a cravo espanhol. Uma embriaguez e uma desgraça! (A Espanha é culpada do crime muito doce das seduções inenarráveis.)

Uma criada rubicunda, com os olhos cor de azeitona e a pele a estalar no Estio, dirigia a vida doméstica deste lar estrangeiro. Era viva, desembaraçada, cumpridora, o que tornava excepcionalmente rentável a validade dos seus serviços. Talvez por isso os novos inquilinos da vivenda de Chamartin de la Rosa não se demoravam a reconhecer na jovem e apocalíptica servidora um tipo feminino em que entravam os máximos ingredientes da cozinha apimentada de Castela. No enredo capitoso destes sabores, a indefesa adolescente, de sentidos em alerta e estimulados, sentia-se soçobrar. Por sua vez, os tentáculos cupidínicos da criada distendiam as suas trompas vesiculares, captando a sua vítima para projectos inominados.

E o nefando chegou. A roliça servidora costumava gastar os excessos da sua energia vital com um aciganado homem da rua que com ela vivia em regime de concubinato nocturno, sempre que os donos de casa se ausentavam. Este, mostrando já indícios de cansaço, provocava nela exasperos lascivos que a destroçavam. Por isso, na

sua fraca imaginação, congeminava motivos que prendessem o amante às suas últimas possibilidades amorosas. A conselho de amigas, percorria as alfurjas dos alfarrabistas baratos do erótico, procurando sugestões e receitas, recorria à farmacopeia mágica dos feitiços e às lavagens de alumen. Mas tudo lhe pareceu debalde, todas as iniciativas a que tinha deitado mão haviam resultado num fracasso, quando subitamente uma ideia tenebrosa lhe borbulhou no cérebro pegajoso: viva, fulminante! Como um relâmpago.

Na palpação azulínea das noites de Madrid, a atracção da rua é evidente. Da Gran Via à Castellana, passando pelo Retiro, as fragâncias do ar, o palrar idiomático e as fosforescências dos letreiros luminosos são um apelo e um prazer. De mais a mais, estava-se na estação estival e havia corrido de cartel na arena do Monumental. O casal para ali se dirigiu.

Alterando as normas em que as obrigações do seu serviço se confinavam, naquela noite a criada apresentou ao namorado a «menina da casa». O seu criminoso propósito começava a executar-se. Tinham sede. Quiseram uma **orchata** ou qualquer golada de Jerez fresco. A apresentada lembrou a **vodka** gelada, de grande consumo na família. E todos beberam **vodka**. Depois, no salão, retirados os tapetes, o intruso cantou uns «aires flamencos» seguidos de uma dança correlativa. E todos dançaram, beberam e alucinaram-se. O resto já foi fácil. Sob o apoio impudico e os olhares regalados da criada, no cubículo onde esta dormia, cometeu-se um vil estupro que a perturbada adolescente tolerou, nevrosada pelo transe, num misto de aceitação e de pavor.

Secretamente, o jogo do homem continuou. Acoçada pela ameaça da criada de tudo revelar aos pais, ela teve que suportar ainda por algumas vezes mais a brutalidade da aventura que, apesar de ser aceite com hostilidade, começava a ter para ela a atracção perturbadora de um terrível fio de volúpia vindo de uma obscura fonte fisiológica que o estranho acto do homem lhe tinha revelado. Mas a sensação era demasiado curta e a náusea ligada à pureza sobrepunha-se ao prazer.

Foi num período próximo a estes sucessos que os azares da minha vida errante me puseram em contacto com ela. Era alta e direita como um fuste grego, de ancas e peito estreitos, a pele branca,

os cabelos muito escuros e os olhos dolentes, de um cinzento melancólico. Sob as pálpebras inferiores, um pequeno círculo bistrado de escuro como se quisesse estampar-lhe no rosto os indícios da sua secreta mágoa de viver. Ou outros indícios.

III

Casou com um americano, desses que procuram descobrir o amor nos braços de uma europeia. Adido militar do seu país junto dos estados estrangeiros, o seu género de vida, nas transferências periódicas a que obedecia, coincidia, num acaso a assinalar, com a mobilidade de domicílios em que ela gastara a sua infância e juventude. Os dois começaram, pois, uma carreira pelo mundo em que cada um transportava consigo sentimentos de sinal diferente: ele com o ardor novo de descobrir cidades e paisagens; ela, rebatida de tédio de rever lugares e gentes a que a ligava mais o seu cansaço que a sua curiosidade. Porque colocar-se no espectáculo do mundo a rever o que já foi visto, pode não ser uma novidade ou um prazer, chegando por vezes a produzir um estado de alma em que se infunde tristeza ou uma decepção inenarrável. Os aspectos da terra variam segundo os nossos olhos e, sobretudo, segundo o estado do nosso coração. E nela o coração recusava-se às pulsações excitantes. Batia sereno, medido, alimentado secretamente pelas recordações do cérebro, que constantemente lhe falavam do seu hediondo mal interior.

Ela não era feliz. Cheia de recordações que eram, nela, piores que uma chaga física, uma chaga moral, casou-se precipitadamente com o primeiro homem em que seus pais se compraziam, mas muito mais para fugir ao que ela, consigo própria, chamava «o vespeiro de Espanha», do que por um impulso exuberante do seu coração de rapariga. Ora, a sensibilidade da mulher é uma substância frágil em que mordem fundo, à maneira de roedores esfaimados, as faltas graves da carne. No seu caso, a túrbida violência de que fora vítima tornou-se um mal secreto que a moia por dentro, gritando o seu horror ao homem e considerando-se mais como objecto de repulsa que de paixão. O próprio marido não escapava ao flagelamento de um tal conceito e, sem atinar com a causa dos seus repúdios, estava

sempre pronto a estender-lhe os braços, no afã incansável de a reconquistar.

— Não és feliz comigo?

— Decerto. Mas porque não será feliz o homem consigo próprio?

— O que dizes parece ser uma fuga ao nosso amor!

— Só isso é pouco.

— Mas há mais! É uma fuga ao acto para o qual nos casámos...

— Nesse caso, dá-me um argumento.

— Qual?

— O da esterilidade desse acto, entre nós...

— E será minha a culpa?

— Eu ponho toda a minha vontade nesse acto!

Deste diálogo inquietante passavam muitas vezes a uma discussão frenética, vigorosa, que somente se acalmava no entusiasmo neutro das recepções e jantares diplomáticos a que, obrigatoriamente, eram convidados. E alguns anos decorreram.

Madura de corpo e de espírito, os sentimentos desordenados da juventude foram tomando coesão. E o que era até ali, perante a simples vista de homem, uma obsessão destruidora, converteu-se num objectivo lúcido que totalmente a empolgava: ter um filho! Ele, o varão, o inimigo, o aniquilador insensível da sua castidade, tinha que pagar-lhe o débito em aberto e a forma que ela encontrava mais coerente e menos comprometida era a de dar-lhe um filho. Nessa carne da sua carne ela mataria a sua sede de amar, faria calar a sofreguidão dos arrebatamentos apaixonados que a devoravam e que nunca tinham encontrado ocasião para se saciar.

Fora muitas vezes surpreendida pelo marido a observar-se, nua, diante do grande espelho do quarto-de-vestir, examinando as ancas, palpando o ventre, a arder na ansiedade de prognosticar a possibilidade de uma maternidade que tanto, tanto desejava! Não procurava os médicos porque não admitia que as mãos do homem tocassem a intimidade do seu corpo, mas teimava sempre em concluir, num raio de esperança que a deslumbrava:

— Mas eu posso ser mãe. A culpa não é minha, a culpa não é minha!

Constantemente trabalhada por esta ideia fixa, um propósito obscuro, excitante, se lhe instalou no cérebro. Em sociedade, o seu

comportamento era normal, diga-se até sedutor. Jovem, bonita, atraente no falar, facilmente captava amizade, simpatia, que ela, sem explicação para os que a frequentavam, se apressava em diminuir. Em casa, a sua atitude era outra. Pouco comunicativa, fechava-se em si própria, passando a empregar todo o seu tempo encerrada no escritório do marido, desde que este estivesse ausente. Foi ali que começou a forragear toda a espécie de conhecimentos que se lhe afiguravam mais úteis ao seu caso privado. Lia tudo, desde a sexologia aos estudos anatómicos e tratados de ginecologia, que ela carregava para casa depois de buscas exaustivas por tugúrios de alfarrabistas e livreiros da especialidade, fazendo-se passar por estudante de Medicina. Deste enxarcamento de leituras sem uma estrutura básica nem preparação pedagógica resultou um agregado caótico de ideias díspares, perdendo em arrumo científico ou meramente relacional o que ganharam numa assimilação patológica mal digerida. Nesta desordem, a amálgama de conhecimentos sem realidade — poderá dizer-se — em que ela mergulhou, pretendendo esclarecer-se sobre o oculto propósito, se não foi um fiasco, foi um impulso.

Logo justificada ou não, a ideia tinha tomado um arranque definitivo: «Um filho! Ela poderia ter um filho!» — Ah, mas que fosse só dela, que nenhum homem se apoderasse dele, do seu nome, da sua vida, que seria, em exclusivo, a projecção da vida dela.

— Mas como? — interrogou-se a si própria, algumas vezes.

A Lua tinha nascido projectando no ar, ainda saturado pela fomalha de um dia quente, silhuetas fantasmagóricas de clarões e sombras.

Tendo deixado o carro a uma pequena distância, junto da árvore do parque em que se encontrava, fumando nervosamente, a ocultas, um cigarro, ela esperava. Um homem passou.

— Não me pergunte nada...

E tomou-o nos braços, esmagando-o contra o peito.

O ousado e lamentável processo a que decidira recorrer resultara a seu favor. Na época própria, com o pretexto de passar umas férias de descanso, partiu sozinha para Lisboa, onde con-

servava algumas amizades desde o tempo, ainda recente, em que o seu marido aqui passara alguns anos em missão oficial do seu país.

Tomou, na emergência, algumas medidas de segurança. Para despiste da sua presença aqui, evitou todo o contacto com pessoas das suas antigas relações. Refugiou-se no Algarve, no Minho e demorou-se nas neves da Serra da Estrela. Quando voltou a Lisboa, procurou uma clínica num bairro pobre, que começou a frequentar procurando estabelecer relações amigáveis com a enfermeira principal, o que não foi difícil. Deste modo, no momento do seu internamento, as coisas encontravam-se praticamente facilitadas. Completou as precauções queimando o passaporte e outros documentos de identidade e deu na clínica um nome que não o seu.

Mas é sempre o destino que é mestre do destino. Jovem, vigorosa no querer e no pensar, escapou-se-lhe um pormenor que, inesperadamente, iria derrubar o castelo altaneiro dos seus sonhos. (Ou não lhe escapou, mas dominou-o com a confiança cega na força vital dos seus anos.) Teria, com efeito, pensado nisso? A interrogação estava ali, implícita na dúvida e na esperança: E se, para dar à vida aquela vida que fremia já no seu ventre, a sua se perdesse em holocausto à outra que tanto esperava?

Nos seus projectos, assentes desde a origem numa realidade tenebrosa contra o humano, as linhas inverteram-se e o imprevisto surgiu como um ladrão na madrugada, como um pecado na hora do prodígio... e tudo destruiu, tudo o que era a forma externa de um grande sonho. Mas o que era essência e fruto desse sonho, sobreviveu — fez-se homem!

Em suma: encerrando as contas no livro de uma vida curta, um «haver» prometedor, embora sem nome na coluna respectiva, transportava-se para a folha seguinte; um menino, como qualquer outro menino, tomava o seu lugar entre a sociedade dos homens.

IV

Naquela manhã, sem saber bem porquê, atravessei o pequeno jardim onde, uma vez por semana, um grupo de crianças internadas num hospício vizinho vinha dar largas à sua traquinice, gozando

de uma restrita liberdade sob o olhar fiscalizador mas distraído de um velho empregado, negligente nas passadas e na limpeza do arremedo de fardamento que envergava, luzindo de remendos sebotados. Mas, quase à saída, matutei qualquer coisa e voltei para trás, desejoso de me regalar entre aquele viveiro de pequenas flores humanas. Sempre adorei crianças, separando-as das contingências que lhes sobrevirão com as consequências etiológicas dos anos.

Sentei-me num banco disponível, acendi um cigarro e fui imediatamente atraído por um grupo mais denso, entregue a um cândido simulacro de luta greco-romana. Já a abrir caminho para o instinto dos maiores. E logo, a propósito, algumas conexões ocorreram. Foi esta a primeira pergunta:

— Por que forças biológicas ou ancestrais estavam a ser dirigidos os impulsos lúdicos daquelas crianças?

E surgiu, em corolário, a segunda interrogação:

— E em que direcção ou com que finalidade se projectava no exterior a complexidade e novidade daqueles movimentos decididos, originados no dinamismo irresponsável de um turbilhão fisiológico oculto onde nada se previa ainda antes da sua imediata irrupção?

A reflexão era baseada num exemplo no qual era ainda evidente a imobilidade do espírito com relação à determinante dos gostos e da expressão vocálica. Aquelas crianças não poderiam colocar-se dentro de um período que, em idade, excedesse os quatro e seis anos. Os elementos nativos estavam, pois, nelas disseminados e infusos, sem as distorções impostas pelo crescimento e as dosagens do saber. Tornavam-se assim, aos meus olhos, um exemplo vivo dos primórdios da pureza a preparar nos seus limites a futura aventura do adulto.

Cogitando, pensando, comecei a compreender que a minha observação não era vã. A que origens profundas da sua natureza aqueles seres iam buscar os seus propósitos, as suas intenções, desenvolvendo-os num plano já previamente programado como nas decisões mais conscientes dos homens? Corresponderiam eles, legitimamente, aos princípios da doutrina chamada **evolucionista**, não sendo nada mais, por conseguinte, que o desenvolvimento vegetativo de simples forças biofísicas entregues aos seus estágios de enriquecimento e expansão? Se esta era a verdade que tinha que

aceitar-se como estando na base das fontes da vida, estas fontes estavam muito próximas e o homem poderia alterá-las e conduzi-las a seu belo prazer para os fins que mais lhe interessassem. E teríamos criaturas como temos cenouras ou frondosos baobás! Pensei no néscio orgulho dos homens e não pude deixar de sorrir...

Enquanto sorria, pus-me a desenhar no chão um cão famélico ladrando à Lua que corajosos cientistas lhe roubavam... — Uma fraude e um prodígio. E fiquei hesitante, sem saber dar ao cão a intenção pela qual ele ladrava: se pelo primeiro asserto ou pelo segundo. Entretanto o meu sorriso desvanecia-se, contrariado por um grupo de internados que irrompia de uma álea do jardim numa gritaria de pequenos suínos, perseguindo um deles que, à frente, se esforçava por escapar-lhes. Quando me viu, parou a uma pequena distância, decerto confiante na protecção que eu poderia dar-lhe. De repente todos o rodearam. Percebi que, naquele momento, ele era a vítima do grupo. Uns do mesmo tamanho, outros maiores do que ele, mais possantes, todos o apupavam, beliscavam, massacrando-o com palavrinhas sujas, vindas do calão infantil que se empregaria no hospício. O perseguido respondia mas sem usar palavras viscosas, parecendo orientar a sua conduta mais pela natureza do carácter do que por amedrontamento. Tal passividade exasperava o ímpeto do bando. Cercaram-no como felinos. Alguns mais atrevidos começaram a esbofetear-lo. Vi-o vermelho, as faces pálidas afoguearem-se, num galope do seu sangue infantil.

Levantei-me para intervir. O grupo afastou-se. Caminhando devagar, com os olhos no chão, envergonhado mas digno, o pequeno rapaz veio sentar-se num banco próximo do meu. Ali se deixou ficar muito calado, recolhido, indiferente à ameaça dos outros.

De novo sentado, a seguir com interesse o desenrolar da escaramuça, comecei a observá-lo, a olhá-lo com curiosidade, com amor. Pequeno homem muito metido em si, em que pensaria ele, com que sonharia ele? O seu futuro estava a nascer naquele momento, a tomar forma, directrizes, num reboliço de forças em embrião que lhe escaldava o cérebro. Ai dele se, por qualquer desvio, não soubesse entender as vozes que lhe vinham de longe e seladas até então nas camadas misteriosas da sua carne onde o destino se inscrevia! Notei que estremecia, e que mudava de cor: do afogado para o branco glácido. Em que mundo cristalino ou obscuro se

mergulhavam as raízes do seu pensamento incipiente? Meditando nisto, acompanhei-o então numa longa viagem através do infinito do tempo até às fonte do ser, e onde os princípios da origem determinam o risco geométrico e irreversível do que vai existir.

Alguma coisa estava a modificar-se nele. Decerto. A pouco e pouco pareceu-lhe sentir que tudo o que nele era obscuridade e indecisão se animava, falava. Muito dentro dele, não por nenhum impulso mecânico e racional, mas por uma ruptura inesperada daquilo que jazia no depósito misterioso da sua alma, uma forte explosão o abalava, criando nele as reacções imediatas com que havia de restabelecer o prestígio da sua ainda mal definida honradez humana.

Os companheiros, encorajados pela sua inércia, tinham-se aproximado de novo, a desafiá-lo com impropérios vexatórios:

— Diz quem é o teu pai...

— Diz!

— E como se chama a tua mãe...

Foi então que os seus nervos se relesaram. Muitas vezes as chufas dos outros rapazes o tinham reconduzido a esse escuro caminho onde o seu coração abafava, sem resposta. Sabia bem que não era como os outros, que tinham pais, irmãos, família, que vinham vê-los, falar com eles e dar-lhes o calor dos abraços e dos beijos — dádivas que ele ignorava, que nunca tinha recebido. O amor não se aprende, nasce. E nasce com o fim de se dar em troca do que se recebe. Ele não tinha a quem dar amor e também de ninguém o tinha recebido. Choraria, pois, se fosse a tristeza que o fizesse chorar. Porém, era ainda muito cedo para que nele tomasse consciência o sentimento de «estar triste».

Um trovão estalou-lhe nas entranhas. Fechou os olhos, quis ver para dentro, quis sobretudo ouvir o que estava a acontecer. E, com efeito, qualquer coisa tinha acontecido. Todas as forças secretas que se reuniam nele para fazerem dele o homem em futuras virtudes, em carácter, em heroísmo, irromperam precipitadamente, modificando-lhe o ânimo, acelerando-lhe a vontade.

Abriu os olhos. Qual seria, pois, esse ímpeto que brotava de fontes ainda indefinidas do seu ser e lhe dava um rumo certo para além da sua natureza física, orientando já o seu pensamento num fogacho instantâneo de maturidade? Deslumbrei-me ao captar ali o

fenómeno divino da criação erguendo no mistério daquela pequena alma o imperativo irredutível da justiça, da coesão e da verdade das verdades. «Anda, defende-te» — clamava dentro dele uma voz irreconhecível; — chegou o momento de te reconheceres a ti próprio!»

Então levantou-se, soberbo. Cerrou os punhos e investiu, resoluto, contra os seus insultadores. Derrubou uns, inutilizou outros, feriu, flagelou, pisou — tudo num ápice vertiginoso, demolidor, incompreensível. Embasbacada de surpresa, a chusma recuou, sem poder acreditar no que estava a passar-se. Deteve-se depois a admirá-lo, estonteada, a tremer de medo, de respeito.

O menino parara, cansado e triunfante. Sozinho sobre a placa do jardim, ficou, por segundos, a olhar com estranheza o seu êxito, sem poder explicá-lo. Sentia-se grande, descomunal! Como tinha acontecido aquilo?

Tinha-me esquecido de mim a contemplá-lo, ao mesmo tempo que via, maravilhado, passar-me diante dos olhos a figura débil de David perante a queda do gigante Golias — David que, para o rei Saúl, que mal considerara o seu valor, também era um «menino»... Levantei-me. Não resisti ao prazer de apertá-lo nos braços. Respondeu-me com timidez, quase envergonhado, numa precisão de palavras que me surpreendeu. Pensei esclarecer-me acerca das razões por que se encontrava no internato, donde era natural e como se chamava, quando a minha atenção se prendeu a um pormenor que poderia não ter importância alguma: sobre o peito nu, entre as bandas da camisa desabotoada, pendia uma medalha de ouro recortada na forma da cruz ortodoxa dos russos, na qual estava gravada uma frase latina minha conhecida. Voltei-a entre os dedos durante uns momentos, como se praticasse uma simples curiosidade.

A custo abafei uma exclamação de espanto. Aquela frase era a mesma que, muitas vezes, eu vira inscrita numa chapa do bracelete usado pela estrangeira falecida numa clínica de um bairro pobre de Lisboa. Esta criança era, pois, aquele menino que, para nascer, lhe tinha roubado a vida. Era seu filho!

Retive todos os gestos. Agora era eu que estava sufocado. Olhando-me muito, interrogou-me, usando uma forte entonação de adulto:

— O que é que tem?...

Passaram já alguns anos. Quase duas dezenas. O menino que conheci um dia brincando num jardim de Lisboa tornou-se um homem, rijo, de carácter forte, indomável. Num pulo do destino, em contínua escaramuça contra todas as mentiras, criou um nome — o seu nome sem antepassados! — sozinho, pelos meios próprios, sem família nem bens pessoais, mas tornando-se por isso mesmo mais elevado, embora mais duro.

Fui ontem vê-lo ao quartel onde a lista dos seus feitos nas frentes militares de combate abrasa de altivez humana o rectângulo negro afixado no átrio.

Falámos muito. Terminando o corolário dos nossos cepticismos, interroguei:

— E agora, que pensas fazer?

— Mudar de arma. Quero voar!

— Voar? Isso para quê?

Ele, numa firmeza de espanto:

— ...Para me encontrar muito alto, longe das imundícies deste mundo!

E, tornando-se rapidamente conhecido, começou a cruzar os ares com a perfeição e a valentia de um dominador de nuvens!

Era, pois, uma vez um menino...

[Do livro inédito «Os Que Sentem e os Que Pensam», 1972?]

Passaria lá alguns anos. Quase duas décadas. O meio de
conectar um dia, quando um dia de lá, um dia de lá, um
ponto, um dia de lá, um dia de lá, um dia de lá, um dia de lá,
em alguns dias, um dia de lá, um dia de lá, um dia de lá, um dia de lá,
— o seu nome sem esquecer! — sozinho, pelos meus olhos,
em família, mas não posso, mas não posso, mas não posso, mas não posso,
mas não posso, mas não posso, mas não posso, mas não posso,
Foi então, se lá, se lá, se lá, se lá, se lá, se lá, se lá, se lá, se lá,
férias, férias, férias, férias, férias, férias, férias, férias, férias, férias,
certo, certo, certo, certo, certo, certo, certo, certo, certo, certo,
— o seu nome sem esquecer! — sozinho, pelos meus olhos,
em família, mas não posso, mas não posso, mas não posso, mas não posso,
mas não posso, mas não posso, mas não posso, mas não posso,
Foi então, se lá, se lá, se lá, se lá, se lá, se lá, se lá, se lá, se lá,
férias, férias, férias, férias, férias, férias, férias, férias, férias, férias,
certo, certo, certo, certo, certo, certo, certo, certo, certo, certo,
— o seu nome sem esquecer! — sozinho, pelos meus olhos,
em família, mas não posso, mas não posso, mas não posso, mas não posso,
mas não posso, mas não posso, mas não posso, mas não posso,

bibRIA

— o seu nome sem esquecer! — sozinho, pelos meus olhos,
em família, mas não posso, mas não posso, mas não posso, mas não posso,
mas não posso, mas não posso, mas não posso, mas não posso,
Foi então, se lá, se lá, se lá, se lá, se lá, se lá, se lá, se lá, se lá,
férias, férias, férias, férias, férias, férias, férias, férias, férias, férias,
certo, certo, certo, certo, certo, certo, certo, certo, certo, certo,
— o seu nome sem esquecer! — sozinho, pelos meus olhos,
em família, mas não posso, mas não posso, mas não posso, mas não posso,
mas não posso, mas não posso, mas não posso, mas não posso,
Foi então, se lá, se lá, se lá, se lá, se lá, se lá, se lá, se lá, se lá,
férias, férias, férias, férias, férias, férias, férias, férias, férias, férias,
certo, certo, certo, certo, certo, certo, certo, certo, certo, certo,
— o seu nome sem esquecer! — sozinho, pelos meus olhos,
em família, mas não posso, mas não posso, mas não posso, mas não posso,
mas não posso, mas não posso, mas não posso, mas não posso,

A vida lá, lá, lá, lá, lá, lá, lá, lá, lá, lá, lá, lá, lá, lá, lá, lá, lá, lá, lá,
a vida lá, lá, lá, lá, lá, lá, lá, lá, lá, lá, lá, lá, lá, lá, lá, lá, lá, lá, lá,
usado pela natureza, lá, lá, lá, lá, lá, lá, lá, lá, lá, lá, lá, lá, lá, lá, lá,
Linha. Esta cidade era, pois, aquela mesma, lá, lá, lá, lá, lá, lá, lá, lá, lá,
uma vida lá, lá, lá, lá, lá, lá, lá, lá, lá, lá, lá, lá, lá, lá, lá, lá, lá, lá, lá,

Relive então, lá, lá, lá, lá, lá, lá, lá, lá, lá, lá, lá, lá, lá, lá, lá, lá, lá, lá, lá,
Onde lá, lá, lá, lá, lá, lá, lá, lá, lá, lá, lá, lá, lá, lá, lá, lá, lá, lá, lá,
suba:

— O que é que lá?

ELA E O HOMEM

TERCEIRO ACTO

(O pano sobe e, ainda na obscuridade, sobre um pequeno ecrã, à maneira de uma tira oblonga, projecta-se em grossos caracteres o texto que segue.)

Algumas semanas decorreram ainda na febre espantosa daquele grande amor. Depois, Nira, sem coragem para despedir-se, deixou uma carta a Sílvio e, numa madrugada, tomou o avião para Paris.

O flagelo da guerra sobreveio por fim, sepultando no caos as relações normais entre os povos. Por sua parte, Sílvio foi levado para novas missões em países isolados em remotas geografias do globo. O pano baixara sobre aquele acto estremecente da sua mocidade amorosa.

Passaram nove anos. No pensamento de Sílvio, a imagem de Nira assomava por vezes, levantando labaredas de paixão. Tudo fizera para reencontrá-la, para saber se vivia, e onde, e como. Até que um dia deparou num hebdomadário europeu com uma página consagrada à informação sensacional da inesperada entrada numa ordem religiosa do marquês de... Era o irmão de Nira.

A pista estava encontrada. Sílvio, emocionado, lançou-se na procura do recluso de que toda a Imprensa falava — figura célebre pelas lendas criadas na sua aventura guerreira e

política. E foi com uma secreta lisonja que tomou conhecimento de que também ele, o irmão de Nira, andava há muito tempo a procurá-lo, emprazando-o agora a visitá-lo. Sílvio respondeu com apressamento à chamada e iniciou uma longa viagem com destino ao mosteiro famoso que o novo monge escolhera para seu refúgio do mundo.

Claustro de um mosteiro de construção recente, planeado numa arquitectura moderníssima, ousada. Por tal razão este claustro é mais um logradouro exterior, quase aprazível, de luz clara e linhas extra-monacais, que o clássico quadrilátero conventual, abscondito entre buxos e arcadas românicas. Circundado por arcadas que realizam uma figura octogonal, poderá representar-se por uma sucessão de arcos inscritos entre colunatas afiladas, terminando em cones vivos. Jactos de água, maciços floridos, alguns bancos de pedra em forma de cubos triangulares.

Sobressaindo dos três arcos centrais do fundo, eleva-se, em forma cilíndrica, uma coluna altíssima representando uma chama subindo em espiral, no topo da qual se ergue uma espada de punho para baixo. No fuste desta coluna, em planos sucessivos, o lema da Ordem: UT / IN OMNIBUS / GLORIFICATUR / DEUS.

Coincidindo com o fundo da arcada da D., abre-se um corredor abobadado, de tecto alto, cujo termo não se descortina. Portas à D. e E. para o interior do mosteiro.

Quando a cena se ilumina, após o desaparecimento do ecrã, ecoam no recinto as notas suplicantes do Canto Gregoriano.

Durante momentos, com a cena vazia, ouve-se, em crescendo, um ressoar de pessoas sobre as lajes do corredor.)

CENA I

IRMÃO BENEDITO, SÍLVIO

IRMÃO BENEDITO — (Assomando à boca do corredor, acompanhado por Sílvio.) Frei Joseph advertiu-me da sua chegada. Parece tê-lo em muita estima, segundo depreendi das palavras com que se lhe referiu. É porventura pessoa ligada aos seus familiares...?

SÍLVIO — (Que parou a examinar com interesse a arrojada concepção do claustro, responde, distraído, dentro de certa ambiguidade.) Sim... não... Ah!, mas talvez pudesse...

IRMÃO BENEDITO — Não entendo bem. Não é e talvez pudesse... diz!

SÍLVIO — Perdão, estava empolgado por este aspecto novíssimo do claustro. Com frei Joseph... não, não tenho parentesco algum. Só amizade. Muita amizade! (Volta a reparar com curiosidade em tudo o que o cerca.)

IRMÃO BENEDITO — A missa está a terminar. Frei Joseph virá logo que acabem os ofícios. (O canto litúrgico vai-se extinguindo.) Poderemos agora conversar.

SÍLVIO — (A meio do recinto, depois de erguer a cabeça para o obelisco.) Que admiráveis realizações! E tudo para exprimir um louvor, uma ansiedade, um estado de alma que pretende abandonar o mundo à procura de outro mundo! (Pausa. Fala para si próprio.) E não basta a palavra, a prece, o canto, e até o furor das grandes batalhas...; surge a ascese dos meios de arte, os gritos da arquitectura e da escultura, a pintura, a música...; enfim, inteira e atenta, a própria natureza! (Volta-se subitamente para o irmão Benedito que, imóvel sob a arcada, se tem conservado a observá-lo.) Diga-me, irmão Benedito, tem o homem necessidade de ensinar Deus aos homens?

IRMÃO BENEDITO — Bom... (Aproxima-se de Sílvio.) O homem é uma obra de Deus e não o próprio Deus. Tem, por isso mesmo, necessidade de despertar no outro homem a presença do seu Criador.

SÍLVIO — E merece o seu Criador o olhar complacente e constante do ente criado?

IRMÃO BENEDITO — Sempre.

SÍLVIO — Sempre? (Pausa.) E então o sofrimento, a dor, a fome, a doença, as misérias físicas, as injustiças humanas e sociais, as carências do espírito, os horrores de certas vidas até à morte, não são, afinal, uma interrupção nesse merecimento? Responda-me com o seu coração de homem...

IRMÃO BENEDITO — (Sorrindo.) Por outros termos menos vivos, Sêneca fez a mesma pergunta a Deus. Mas pouco antes

da sua morte, ordenada por Nero, tomou conhecimento de que o pensamento de Deus estava entre os homens...

SÍLVIO — **(Interrompendo.)** Mas Sêneca era um pagão.

IRMÃO BENEDITO — Não se esqueça que o gentilismo da filosofia de Roma encontrou em Sêneca o agente da sua cristianização... Com mais clareza (e porque, decerto, não conhece o texto de Sêneca)...

SÍLVIO — Não conheço.

IRMÃO BENEDITO — Vou elucidá-lo. Deus não renuncia ao homem, visto tê-lo criado, mas também não renuncia à sua dor, e ao seu dramatismo vivencial, como parte da sua fraqueza humana, engendrando-se aqui uma prova de amor pela aceitação do mal sem renunciar a Deus.

SÍLVIO — E acha que Deus precisa dessa prova?

IRMÃO BENEDITO — Deus tem necessidade do amor do homem não para subsistir mas para lhe dar o apoio da Sua presença.

SÍLVIO — De que o homem solicita o testemunho por medo ao seu poderio?

IRMÃO BENEDITO — Pelo medo que tem da sua própria fraqueza... **(Pausa.)** E chegamos a uma conclusão, que serve de resposta à primeira pergunta: O medo do homem de ser abandonado por Deus leva-o ao imperativo de comunicar Deus aos outros!

SÍLVIO — **(Ergue os braços ao alto e move a cabeça em admiração.)** Ah!... Bem o vejo, bem o sinto! **(Pausa. Volta-se para o frade.)** Perdoe-me ter querido entrar na interioridade das coisas extra-terrenas. Mas neste recinto, onde tudo nos fala tão fortemente dessas «coisas», como não estar dentro delas e tentar mesmo compreendê-las com algumas interrogações?! Tudo aqui é tão suave... tão secreto e tão grande... que nos dá vontade de abraçar, de adorar!

IRMÃO BENEDITO — Sois um bom conversador! Que fazeis?

SÍLVIO — **(Depois de reflectir.)** Muito e pouco. Polindo as pedras em que, lá fora, tropeço, nos caminhos, fazendo por tirar delas alguns reflexos luminosos...

IRMÃO BENEDITO — Assim manda Deus.

SÍLVIO — ...Palavras que gosto de ouvir, irmão Benedito! (Curva-se numa vénia diante do monge.)

(Desde alguns momentos que frei Joseph, surgindo da porta da E., se encontrava parado, a observar Sílvio. É alto, magro, rosto pálido, de linhas finas, onde assoma a máscara do guerrilheiro inquieto das lutas civis e militares; envolto no burel negro dos beneditinos.)

IRMÃO BENEDITO — (Apercebendo-se da presença de frei Joseph.) Ali tem frei Joseph... (Retira-se pela porta da D.)

CENA II

SÍLVIO, FREI JOSEPH

FREI JOSEPH — (Caminhando para o visitante.) Sílvio?

SÍLVIO — (Impressionado, sem se mover.) Sim...

(Frei Joseph troca com Sílvio o ósculo dos irmãos religiosos. Depois aperta-o contra o peito e permanecem os dois assim, por momentos. Separam-se e ficam a olhar-se, transidos de emoção e também de curiosidade.)

FREI JOSEPH — Tanto nos conhecemos...

SÍLVIO — Como as duas margens de um rio que a mesma água separa e confunde...

FREI JOSEPH — Exacto. (Fitando Sílvio com persistência.) Os nossos retratos estavam certos...

SÍLVIO — Assim parece.

FREI JOSEPH — Fez uma longa viagem!

SÍLVIO — (Sorrindo.) Que a razão de a fazer tornou curtíssima...

FREI JOSEPH — E lá por fora, como vai o mundo?

SÍLVIO — Uma bola de gás prestes a explodir. Faltam homens e superabundam as ideias.

FREI JOSEPH — (Numa súbita contracção nervosa da fisionomia.) As ideias... sempre as ideias... Engendradas pelos homens que o não são contra aqueles que o são! À argila do verbo, já corrompida em lama torpe, tem que se opor a acção, só a acção — vigorosa, ininterrupta, apocalíptica.

SÍLVIO — Lá fora, em certas comunidades de lutadores, o seu nome civil, frei Joseph, passa ainda nos corações, a excitá-los como relâmpagos!

FREI JOSEPH — **(Baixa a voz, a olhar para o chão.)** Sim... Muitas vezes pergunto a mim mesmo porque estou aqui...! **(Recuperando o tom natural.)** Ah!... mas isso manifesta uma sede de luta, não é verdade?

SÍLVIO — Ou de contra-luta, se está de acordo.

FREI JOSEPH — Perfeito. **(Silêncio.)** Tantas batalhas perdidas!

SÍLVIO — E tantas por ganhar! O universo está cheio de sinais, de presságios, de gestos descompensadores. De que lado estará já o heroísmo de servi-lo? Ante a resposta, uma coisa é certa: o compromisso de todos de lutar por todos.

FREI JOSEPH — Certíssima. Chego a não apurar onde está hoje o heroísmo: se no aço do carácter que afia a espada para a luta, se na força da alma domada pela esperança do dia que há-de vir; da vinda do absoluto!

SÍLVIO — Os dois heroísmos são necessários, cada um dentro da sua conjuntura, não lhe parece, frei Joseph?

FREI JOSEPH — Sim, mas essa conjuntura deve, em certas circunstâncias, ser criada... ser possibilitada... Torna-se mesmo um compromisso na luta do homem. **(Exaltando-se.)** Na de todos os homens: na sua... na dos outros... e até aqui mesmo, na minha, dentro deste mosteiro! Sabe? Muitas noites, na escuridão da minha cela... Aqui, como lá fora, devemos estar prontos para a batalha.

SÍLVIO — **(Interrompendo.)** Já sei.

FREI JOSEPH — Sabe? Mas o quê?...

SÍLVIO — Conheço a história dos seus actos, frei Joseph; da sua bravura, da sua insubmissão. Li-a nos jornais, nos livros, e ouvi-a até da boca de alguns dos seus companheiros de armas.

FREI JOSEPH — **(Impaciente.)** Ah! Sim... E então?

SÍLVIO — Sei que muitos o esperam ainda...

FREI JOSEPH — **(Muito nervoso.)** Que me esperam?! Diga, diga...!

SÍLVIO — De maneira que à noite, no silêncio a sua cela...

FREI JOSEPH — **(Excitadíssimo.)** Sim, sim, e quê?

SÍLVIO — O que ouve, o que escuta, é a sua chamada, o seu apelo,
André de Montieux!...

FREI JOSEPH — Talvez... E depois?

SÍLVIO — É a chamada de todos aqueles que o seguiram...

FREI JOSEPH — (**Evocando-os.**) Meus valentes companheiros!

SÍLVIO — De todos os esbulhados dos seus direitos...

FREI JOSEPH — Vejo-os! Vejo-os!

SÍLVIO — Dos cercados da sua fé...

FREI JOSEPH — Ensanguentei-me por eles!

SÍLVIO — Dos demitidos da sua verdade...

FREI JOSEPH — Amei-os, defendi-os!

SÍLVIO — Dos encarcerados...

FREI JOSEPH — Sim... sim!...

SÍLVIO — Dos dizimados...

FREI JOSEPH — Ouço-lhes as últimas palavras!

SÍLVIO — Dos vendidos a outros povos!

FREI JOSEPH — (**Num desespero.**) Não diga mais! É isso... É
isso, Sílvio! (**Abraca-o fortemente.**)

[Trecho do livro inédito «Ela e o Homem», 1969.]

bibRIA

NO PRINCÍPIO ERA DEUS

(Iniciação à origem da Terra e do Homem)

E quando veio a madrugada,
Os anjos disseram ao Senhor
Que tudo o que fosse nada
Se tornasse em esplendor.

bibRIA

GÊNESIS

E foi assim que, de repente
à inédita explosão de um relâmpago potente
aparecera uma esfera imensa e compacta,
rolando em medida geométrica exacta,
no centro absoluto dos ignotos mundos siderais.

O espanto fora enorme!
Teorias de anjos e serafins
rodeavam-na, deslumbrados,
sem saber para que fins
o céu ditoso abrisse os braços inviolados,
porque, até ali, nos milhões de anos decorridos,
nada fizera estremecer
a massa inerte do Infinito!

O céu? Mas onde e quando?

Nada sabemos.

Os actos excelsos que fluíam,
Naquela corte fechada,
Não davam para que o tempo
Se incluísse noutra morada.

O ar ardia de azul. Olia a astros siderais.
Adivinhava-se a forma, a sombra e o vulto.
Ia assim surgir o raro e pávido momento
em que se envolviam, sem se dissolverem,
os longínquos e misteriosos
desígnios celestiais.

E Deus disse:

«Que a terra produza verdura, erva com
semente, árvores frutíferas que dêm fruto sobre a terra,
segundo as suas espécies e contendo semente.

E assim aconteceu. A terra produziu
verdura, erva com semente segundo a
sua espécie, e árvores de fruto, segundo
as suas espécies, com a respectiva
semente.

Deus viu que isto era bom. Assim,
surgiu a tarde e, em seguida
a manhã»:

Foi o terceiro dia.

Por estranho que isto parecesse, ainda não chovia.

As pétalas e raízes

recebiam pelas células felizes

uma densa e finíssima ambrosia,

que pairava,

e flutuava,

desde o rosicler da manhã aos clarões do luar.

O pensamento é sagazmente teimoso:
enrosca-se em si próprio abstracto

e, orgulhoso, em pele de tigre ou de gato,
eleva a dialéctica,
sem considerações de arte ou de estética,
às suas terríveis convicções.

Por isso eu rio do homúnculo grave
que em nada crê, que em tudo mexe e discrimina,
sem se aperceber
que a crítica faz perder
infinita beleza à sensação divina!

[Trecho inicial do manuscrito inédito «No Princípio Era Deus», 1973.]

bibRIA

Dono janota de Tereza
tem títulos e abstracções
cada um uma verdade
sem nada mais que pagar.

Toda a game anda ofendida
em dizer-se o que não é.
Ela quer a sua poesia
que não chega a ser nada.

Tudo ao jogo é que chega
e agora, bom perdulário,
vive bem do que não deixa
em poesia de milharão.

RISO E CONTRA-RISO

(sátiras)

1

V I-A descer a escada
Vestida como rainha,
Mas quando a vejo deitada
Tem um corpo de sardinha.

3

Dom janota de Tavira
tem títulos a abarrotar:
cada um uma mentira
sem nada mais que pagar.

9

Toda a gente anda afanada
em dizer-se o que não é.
Há muita água parada
que não chega a ser maré.

10

Perdeu ao jogo o que tinha
e agora, bom perdulário,
vive bem do que não tinha,
em gostos de milionário.

14

Vê-se só metade dela
diante do espelho, nua.
Que a outra metade é aquela
quando se passeia na rua.

17

Escura, anda uma asa
voando no ar, serena.
Tenho pena do que dizes
Pelo que fazes sem pena.

19

Quando me dizem que o estilo
é um saber meditado,
eu penso sempre naquilo
que se diz sem ser pensado.

20

Não te vás por aí fora
buscando terras e mar.
Em cada um nasce a aurora
para quem a sabe buscar.

26

Sabe o mundo o que se passa
no fundo de uma palavra?
A terra é feita de graça
para a mão que bem a lavra.

30

Aquela luz que lampeja,
é o meu mal e o meu bem:
mais vale o que se deseja
do que aquilo que se tem.

32

Venha o sol e venha a lua
ver tão grande estenderete:
— a luxúria anda na rua
já sem saia e sem corpete.

38

Não te pedi. Foste tu
que te despiste assim.
Mas ao ver teu corpo nu,
tive que fugir de mim!

41

Que piedade ele aparenta
junto do caixão da morte,
ainda vermelha, sangrenta,
tem a arma atrás da porta.

45

Pedes que te chamem «Mestre»
com filáucias e altivez.
Sempre na crosta terrestre
houve burros com arnês.

47

No Chiado, a hora amara.
— Homem de glória delida,
só não te parti a cara
porque já a tinhas partida.

48

À força de ódio e de crítica
(pense-se dele o que se pense),
entrou tarde na política
mas toda a rua lhe pertence.

54

Não rouba, não é ladrão,
nada há que lhe dizer,
mas a quem lhe aperta a mão
tudo pode acontecer.

55

Tu sabes tão bem fingir
tão aberto és no falar,
que quando te vejo a rir,
penso que estás a chorar.

7/12/71

59

A minha vida em legenda
é uma legenda partida,
feita de cacos de lenda
do que foi a tua vida!

60

Claro que esses cacos são
nobre pedra do meu lar,
valendo só a razão
para os fazer rebrilhar.

5/1/1973

[Excertos do livro «Riso e Contra-Riso», sátiras poéticas.]

INTIMITÉS

Petite chanson du départ...

MOUR:

— Sais-tu me dire
Pourquoi mon cœur,
Avec un sourire,
Aime sa douleur?

— Et pourquoi ma douleur,
A bout de souffrir,
Devient un sourire
Sur ta bouche en fleur?

— Et pourquoi ta bouche
Est-elle, d'ailleurs,
Quand mon cœur y touche,
Tout mon seul bonheur?

...

Ah jamais, alors,
Tu le sauras dire
Car je t'aime encor
...Et tu vas partir!

[Poesia musicada por Monique Urdarianu.]

Eternelle présence

O UI, va-t-en!
Tu peux t'en aller,
Sans plainte et sans blâme...

Car tu le sais bien

Qu'en mon âme

Tout l'espace où tu n'es pas

C'est toujours occupé

...Par Toi!

Tu vois... Va-t-en,

Tu peux t'en aller!

[Poesia musicada por Monique Urdarianu.]

VÁRIA

Teus olhos são andorinhas...

tibRIA
EUS olhos são andorinhas
negras como a noite escura.
Quando voam, coitadinhas,
voam cheias de amargura...

Solta as duas andorinhas
dos teus olhos, meu amor,
deixa-as voar com as minhas
pelo céu da minha dor.

As andorinhas escuras
do teu olhar — oh que escolhos!
fizeram ninho de agruras
nas meninas dos meus olhos.

E com essas andorinhas
voo pelo céu em brasas,
rezando mil ladaínhas
nas contas das tuas asas.

Amor: as contas escuras
dos teus olhos com os meus
são umas contas p'las quais
dos meus pecados mortais
eu peço perdão a Deus!

Mas sabes? Deixa contudo,
que continuem a voar
essas asas de veludo
que partem do teu olhar!
...E que cada pena caindo
seja o nosso amor subindo
subindo sem se cansar!

[Aveiro, 1920; alterada e acrescentada em data tardia não conhecida.]

bibRIA

Dedicatória

a Beatriz

A QUELA cujo olhar é minha cruz,
Onde se crucifica a minha mágoa;
Que é triste como a alma de Jesus,
Falando com os olhos rastos de água...

Àquela cujo amor cheio de penas
É feito de amargura e de incerteza,
Erguendo para o céu como açucenas
As suas mãos de dúvida e Beleza!

Que, quando a amo e em preces minha alma
De unções a veste e em êxtases a adora,
Sobre mim poisa uma carícia calma
Dos olhos doces, e, em silêncio, chora...

Àquela em cuja boca de oração
Minha boca adormece, palpitante;
Que é mais linda e cheia de paixão
Que a Beatriz cantada pelo Dante...

Ofereço as frases simples e singelas
Que aqui escrevo à pressa e quase a medo,
Em seu frio perfil guardando aquelas
Intenções que sublinham seu segredo...

Que ela as leia em silêncio e que, consigo,
À noite as reze sob a unção da luz,
Lembrando-se, Senhor, daquele amigo
De cujo amor é feita a minha cruz!

E então a sua boca pura e ardente,
Cheia de aromas, graças e luar,
Há-de chamar por mim, saudosamente,
E, a beijar-me de longe... há-de chorar!

Coimbra - Triste mês dos crisântemos gelados, 1920. [Nota do Autor]

bibRIA

Ouvir mulheres...

OUVIR mulheres... quem dissera tal:
É, na sua atracção, as mais das vezes,
Para a alma donil dos portugueses,
O mais doce prazer de Portugal!

A gente esquece a dor, o bem e o mal,
Esquece o tempo, não atina os meses,
Só para ouvirmos uma vez ou vezes
O secreto vibrar desse cristal.

Ouvir mulheres! Quem já soube ter
A graça de escutar na sua voz
O bem de tudo aquilo que perdemos?

Homens, sonhai, sonhai, neste prazer
De ouvir falar mulher's — porque... ai de nós!
Foi apenas p'ra isso que nascemos!

Que não se leia em silêncio e que, contudo,
À noite se cese sob a unção da lua,
Lembrando-se, Senhor, daquela amiga
De cujo amor é feita a minha vida!

Ilusão a sua boca para o beijo,
Chela de anjo, grego e luar,
Há-de chamar por mim, talvez sempre,
E, a beijar-me de longe... lá-de-cima!

Estátua de lágrimas

MARAVILHOSA vida de Amargura!
Olhem para mim: oh! que logismo o meu:
— Por tanta dor, a dor é Formosura
Para meus olhos ávidos de céu!

E nesta noite torva, ardente e escura,
Em que meu coração adormeceu,
Sinto nascer a luz de quem procura
E o encontra, um bem que há muito se perdeu!

Maravilhosa vida de Tristeza!
Tuas dores são curvas de Beleza
Para os meus olhos fartos de chorar...

— Porque nas tuas linhas cruas, fátuas,
As lágrimas são rútilas estátuas,
Formosas como jaspes ao luar...

Coimbra, Julho de 1919.

Natal-Nascer

NATAL. O tempo é nulo. Fixa bem
O fim viril desta expressão: — Nascer!
A terra abriu o ventre — e inteira, é Mãe;
A noite — augúrio e flor do que vai Ser!

Natal. E o verbo é novo em tua boca.
Tudo se engendra — ó vozes sem mistério! —
E vibra, sem medida que o apouca,
Num torvo e mudo isolamento etéreo.

O resto, Amor, sem cifras e sem fundo,
Parece reduzir-se ao luciolar
De uma pequena estrela sobre o mundo...

Porque só tu e Deus são no universo!
E, obediente ao signo de cantar,
Esta cadência a asas do meu verso.

Do livro inédito «Vida de Frei Amor e outros Poemas». [Nota do Autor]

No pátio «de los Naranjos»

Tão faladas, tão descritas,
Elas aqui estão
Sobre o verde tronco em espumínio cachão,
Noivando a 40 graus de febre puerperal...

Elas aqui estão, extrovertidas
Num espasmo exótico,
As laranjeiras floridas
Do pátio gótico
Da Catedral.

Entremos com cautela, devagar,
Em passadas moles de levita,
Temerosos de perturbar
O espírito de Deus que aqui habita.

O ar é verde, olente a mirtos e romãs;
A luz, um verso de Ispa-ani;
Tudo como nas manhãs
Em que, entre vinhas e palmares,
Subia a Ain-Guedi
A morena dos **Cantares**.

Elas aqui estão — as tão cantadas e descritas
As tão pintadas e reditas
E solenes laranjeiras.

E cada uma tem

Um ar contente
(E também garoto)
De meninas solteiras
Que pensam, trémulas, em ser mãe
E sorriem para a gente
Com a graça dos anjos de Giotto.

Pátio de los Naranjos,

Pátio dos anjos

À hora do recreio...

Paraíso sem vidraça,

Onde, sob o gorjeio

Das comas floridas,

Parece que as nossas vidas

Santa Cecília as leva pela mão

— A caminho da graça,

— A caminho da ilusão!

Sevilha, 1947.

**Carnet de route
Campos da Gironda...**

TERRA de França sem ti
É como um luto entre irmãos.
Como Deus perdendo a Terra
Que Ele fez por suas mãos!

Terra de alma, verde solo
De signos de arte coalhado
— Reflecte-se o teu perfil
Em arte e sonho moldado.

Perfil de tanta beleza
(Onde a medida que o mede?)
Que só a graça francesa
O iguala mas não excede.

Junto à linha, corre agora
Um rio de girassóis
Como um sangue de cor de oiro
De fulvas veias de heróis...

Mais adiante, no horizonte,
Cavalgando sem esperanças,
Filas de choupos simulam
Quixotes de verdes lanças.

Depois é a agulha altaneira
De um coruchéu medievo,
Tão em prece que o ar, em volta,
Parece ajoelhar-se de enlevo!

Reflexão

**E neste cortejo alado
De coisas e formas belas,
Só considero uma falta:
— A tua ausência dentre elas!**

Gare d'Orleans, 17,30 h. de 17 de Agosto, 1954. [Nota do Autor]

bibRIA

Canção da nossa ventura

A Hayat El-M. Azem
— para o seu refúgio
de «desencantada» no seu
Palácio de Damasco

ESTA é a canção que eu desejo guardar
Em urna de cristal durante a vida inteira,
Como uma flor azul no cetim do luar
E o trigo loiro a arder nos braços da ceifeira.
Esta é a canção sem princípio nem fim,
Que brota do meu ser como fonte no Inverno
E faz da minha alma um oriental jardim
Aonde a morte e a vida unem seu signo eterno.
Esta é, na verdade, aquela ideal canção
Que esperava sua forma e dentro de mim vivia;
Para a qual quis Deus que eu tivesse coração
E que nascesse em mim a luz da Poesia.
Nasce porque eu nasci; abre as asas sonoras
Aos frêmitos da luz porque em mim, também,
Dramáticas, vitais, tângem, fundas, as horas
Que tocam na essência o destino de alguém.
Porque sou homem, ela à minha boca veio

No hino triunfal desta manhã divina,
Tendo, para harmonia, a redondez de um seio
E p'ra canto de amor a minha própria sina!
E toda sonho e ardor e volúpia florida,
Quase sem forma real, sem linhas e sem frases,
Semelha em seu contorno uma exangue ferida
A delir-se em penumbra e sombras de lilases...
Verbo, no entanto, que tudo exprime, fecundo,
Daquela a quem eu quero e aquela que me quis;
— Aqui, nesta janela aberta sobre o mundo,
Onde chega o olor das rosas de Paris!
Esta é a canção que eu quero guardar
Em urna de cristal durante a vida inteira,
Como uma flor azul no cetim do luar
E o trigo de oiro a arder nos braços da ceifeira.

St. Germain-en-Laye, Ano do nosso encontro. [Nota do Autor]

bibRIA

Angústia em Paris

- «**E** STA noite, no **Chien qui Fume**. Venham todos.
Erika e Jean de Paul. E Katrin. **Entendu?**»
— «Entendido!»

Mas como em Alain Grillet,
Tudo resultou como não estava escrito:
As coisas perderam o seu porquê
E à lua redonda de Markevitch
Sucedeu a Solidão e o Grito.

Na rua, os fachos em i
Dos últimos automóveis
Que regressam a Neuilly.

A ideia de Ser
Estava quase a não ter razão.
Silêncio. Pânico. 2ª Sessão.
E o que não era, foi. Veio o alvorecer
Desta certeza: o Amanhã — que é ter um hoje, hoje!
Ou seja como quem diz
O mero quotidiano,
Mas tão seguro, tão potente, tão humano...
— Tão diariamente feliz!

Paris, 21/9/1962.

Perspectiva tropical

Para Susana

VOLÚPIA felina
Em pura noite desmaiada.
Estás ali.

Olorosa, nua, erecta,
ardentemente talhada
no capitoso onix da tua cor,
e a suscitar

— força
— posse
— amor,

desde a ponta erecta
dos seios ao frémito do sexo
e a alegria branca do luar.

Que importa o mundo donde vens
se contigo tens
a graça ardente
em que te esculpiu
o cinzel dos destinos!
Não te movas. Não fales.
Venha o artista. O teu corpo está pronto,
e vibra, e vibra,
naquela cadência misteriosa e quente
das cordas dos violinos...

Ela está ali.
Como em toda a parte,
— sem Tempo e sem Era.
Esperando o homem
que lhe dê, em Arte,
o que ela espera.

Lisboa, VII - 1971.

bibRIA

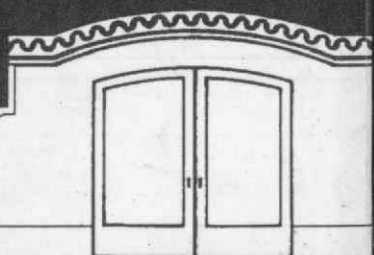
O grande crepúsculo

Tudo parou e espera.
— Palavras, Tempo,
dizei-me onde se obumbrou a Primavera
que, ciclicamente, anunciava
o renovo de tudo o que não estava
e ia — força do cosmos — metamorfosear-se
no permanente do que devia ser...
Palavras, Tempo,
preenchei este trágico intermédio
do que vem de Deus até mim!

...E a agonia assume um disfarce
do que, já sem remédio,
biologicamente só é Fim.

Março, 1970.

bibRIA



Antonio de Centina : Vida, Obra,
F.L. 82:829 Cúrtima, Antq

014600



82:9
A

Nº de Registro: 14600



Data Entrada: 20 / 01 / 2000

Cota: F.L. 82:829 Cúrtima, Antônio de Nóbrega

M.F.N.: 90270

Antônio de Cúrtima : Vida, Obra,
F.L. 82:829 Cúrtima, Ant

014600



bibRIA